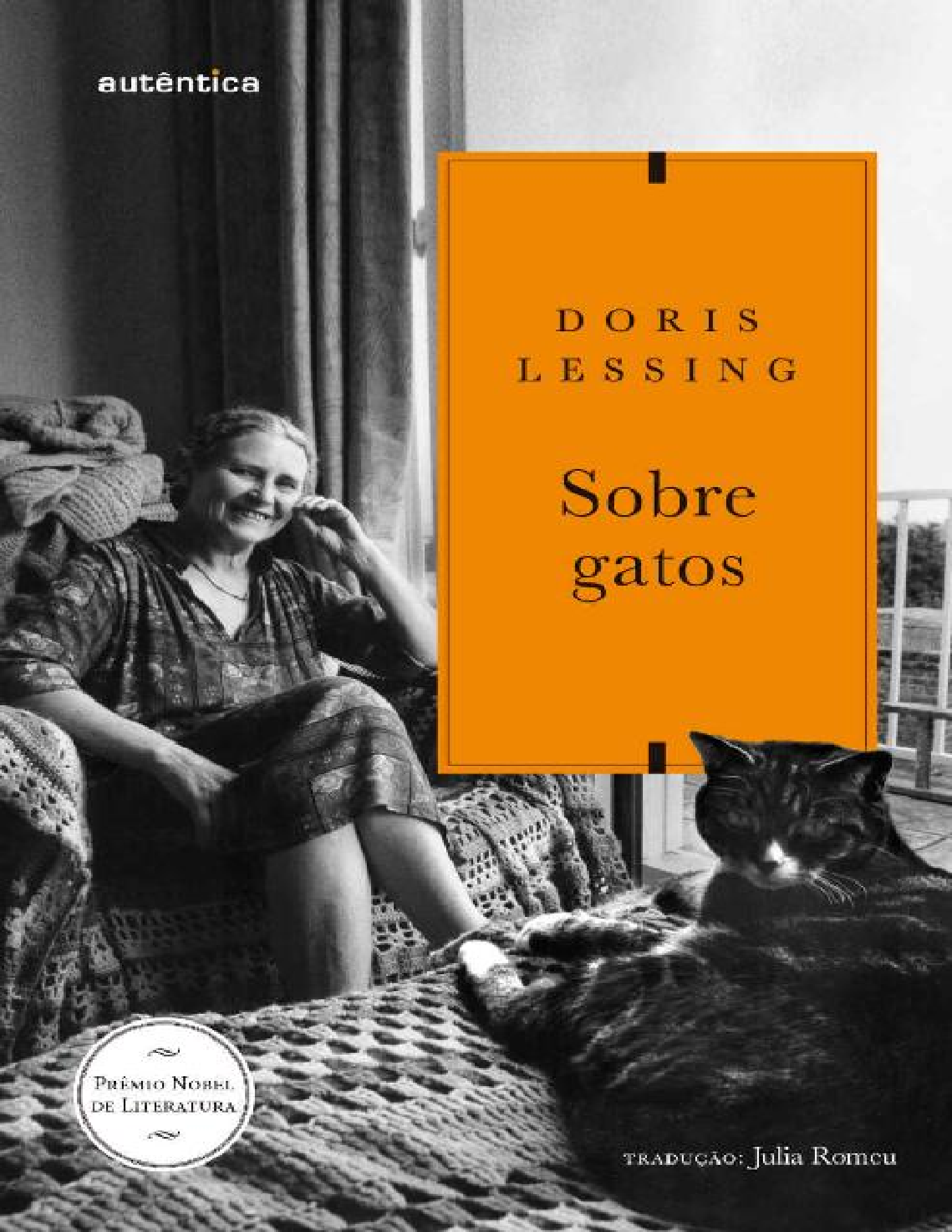


autêntica

DORIS LESSING

Sobre gatos

Prêmio Nobel de Literatura

Tradução: Julia Romeu

DORIS
LESSING

Sobre gatos

TRADUÇÃO: Julia Romeu

autêntica

Copyright © 1967 Doris Lessing Productions Ltd
Copyright © Doris Lessing 1989, 2000, 2002
Copyright © 2017 Autêntica Editora
Sobre gatos: coletânea publicada originalmente na Grã-Bretanha pela Flamingo, em 2002.
Gatos em particular: publicado originalmente pela Grafton Books, em 1967.
Gatos em particular e Rufus, o sobrevivente: publicado originalmente em volume único pela Michael Joseph, em 1989.
A velhice de El Magnifico: publicado originalmente pela Flamingo, em 2000.

Título original: *On cats*

EDITORA RESPONSÁVEL
Maria Amélia Mello

EDITORA ASSISTENTE
Rafaela Lamas

REVISÃO
Cecília Martins

CAPA
Diogo Droschi (sobre foto de Marianne Majerus)

DIAGRAMAÇÃO
Waldênia Alvarenga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lessing, Doris, 1919-2013
Sobre gatos / Doris Lessing ; tradução Julia Romeu. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

Título original: On cats
ISBN 978-85-513-0252-1

1. Escritoras inglesas - Autobiografia 2. Gatos - Miscelânea 3. Lessing, Doris May, 1919-2013 - Biografia I. Romeu, Julia. II. Título

17-04316 CDD-823.914

Índices para catálogo sistemático:
1. Escritoras inglesas : Autobiografia 823.914

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975
www.grupoautentica.com.br
Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500
São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Sobre gatos

Capítulo um

Como a casa era situada numa colina, gaviões, águias e aves de rapina, espiralando ao sabor das correntes de ar por sobre a mata, pairavam muitas vezes ao nível dos olhos, às vezes abaixo. Baixava-se o olhar e estava-se diante de asas marrons e negras brilhando ao sol, com uma envergadura de quase dois metros, inclinando-se quando o pássaro fazia uma curva. Nos campos lá embaixo, era possível ficar quase imóvel num sulco na terra, de preferência onde o arado cavara fundo ao dar a volta, sob uma tela de grama e folhas. As pernas, pálidas demais contra o solo marrom-avermelhado, apesar de estarem queimadas de sol, tinham de ser cobertas de terra ou enfiadas nela. A centenas de metros de altura, uma dúzia de pássaros circulava, todos esquadrinhando o campo à procura de pequenos movimentos de camundongos, aves ou toupeiras. Escolhia-se um deles, aquele que estivesse bem acima da cabeça, talvez; talvez, por um segundo, fantasiava-se uma troca de olhares: os olhos frios e fixos do pássaro nos olhos friamente curiosos do humano. Sob o corpo estreito como uma bala, entre imensas asas suspensas, as garras estavam de prontidão. Após meio minuto, ou vinte, o pássaro mergulhava em linha reta na direção da criatura minúscula que escolhera; depois lá se ia ele, num amplo e firme bater de asas, deixando para trás um redemoinho de pó rubro e um cheiro acre e rançoso. O céu voltava a ser o que fora: um espaço distante, azul e silencioso, com seus grupos dispersos de pássaros rodopiantes. Mas, no topo da colina, um gavião poderia facilmente sair com um mergulho lateral da corrente de ar onde estivera pairando para escolher sua presa –

uma das nossas galinhas. Ou até mesmo voar colina acima seguindo uma das trilhas que cortavam a mata, as asas cautelosamente mantidas rentes aos galhos baixos: estaria o pássaro indo contra sua natureza ao voar pela alameda de ar por entre as árvores em vez de mergulhar do céu para a terra?

Nossas galinhas eram, pelo menos de acordo com seus inimigos, um suprimento de carne sempre renovado para os gaviões, as corujas e os gatos selvagens num raio de muitos quilômetros. Do nascer ao pôr do sol, as aves domésticas caminhavam pelo cume exposto da colina, um alvo fácil para os saqueadores por causa de suas reluzentes penas pretas, marrons e brancas e por estarem continuamente piando, cacarejando, ciscando e se exibindo.

Nas fazendas da África, tem-se o costume de cortar os topos de latas de parafina e gasolina e fixar na terra esses quadrados de metal brilhantes para que reluzam ao sol. Para assustar os pássaros, dizem. Mas eu já vi um gavião descer de uma árvore para pegar uma galinha sonolenta de cima dos ovos que estava chocando, e isso com cães, gatos e humanos, tanto negros quanto brancos, ao redor dela. Certa vez, durante um chá servido do lado de fora da casa, uma dúzia de pessoas testemunhou um filhote de gato já grande sendo arrancado da sombra de um arbusto por um gavião num mergulho. No longo e quente silêncio do meio-dia, quando se ouvia de repente um piado, um cacarejo ou o farfalhar de penas, tanto podia ser porque um gavião levara uma galinha quanto porque uma galinha fora montada por um galo. Mas havia muitas galinhas. E tantos gaviões que não fazia sentido atirar neles. A qualquer momento em que se estivesse na colina, olhando o céu, era certo que haveria um pássaro fazendo círculos no ar a menos de um quilômetro de distância. Quase cem metros abaixo, uma sombra minúscula passava depressa sobre as árvores, sobre os campos. Sentada em silêncio sob uma árvore, já vi bichos ficarem paralisados ou correr para um abrigo ao alerta de uma sombra de asas enormes muito acima, quando esta os alcançava ou fazia escurecer por um instante a luz sobre a grama e as folhas. Nunca

havia apenas um pássaro. Dois, três, quatro pássaros voavam em círculos, em grupo. “Por que logo ali?”, alguém se perguntava. É claro! Todos aproveitavam, em diferentes alturas, a mesma corrente de ar. Um pouco mais adiante, outro grupo. Bastava olhar com cuidado – e o céu estava repleto de pontos negros; ou, se o sol batia neles de determinada maneira, pontos brilhantes, como a poeira que se vê na luz que entra pela fresta de uma janela. Em todos aqueles quilômetros de ar azul, quantos gaviões? Centenas? E todos deles capazes de completar a jornada até nossas aves domésticas em poucos minutos.

Por isso, não se atirava nos gaviões. A não ser por raiva. Lembro que quando aquele filhote de gato desapareceu no céu, miando, nas garras do gavião, minha mãe disparou a espingarda no encalço dele. Em vão, é claro.

Se as horas do dia eram dos gaviões, a alvorada e o crepúsculo eram das corujas. As galinhas eram enxotadas para dentro dos galinheiros quando o sol se punha, mas as corujas se acomodavam nas árvores durante o período que lhes pertencia; e era possível que uma coruja sonolenta e tardia pegasse uma ave aos primeiros raios de sol, quando os galinheiros eram abertos.

Gaviões para a luz do sol; corujas para a meia-luz; mas, para a noite, gatos: gatos selvagens.

E nesse caso havia uma justificativa para o uso de armas. Os pássaros tinham a liberdade de se locomover por milhares de quilômetros de céu. Um gato tinha de ter uma toca, uma fêmea, filhotes... pelo menos uma toca. Quando um deles escolhia viver na nossa colina, nós o matávamos. Os gatos vinham à noite até os galinheiros, encontravam buracos inacreditavelmente pequenos nas paredes ou no arame. Gatos selvagens acasalavam com nossos gatos domésticos, atraindo animais pacíficos e mansos para a vida perigosa da mata, para a qual, tínhamos certeza, eles não estavam preparados. Gatos selvagens tornavam dúbia a condição de nossos reconfortantes animais.

Um dia, um homem negro que trabalhava na cozinha disse que tinha visto um gato selvagem numa árvore a meio caminho entre o sopé e o topo da colina. Meu irmão não estava em casa; então peguei o rifle calibre 22 e fui atrás do bicho. O sol estava a pino: não era a hora dos gatos selvagens. Numa árvore que ainda não tinha crescido totalmente estava o gato, esticado em cima de um galho, sibilando. Seus olhos verdes chamejavam. Gatos selvagens não são criaturas bonitas. Têm um pelo marrom-amarelado que é feio e áspero. E cheiram mal. Esse gato tinha roubado uma galinha nas últimas doze horas. A terra sob a árvore estava repleta de penas brancas e pedaços de carne que já fediam. Odiávamos gatos selvagens, que sibilavam, arranhavam, grunhiam e nos odiavam. Aquele era um gato selvagem. Dei um tiro nele. Ele despencou do galho, caiu aos meus pés, se contorceu um pouco em meio às penas brancas e ficou imóvel. Normalmente, eu teria pegado a carcaça pela cauda sarnenta e malcheirosa e atirado num poço seco que ficava ali perto. Mas algo naquele gato me incomodou. Inclinei-me para observá-lo. O formato de sua cabeça não era o de um gato selvagem; e o pelo, por mais áspero que fosse, ainda era macio para um gato selvagem. Eu tinha de admitir. Aquele não era um gato selvagem, era um dos nossos gatos. Reconhecemos aquele cadáver feio como sendo Minnie, uma gatinha encantadora que, dois anos antes, tinha desaparecido – levada, pensáramos nós, por um gavião ou uma coruja. Minnie era metade persa, uma criatura macia e dada a carinhos. Essa era ela, a devoradora de galinhas. E, não muito longe da árvore onde foi morta, encontramos uma ninhada de gatinhos selvagens; mas esses eram selvagens mesmo, e os seres humanos eram seus inimigos: tivemos pernas e braços mordidos e arranhados como prova. Por isso, os aniquilamos. Ou melhor, minha mãe tomou as providências para que fossem aniquilados; pois, devido a alguma lei da nossa casa sobre a qual só refleti muito mais tarde, esse tipo de trabalho sórdido cabia a ela.

É só pensar um pouco: sempre havia gatos na casa. O veterinário mais próximo ficava em Salisbury, a quase cem quilômetros de distância. Não conseguia me lembrar de nenhum gato sendo "esterilizado", certamente não as fêmeas. Gatos levam a filhotes, muitos e frequentes. Alguém tinha de se livrar dos filhotes indesejados. Talvez os africanos que trabalhavam na casa e na cozinha? Eu me lembro de como era comum ouvir as palavras *bulala yena* (mata!). Para os animais e aves feridos ou doentes da casa e da fazenda: *bulala yena*!

Mas havia uma espingarda e um revólver na casa, e era minha mãe quem usava.

Com as cobras, por exemplo, era geralmente ela quem lidava. Sempre havia cobras na nossa casa. Isso soa terrível e acho que devia ser, mesmo; mas convivíamos com elas. Eu tinha muito menos medo de cobras do que de aranhas – enormes, variadas e incontáveis, estas transformavam minha vida num tormento. Havia najas, mambas-negras, biútas e víboras-da-noite. E uma particularmente maligna chamada *boomslang*, que tem o hábito de se enroscar num galho, num pilar da varanda ou num outro ponto alto e cuspir na cara de quem a perturba. Muitas vezes na altura dos olhos, cegando as pessoas. Mas, durante vinte anos de cobras, o único mal que nos aconteceu foi que uma *boomslang* cuspiu nos olhos do meu irmão. A visão dele foi salva por um africano que usou medicina tribal.

Mas alguém sempre soava o alarme: há uma cobra na cozinha; ou na varanda; ou na sala de jantar; em todos os lugares, aparentemente. Certa vez, quase peguei uma víbora-da-noite, confundindo-a com uma meada de lã. Mas ela se assustou comigo e seu sibilo nos salvou a ambas: eu saí correndo e ela fugiu. Certa vez, uma cobra entrou numa escrivaninha que era um ninho de papéis amontoados em diversos compartimentos. Minha mãe e os criados levaram horas para conseguir tirar o bicho dali para que ela pudesse matá-lo com um tiro. Certa vez, uma cobra, uma mamba, entrou embaixo do cesto de grãos na cabana que servia de

despensa. Minha mãe teve de se deitar de lado e dar um tiro nela a três palmos de distância.

Uma cobra na pilha de lenha fez soar o alarme; e eu causei a morte de um dos meus gatos preferidos dizendo que a tinha visto rastejar entre dois troncos. O que vira era o rabo do gato. Minha mãe atirou numa coisa acinzentada que se movia; e o gato saiu aos gritos, com um rombo vermelho no flanco. Ele se contorceu e berrou em meio às aparas de madeira, com seu pequeno coração perfurado à mostra entre frágeis costelas quebradas. Morreu com minha mãe acariciando-o, aos prantos. A cobra estava enroscada num tronco alto a dois ou três metros dali.

Uma vez houve um enorme tumulto de gritos e alertas; e lá, numa aleia de pedra que corria por entre pés de hibisco e espinho-de-cristo, estava um gato em combate com uma esguia cobra negra que dançava. A cobra rastejou para o espinheiro de um metro de largura e lá permaneceu, com os olhos chamejando para o gato, que não conseguia se aproximar. O gato ficou ali a tarde toda, andando em torno da massa espinhenta que guardava a cobra, sibilando para ela, grunhindo para ela, miando. Mas, quando a escuridão surgiu, a cobra rastejou para longe, ilesa.

Lampejos de lembranças, histórias sem começo nem fim. O que houve com o gato que ficou deitado na cama da minha mãe, miando de dor, com os olhos inchados devido a uma cobra cuspidora? Ou com a gata que entrou chorando na casa, com a barriga arrastando no chão de tanto leite acumulado? Fomos ver os filhotes dela na caixa velha no galpão de ferramentas, mas eles haviam desaparecido; o criado examinou marcas na poeira ao redor da caixa e disse “*Nyoka*”. Uma cobra.

Na infância, as pessoas, os animais, os eventos surgem, são acolhidos e desaparecem, sem que nenhuma explicação seja oferecida ou requisitada.

Mas agora, pensando nos gatos, sempre gatos, centenas de incidentes envolvendo gatos, anos e anos de gatos, fico atônita com o trabalho que eles deviam dar. Tenho dois gatos em Londres agora;

e muitas vezes digo: “Que disparate ter tanto trabalho e preocupação por causa de dois animais pequenos”.

Todo esse trabalho deve ter sido feito pela minha mãe. Os cuidados da fazenda para o homem; os cuidados da casa para a mulher, mesmo que a casa envolvesse muito mais trabalho do que se associa com afazeres domésticos numa cidade. Era trabalho dela, também, porque cada natureza exige o trabalho que lhe é mais compatível. Minha mãe era compassiva, sensata, astuta. Era, acima de tudo e em cada detalhe, prática. Mas era mais do que isso: fazia parte daquela parcela da humanidade *que entende como as coisas funcionam*; e se amolda a elas. Um papel bastante cruel.

Meu pai entendia o suficiente; era um homem do campo. Mas sua atitude surgia como um protesto; se algo tinha de ser feito e providências tinham de ser tomadas, uma posição final era assumida – e era minha mãe quem a assumia. “Então é isso! Pelo visto...”, dizia ele, com uma raiva irônica que também era admiração. “A natureza”, dizia ele, resignando-se, “é muito boa se for deixada em seu lugar.”

Mas minha mãe, que tinha na natureza o seu elemento, na verdade seu dever e seu fardo, não perdia tempo com filosofia sentimental. “É fácil para você, não é?”, dizia ela; jocosa, sempre jocosa; mas ressentida, é claro, pois não era meu pai que afogava os gatinhos, atirava na cobra, matava as galinhas doentes ou queimava enxofre nas colônias de cupim: meu pai gostava de cupins, se divertia observando-os.

Isso torna ainda mais difícil de entender o que levou àquele fim de semana aterrador em que fui deixada a sós com o meu pai e cerca de quarenta gatos.

Tudo que me lembro daquela época que poderia servir de explicação é o comentário: “Ela ficou de coração mole e não consegue mais afogar um gatinho”.

Isso foi dito com impaciência, com irritação e – de minha parte – com uma raiva nua e crua. Naquela época eu estava numa batalha contra a minha mãe, numa luta de morte, uma luta por

sobrevivência, e talvez isso tenha tido algo a ver com aquela história, não sei. Mas agora me pergunto, atônita, o que teria levado ao colapso de sua coragem. Ou seria um protesto? Que tristezas íntimas se expressavam daquele modo? O que ela estava realmente dizendo durante aquele ano em que se recusava a afogar gatinhos ou a sacrificar gatos adultos que realmente tinham de ser sacrificados? E, afinal, por que partiu e deixou nós dois, sabendo perfeitamente – pois não podia deixar de saber, já que fazia essa ameaça sempre e aos gritos – o que ia acontecer?

Durante um ano, ou menos, minha mãe se recusou a fazer seu papel de reguladora, de juíza, de equilíbrio entre a razão e as irracionais proliferações da natureza, e o resultado foi que a casa, os galpões ao redor da casa, a mata que rodeava a fazenda, tudo ficou infestado de gatos. Gatos de todas as idades; gatos mansos, selvagens e nos estágios entre uma coisa e outra; gatos sarnentos, com feridas nos olhos, mutilados e aleijados. E o pior é que havia meia dúzia de gatas grávidas. Não havia nada para impedir que nós, dentro de poucas semanas, nos tornássemos o campo de batalha de cem gatos.

Algo tinha de ser feito. Meu pai disse isso. Eu disse. Os criados disseram. Minha mãe apertou os lábios e não disse nada, mas foi embora. Antes de partir, se despediu de sua gata preferida, uma velha gata tigrada que era a mãe de todos os outros. Acariciou-a suavemente e chorou. Disso eu me lembro, de me sentir inútil, porque não conseguia compreender o tamanho desamparo daquelas lágrimas.

No momento em que ela se foi, meu pai disse diversas vezes, “Bem, isso tem de ser resolvido, não tem?”. Sim, tinha; por isso, ele ligou para o veterinário na cidade. O que não era nada simples de fazer. O telefone era ligado a uma linha compartilhada por vinte outros fazendeiros. Quem quisesse usá-lo tinha de esperar que todas as fofocas e as novidades das fazendas silenciassem; e então ligar para a central telefônica; e então pedir uma linha para a cidade. Eles ligavam de volta quando houvesse uma linha disponível. E

podia levar uma, duas horas. Isso tornou tudo muito pior, ter de esperar, observando os gatos, desejando que aquele processo terrível já tivesse acabado. Ficamos sentados, lado a lado, à mesa da sala de jantar, esperando que o telefone emitisse nosso toque particular. Afinal conseguimos falar com o veterinário, que disse que a maneira menos cruel de matar gatos adultos era com clorofórmio. A farmácia mais próxima ficava em Sinoia, a mais de trinta quilômetros de distância. Fomos de carro até Sinoia, mas a farmácia estava fechada para o fim de semana. De Sinoia, ligamos para Salisbury e pedimos que um farmacêutico colocasse um vidro grande de clorofórmio no trem do dia seguinte. Ele disse que ia tentar. Naquela noite, ficamos sentados diante da casa, sob as estrelas; era para lá que íamos todo fim de tarde, a não ser que estivesse chovendo. Estávamos arrasados, furiosos, culposos. Fomos para a cama bem cedo para fazer o tempo passar mais depressa. O dia seguinte foi um sábado. Fomos de carro até a estação, mas o clorofórmio não estava no trem. No domingo, uma gata teve seis filhotes. Eram todos deformados: havia algo de errado com cada um deles. Meu pai disse que era por causa do cruzamento consanguíneo. Se for verdade, é impressionante que menos de um ano disso pudesse ter transformado alguns poucos animais saudáveis em um exército de aleijados doentios. O criado deu cabo dos filhotes e nós passamos outro dia horrível. Na segunda-feira, fomos de carro até a estação, esperamos o trem e voltamos com o clorofórmio. Minha mãe ia chegar na segunda à noite. Pegamos uma grande lata de biscoitos hermeticamente fechada e colocamos um velho gato, doente e infeliz, dentro dela, junto com um chumaço de algodão embebido em clorofórmio. Não recomendamos esse método. O veterinário disse que seria instantâneo; mas não foi.

No final das contas, os gatos foram reunidos e colocados num cômodo. Meu pai entrou no cômodo com seu revólver da Primeira Guerra, mais confiável, disse ele, do que uma espingarda. A arma ressoou uma vez, e mais uma, e mais uma, e mais uma. Os gatos

que ainda não tinham sido pegos pressentiram seu destino e estavam gritando, furiosos, por toda a mata, com pessoas atrás deles. Meu pai saiu do cômodo em determinado momento, muito branco, com os lábios comprimidos de raiva e os olhos marejados. Vomitou. Depois, praguejou bastante e voltou para dentro do cômodo, onde os tiros continuaram. Afinal, ele saiu. Os criados entraram e levaram os cadáveres para o poço seco.

Alguns dos gatos escaparam – três jamais voltaram para aquela casa de assassinos, de modo que devem ter virado selvagens, preferindo se arriscar. Quando minha mãe voltou da viagem, e depois de o vizinho que a trouxera ter ido embora, ela caminhou em silêncio, sem fazer comentários, pela casa onde agora havia apenas um gato, sua velha preferida, dormindo em sua cama. Minha mãe não pedira que essa gata fosse poupada, pois ela era velha e não estava muito bem. Mas estava procurando por ela; e ficou sentada um bom tempo, acariciando-a e conversando com ela. Depois, foi para a varanda. Lá estávamos meu pai e eu, assassinos, conscientes disso. Ela se sentou. Ele enrolava um cigarro. Suas mãos ainda tremiam. Meu pai olhou para minha mãe e disse: “Isso não pode acontecer nunca mais”.

E acho que não aconteceu mais mesmo.

Senti raiva do holocausto de gatos, porque ele poderia ter sido evitado; mas não me lembro de ficar triste. Havia me dissociado disso por causa da minha angústia com a morte de uma gata alguns anos antes, quando eu tinha onze anos de idade. Diante do corpo frio e pesado que, inexplicavelmente, havia sido a criatura leve como pluma do dia anterior, eu dissera: nunca mais. Mas já tinha feito esse juramento antes, e sabia disso. Meus pais me contaram que, aos três anos de idade, eu estava passeando com a babá em Teerã quando, apesar dos protestos dela, peguei na rua um gatinho faminto e o levei para casa. Segundo eles, eu disse que aquele gatinho era meu e lutei por ele quando o pessoal de casa se recusou a abrigá-lo. Deram-lhe um banho de permanganato de potássio, de tão imundo que estava; e, a partir daí ele passou a

dormir na minha cama. Eu não deixava que ninguém o tirasse de mim; mas é claro que alguém tirou, pois minha família deixou a Pérsia e o gato ficou para trás. Ou talvez tenha morrido. Talvez – mas como posso saber? De qualquer maneira, em algum ponto do passado, uma menina muito pequena tinha brigado e vencido em nome de um gato que lhe fazia companhia dia e noite; mas, então, ela o perdera.

Depois de certa idade – e, para alguns de nós, isso pode ocorrer muito cedo – não existem novas pessoas, animais, sonhos, rostos, acontecimentos: tudo já aconteceu antes, já apareceu antes, com outra máscara, outras roupas, outra nacionalidade, outra cor; mas é igual, igual, tudo é eco e repetição; e não há nem dor que não seja uma recorrência de algo há muito esquecido que se expressa numa angústia inacreditável, em dias de lágrimas, solidão, consciência de traição; e tudo por um gato pequeno, magro e moribundo.

Fiquei doente naquele inverno. Foi um problema, porque meu quarto ia receber uma demão de cal. Alojaram-me num quartinho nos fundos. A casa, que ficava quase no topo da colina, mas não exatamente, sempre parecia prestes a escorregar até os milharais lá embaixo. Esse quarto minúsculo, não mais do que uma fatia da extremidade da casa, tinha uma porta, sempre aberta, e janelas, sempre abertas, apesar do vento frio de um mês de julho cujos céus eram de um azul interminável, claro e sem nuvens. O céu, repleto de sol; os campos, iluminados. Mas frios, muito frios. A gata, uma persa cinza-azulada, chegou ronronando na minha cama e se acomodou para compartilhar minha doença, minha comida, meu travesseiro, meu sono. Quando eu acordava de manhã, ao me virar, meu rosto tocava lençóis semicongelados; o lado externo da coberta de pele sobre a cama estava frio; o cheiro de cal que vinha do cômodo ao lado era frio e antisséptico; o vento que levantava e baixava a poeira do lado de fora era frio – mas na dobra do meu braço havia um calor leve e ronronante, a gata, minha amiga.

Nos fundos da casa, na frente do banheiro, uma bacia de madeira sobre a terra recolhia a água do banho. Naquela fazenda não havia

encanamento: quando se precisava de água, ia-se até um poço a dois ou três quilômetros de distância, numa carroça puxada por bois. Nos meses da estação seca, a única água disponível para o jardim era a do banho, suja. A gata caiu nessa bacia num dia em que ela estava cheia de água quente. Ela gritou, foi arrancada de lá em meio a um vento gelado e banhada com permanganato de potássio – pois a bacia estava imunda, a água com sabão coalhada de folhas e poeira –; foi seca e posta na minha cama para se aquecer. Mas espirrava e resfolegava, e então começou a arder de febre. Era pneumonia. Demos a ela o que tínhamos em casa, mas naquela época não existia antibiótico, e assim a gata morreu. Ficou nos meus braços por uma semana, ronronando, ronronando, numa vozinha rouca e trêmula que foi se tornando vez mais fraca, até silenciar; lambeu minha mão; abriu os enormes olhos verdes quando a chamei e lhe implorei que vivesse; fechou os olhos, morreu e foi atirada num poço escuro – com mais de trinta metros de profundidade – que havia secado, porque num determinado ano os rios subterrâneos tinham mudado de curso e transformado aquilo que acreditávamos ser um poço confiável num buraco seco, rachado e pedregoso que logo estava cheio até a metade de lixo, latas e cadáveres.

Pronto. Nunca mais. E durante anos fiquei comparando gatos em casas de amigos, gatos em lojas, gatos em fazendas, gatos na rua, gatos em muros, gatos na memória com aquela criatura doce e cinza-azulada que ronronava e que para mim era o gato, o Gato, impossível de um dia ser substituído.

E, além disso, durante alguns anos minha vida não incluía supérfluos, artigos desnecessários, adornos. Gatos não cabiam numa existência sempre cambiante, de lugar em lugar, de quarto em quarto. Um gato precisa de um local que lhe pertença, tanto quanto precisa de uma pessoa que lhe pertença.

Assim, só 25 anos mais tarde houve espaço para um gato na minha vida.

Capítulo dois

Foi num apartamento grande e feio em Earls Court. O que precisávamos, decidimos nós, era de um gato rijo, simples e pouco exigente, capaz de se arranjar no que claramente se revelava, a qualquer vislumbre pela janela dos fundos, ser uma batalha selvagem por poder travada nos muros e jardins da vizinhança. Ele teria de pegar ratos e camundongos e comer o que lhe pusessem à frente. Não poderia ser um gato de raça e, portanto, delicado.

Essa fórmula, é claro, nada tinha a ver com Londres, mas com a África. Por exemplo, na fazenda, alimentávamos os gatos com tigelas de leite morno quando os baldes eram trazidos da ordenha; nossos preferidos ganhavam restos da mesa; mas nunca recebiam carne – eles próprios a caçavam. Se ficavam doentes e não se recuperavam após alguns dias, eram sacrificados. E, numa fazenda, é possível ter uma dúzia de gatos sem precisar pensar numa caixa de areia. Quanto às batalhas e aos equilíbrios de poder, eles se davam por causa de uma almofada, uma cadeira, uma caixa no canto de um galpão, uma árvore, uma nesga de sombra. Os gatos brigavam por território uns com os outros, com os gatos selvagens e com os cães da fazenda. Uma fazenda é um descampado e, portanto, ocorrem muito mais brigas do que numa cidade, onde um gato ou dois são os donos de uma casa ou de um apartamento e o defendem contra visitantes ou invasores. O que esses dois gatos farão um com o outro dentro das fronteiras do território é outra questão. Mas a linha de defesa contra intrusos é a porta dos fundos. Certa vez uma amiga minha teve de manter uma caixa de areia dentro de casa em Londres durante semanas, pois seu gato macho

estava sendo sitiado por outros doze que ocuparam os muros e as árvores do jardim, esperando para matá-lo. Então as marés da guerra mudaram, e ele pôde voltar a ocupar seu jardim.

Minha gata era um filhote já crescido, preto e branco e de origem obscura, que me garantiram ser limpo e obediente. Era um animal simpático, mas eu não a amava; nunca sucumbi; em resumo, estava me protegendo. Para mim, ela era neurótica, excessivamente ansiosa, irrequieta; mas isso não era justo, porque a vida de um gato na cidade é tão antinatural que eles nunca aprendem a ter a independência de um gato de fazenda. Eu me incomodava, pois ela esperava que as pessoas chegassem em casa – como um cão; exigia ficar no mesmo cômodo que nós e receber atenção – como um cão; precisava de ajuda humana quando tinha filhotes. Quanto a seus hábitos alimentares, ela ganhou essa batalha na primeira semana. Nunca, nem uma vez, comeu algo que não fosse fígado de vitela mal passado e pescada aferventada. Onde adquirira esses gostos? Fui tomar satisfação com seu ex-dono, que, é claro, não sabia. Dei-lhe ração enlatada para a gata, além de restos de comida; mas só quando estávamos comendo fígado ela demonstrou algum interesse. Fígado seria. E a gata se recusava a comer fígado grelhado em qualquer coisa que não manteiga. Certa vez, decidi deixá-la passar fome até que se submetesse. “É ridículo alimentar um gato, etc., etc., quando existe gente passando fome em outras partes do mundo, etc., etc.” Durante cinco dias ofereci ração e restos de comida. Durante cinco dias ela examinou o prato com um ar crítico e se afastou. Eu jogava fora a comida velha todas as noites, abria uma lata nova, voltava a encher a tigela de leite. Ela vinha andando devagar, inspecionava o que eu tinha oferecido, bebia um pouco de leite e se afastava desfilando. Emagreceu. Deve ter sentido muita fome. No fim, fui eu que me sujeitei.

Nos fundos do enorme edifício onde ficava nosso apartamento, uma escada de madeira levava do primeiro andar até o quintal. A gata se postava lá, de onde podia observar meia dúzia de quintais, a rua, um galpão. Quando ela chegou, gatos vieram de todos os lados

para examinar a novata. Ela permanecia no degrau mais alto, podendo fugir para dentro de casa se eles se aproximassem demais. Tinha a metade do tamanho dos enormes gatos machos que esperavam por ela. Jovem demais, pensei, para engravidar; mas engravidou antes de virar adulta, e não foi nada bom para ela ter filhotes quando ainda era um filhote.

O que me leva a... nossa velha amiga, a natureza. Que dizem ser tão sábia. Na natureza, uma gata fêmea engravida antes de estar completamente crescida? Tem filhotes quatro, cinco vezes por ano, seis filhotes por ninhada? É claro que uma gata não apenas come ratos e pássaros; também é uma fonte de alimento para os gaviões à espreita no ar acima das árvores onde está escondida com seus filhotes. Um gatinho bebê, saindo do abrigo em seu primeiro impulso de curiosidade, desaparece nas garras de um gavião. É muito provável que uma fêmea ocupada em obter comida para si e para seus filhotes será capaz de proteger apenas um deles, talvez dois. É notável o fato de que, se alguém levar embora dois filhotes de cinco ou seis de uma gata doméstica, ela mal irá notar: vai reclamar, procurar um pouco por eles e depois esquecer. Mas, se a gata tem dois filhotes e um desaparecer antes do momento certo de ir embora, ou seja, após seis semanas, ela será tomada por uma ansiedade histérica e procurará por ele na casa toda. Poderia uma ninhada de seis filhotes numa cesta quente dentro de uma casa na cidade ser considerada, talvez, comida de águia e gavião no lugar errado? Se for assim, como a natureza é inflexível, rígida: se os gatos são amigos dos homens há tantos séculos, será que a natureza não poderia ter se adaptado só um pouco e se afastado da fórmula: cinco ou seis filhotes a cada ninhada, quatro vezes por ano?

A primeira ninhada dessa gata foi anunciada com muitos queixumes. Ela sabia que alguma coisa ia acontecer; e queria se certificar de que haveria alguém por perto quando acontecesse. Na fazenda, as gatas iam ter filhotes em algum lugar escuro e bem escondido; e reapareciam um mês depois com a prole para

apresentá-la às tigelas de leite. Não me lembro de ter de providenciar um local de parto para as gatas da nossa fazenda. À gata preta e branca oferecemos cestas, armários, o fundo de um guarda-roupas. Ela não pareceu gostar de nada disso, mas nos seguiu pela casa durante os dois dias anteriores ao nascimento dos filhotes, se esfregando nas nossas pernas e miando. Quando entrou em trabalho de parto, escolheu o chão da cozinha, porque havia gente lá dentro. Um linóleo azul e frio e, sobre ele, uma gata gorda, miando por atenção, ronronando ansiosamente, sem tirar os olhos de seus ajudantes, com medo de ser abandonada. Pegamos uma cesta, colocamos a gata dentro dela e saímos para cumprir nossos afazeres. A gata foi atrás. Deixou claro que precisávamos ficar com ela. Passou horas e horas em trabalho de parto. Afinal, o primeiro filhote apareceu, mas estava em posição invertida. Uma pessoa segurou a gata e outra puxou as pernas escorregadias do filhote. Ele saiu, mas a cabeça ficou presa. A gata mordeu, arranhou e gritou. Uma contração expulsou o filhote e no mesmo segundo a gata, quase enlouquecida, se virou e mordeu-o na nuca, matando-o. Depois que os outros quatro filhotes nasceram, sãos e salvos, vimos que o morto era o maior e o mais forte. Essa gata teve seis ninhadas, todas de cinco filhotes; e ela matou o primeiro de cada uma delas, por causa da dor enorme que lhe causaram. Fora isso, foi uma boa mãe.

O pai era um gato preto muito grande com quem a gata, quando estava no cio, rolava pelo quintal; e que, nos outros períodos, permanecia sentado no degrau mais baixo da escada de madeira lambendo o próprio pelo, enquanto ela ficava no degrau mais alto, lambendo o dela. A gata não gostava que o gato entrasse no apartamento – ela o expulsava. Quando os filhotes chegavam ao estágio em que eram capazes de descer até o quintal, sentavam-se nos degraus, um, dois, três, quatro, todos pretos e brancos, e olhavam com medo aquele enorme macho que observava tudo. A mãe, afinal, ia na frente, com o rabo ereto, ignorando o gato preto. Os gatinhos iam atrás dela e passavam por ele. No quintal, ela

ensinava os filhotes a se limpar enquanto o gato observava. Então ela voltava na frente e subia os degraus; e eles vinham atrás, um, dois, três, quatro.

Eles não comiam nada além de fígado mal passado e pescada aferventada – fato que eu ocultava de seus potenciais donos.

Os camundongos não passavam de objetos de interesse para a gata e todos os seus filhotes.

O apartamento era dotado de uma engenhoca que eu nunca vi em nenhum outro lugar de Londres. Alguém havia tirado uma dúzia de tijolos da parede da cozinha e instalado uma grelha de metal do lado de fora e uma porta do lado de dentro; de modo que havia uma espécie de armário de comida na parede, talvez não muito higiênico, mas que fazia as vezes daquela necessidade obsoleta, a despensa. Lá, podia-se guardar pão e queijo num lugar fresco, mas não refrigerado, ideal para manter a umidade. Mas essa pequena despensa era invadida pelos camundongos. Eles viviam dentro das paredes e tinham sido condicionados a perder quase todo o medo de seres humanos. Se eu entrava de repente na cozinha e encontrava um camundongo, ele me fitava com seus olhinhos brilhantes e esperava que eu fosse embora. Se eu ficasse ali e não me mexesse, ele me ignorava e continuava a procurar comida. Se eu fazia um barulho alto ou atirava algo, ele desaparecia dentro da parede, mas sem entrar em pânico.

Não tive coragem de armar uma ratoeira de aço para pegar essas criaturas tão confiantes; achei que um gato, por assim dizer, poderia jogar limpo. Mas a gata ignorou os camundongos. Um dia, entrei na cozinha e a vi deitada na mesa, observando dois camundongos no chão.

Será que a presença dos filhotes despertaria seus instintos supostamente verdadeiros? Em pouco tempo ela deu à luz e, quando os filhotes estavam grandes o suficiente para descer as escadas, alojei a mãe e os quatro na cozinha, guardei a comida sólida e tranquei-os lá durante a noite toda. Desci de madrugada para pegar um copo d’água, acendi a luz e vi a gata esticada no

chão, amamentando os filhotes, um, dois, três, quatro; a menos de um metro dali, um camundongo estava de pé nas patas traseiras, perturbado pela luz, mas não pela gata. Ele nem sequer saiu correndo, apenas esperou que eu fosse embora.

A gata gostava da companhia dos camundongos, ou pelo menos a tolerava; e desarmou um cachorro bastante bobo do andar de baixo num dia em que ele, prestes a correr atrás dela, capitulou quando ela, aparentemente sem saber que cães eram inimigos, se enroscou em suas pernas, ronronando. O cachorro virou amigo da gata e de todos os seus filhotes. Mas ela demonstrou pavor numa ocasião em que, se os gatos são criaturas da noite, em paz com a escuridão, deveria ter mantido a calma.

Certa tarde, a noite caiu sobre Londres. Eu estava diante da janela da cozinha, tomando um café com uma visita depois do almoço, quando o ar ficou escuro e sujo e as luzes da rua se acenderam. Em dez minutos, ou menos, passamos do sol a pino à noite fechada. Ficamos amedrontadas. Será que tínhamos perdido a noção de tempo? Será que aquela bomba afinal explodira em algum lugar, cobrindo nossa terra com uma nuvem imunda? Será que uma das fábricas da morte espalhadas por esta bela ilha tinha acidentalmente emitido um gás letal? Em suma, seriam aqueles os nossos últimos segundos? Sem informações, ficamos diante da janela e observamos. Era um céu pesado, sufocante, sulfúreo; de um negror amarelado; e o ar queimava nossas gargantas, como acontece numa mina após uma explosão.

Fez-se um silêncio extraordinário. Em momentos de crise, esse silêncio expectante é o primeiro sintoma de Londres, mais perturbador do que qualquer outro.

Enquanto isso, a gata continuava em cima da mesa, tremendo. De tempos em tempos emitia... não um miado, mas um gemido, uma lamúria interrogativa. Ao ser erguida da mesa e acariciada, ela se remexeu, pulou no chão, rastejou devagar escada acima e se enfiou debaixo da cama, onde permaneceu, trêmula. Exatamente como um cão, na verdade.

Meia hora depois a escuridão desapareceu no céu. Um padrão insólito de correntes de ar havia prendido os eflúvios imundos da cidade, que em geral se dissipam atmosfera acima, sob um domo de ar obstinadamente imóvel. Então um novo vento soprou, alterou a massa, e a cidade voltou a respirar.

A gata ficou debaixo da cama a tarde toda. Quando finalmente foi convencida a descer, à luz clara e fresca do crepúsculo, sentou-se no parapeito da janela e observou a escuridão cair – a verdadeira escuridão. Então lambeu e alisou o pelo eriçado de medo, bebeu um pouco de leite e voltou ao normal.

Logo antes de me mudar daquele apartamento, tive de passar um fim de semana fora e um amigo ficou encarregado da gata. Quando voltei, ela estava sob os cuidados de um veterinário, com a pélvis quebrada. A casa tinha um telhado reto diante de uma janela alta, onde ela costumava tomar banho de sol. Por algum motivo, ela caiu desse telhado, que ficava a três andares de altura, numa área interna. Deve ter tomado um susto enorme ou algo do tipo. De qualquer maneira, teve de ser sacrificada, e decidi que ter gatos em Londres era um erro.

No endereço em que morei depois, era impossível ter gatos. Era um bloco de seis apartamentos minúsculos, um em cima do outro, ligados por uma escada fria de pedra. Nada de quintal ou jardim; o trecho de terra mais próximo devia ser em Regent’s Park, a quase um quilômetro de distância. Um lugar nada adequado aos gatos, era o que qualquer um imaginaria; mas uma gata imensa de pelagem tartaruga amarelada decorava a vitrine de um mercadinho de esquina; o dono contou que ela dormia sozinha lá dentro à noite; e que, quando ele saía de férias, a largava na rua para que se arranjasse. Não adiantou dar bronca no dono, que perguntou: A gata não parecia bem e feliz? Parecia. E estava vivendo assim havia cinco anos.

Durante alguns meses, um enorme gato preto morou na escada do bloco de apartamentos, sem pertencer, aparentemente, a nenhum dos moradores. Queria pertencer a um de nós. Ficava

sentado, esperando, até que uma porta abrisse para alguém entrar ou sair, e então ele miava, mas sem convicção, como um gato que já fora rejeitado muitas vezes. Bebia um pouco de leite, comia alguns restos, se enroscava nas pernas, pedindo para ficar. Mas sem insistência ou mesmo esperança. Ninguém lhe pediu para ficar. Havia, como sempre, a questão dos dejetos de um gato. Ninguém suportava a ideia de subir e descer aquelas escadas carregando caixas fedorentas até as latas de lixo e depois voltar para casa. Além do mais, o dono dos apartamentos não ia gostar. Além do mais, dizíamos, tentando nos consolar, o gato provavelmente morava em uma das lojas e estava só nos visitando. Assim, ele recebia comida, nada mais.

Durante o dia, ficava na calçada, observando o trânsito, ou entrava e saía das lojas: um gato velho e cortês; um gato afável; um gato sem pretensões.

Na esquina havia um local onde ficavam três carrinhos de mão frutas e legumes que pertenciam a três velhos: dois irmãos, um gordo e um magro, e a esposa do gordo, que também era gorda. Os três eram minúsculos, tinham menos de um metro e meio de altura, e estavam sempre contando piadas, sempre sobre o clima. Quando o gato os visitava, ele ficava embaixo de um dos carrinhos, comendo pedaços de seus sanduíches. A mulherzinha rechonchuda, que tinha bochechas vermelhas, tão vermelhas que chegavam a ser quase pretas, e que era casada com o irmãozinho rechonchudo, disse que gostaria de levar o gato para casa, mas temia que sua gata Tibby não fosse gostar nem um pouco. O irmãozinho magro, que nunca tinha se casado e vivia com eles, brincava, dizendo que ia levar o gato para casa para lhe fazer companhia, e o defenderia de Tibby: um homem solteiro precisava de um gato. Acho que teria acabado fazendo isso; mas morreu de repente, de insolação. Fosse qual fosse a temperatura, aquelas três pessoas estavam sempre embrulhadas em todo tipo de cachecol, paletó, suéter, casaco. O irmão magro usava, invariavelmente, um casaco sobre um monte de roupas. Se a temperatura passava de

quinze graus, ele reclamava, dizendo que era uma onda de calor, e sentia um incômodo terrível. Sugeri que, se não vestisse tanta roupa, não sentiria tanto calor. Mas, para ele, essa era uma maneira claramente estranha de encarar as roupas: ficou inquieto ao ouvir aquilo. Certo ano, tivemos um longo período de tempo bom, uma verdadeira onda de calor londrina. Todos os dias eu saía e encontrava uma rua alegre, cálida, amistosa, com pessoas usando suas roupas de verão. Mas os velhinhos baixotes continuaram com seus lenços na cabeça, lenços no pescoço e suéteres. As bochechas da velha foram cada vez mais vermelhas. Eles passavam o tempo todo rindo do clima. Na sombra do carrinho a seus pés ficava o gato, esticado entre ameixas caídas e pedaços de alface murcha. No final da segunda semana da onda de calor, o irmão solteiro morreu de insolação, e esse foi o fim da oportunidade de um lar para o gato.

Durante algumas semanas ele teve sorte e foi bem recebido no pub. Isso porque Lucy, a prostituta que vivia no apartamento do primeiro andar do nosso prédio, frequentava aquele pub à noite. Ela levava o gato com ela e sentava num banquinho alto num canto perto do balcão, com ele no banco ao lado. Lucy era uma mulher afável, muito querida no pub; e quem ela desejasse trazer consigo era bem recebido também. Quando eu entrava para comprar cigarros ou uma bebida, via Lucy e o gato. Os admiradores dela, que eram numerosos e vinham de todos os cantos do mundo, sendo tanto velhos fregueses quanto novos, e de todas as idades, estavam sempre lhe pagando bebidas e tentando convencer o barman e a esposa dele a darem leite e batata frita para o gato. Mas a novidade de ter um gato no bar deve ter passado, pois logo Lucy estava trabalhando lá sem ele.

Quando chegou o frio e as noites ficaram mais longas, o gato sempre se instalava bem no topo da escada antes que as portas do prédio fossem fechadas. Ele dormia no canto mais quente que conseguia encontrar naquele pedaço cruel de pedra nua. Quando estava muito frio, um de nós o convidava para passar a noite dentro

de casa; e, de manhã, ele agradecia, se enroscando em nossas pernas. Então o gato desapareceu. O zelador disse, num tom defensivo, que o levara à Real Sociedade para a Prevenção da Crueldade com os Animais para ser sacrificado. Certa noite, o período de espera até que a porta do prédio fosse aberta havia durado demais, e o gato defecara em um dos andares. O zelador disse que *isso* ele não ia aturar. Já era ruim ter que arrumar a bagunça que a gente fazia, ele não ia arrumar a dos gatos também.

Capítulo três

Fui morar numa casa que ficava numa região repleta de gatos. Onde as casas são antigas e têm jardins estreitos, cercados por muros. Nossa janela dos fundos dá para doze muros de um lado e doze muros do outro, de todas as dimensões e alturas. Árvores, grama, arbustos. Há um pequeno teatro com telhados em diversos níveis. Os gatos, ali, são abundantes. Sempre há gatos nos muros, nos telhados e nos jardins, levando uma complexa vida secreta, como as vidas das crianças da vizinhança, que seguem inconcebíveis regras privadas, jamais imaginadas pelos adultos.

Eu sabia que haveria um gato na casa. Assim como sabemos que, se uma casa for grande demais, as pessoas virão morar nela, em algumas casas é preciso haver gatos. Mas, durante algum tempo, repeli os diversos gatos que vieram farejar a casa para ver que tipo de lugar era.

Durante todo aquele horrível inverno de 1962, o jardim e o telhado sobre a varanda dos fundos recebiam a visita de um velho macho preto e branco. Ele ficava sobre a neve meio derretida do telhado; procurava presas no solo gelado; quando a porta dos fundos era aberta por um instante, se postava diante dela, contemplando o calor. Era extremamente mal-apessoado, com uma mancha branca num dos olhos, uma orelha estraçalhada e a mandíbula sempre um pouco aberta, por onde escorria saliva. Mas não era um gato de rua. Tinha um bom lar naquela rua e, por que não ficava lá, ninguém sabia dizer.

Aquele inverno foi mais uma lição sobre a extraordinária resiliência dos ingleses.

A maioria das casas pertencia à prefeitura e, na primeira semana de frio, os canos tinham estourado e congelado, e as pessoas ficaram sem água. A rede de abastecimento de água continuou congelada. As autoridades abriram um acesso na tubulação da esquina da rua, e as mulheres passaram semanas indo até lá buscar água com jarras e latas, atravessando calçadas cobertas de palmos de neve derretida usando pantufas nos pés. As pantufas eram para esquentar. A neve imunda e o gelo não eram retirados das calçadas. As mulheres pegavam água na torneira, que quebrou diversas vezes, e contaram que a única água quente disponível era a que esquentavam no fogão, isso durante uma semana, depois duas, três, quatro e cinco. Não havia, é claro, água quente para o banho. Quando questionadas por que não reclamavam, já que pagavam aluguel e pagavam pela água, tanto fria quanto quente, elas responderam que a prefeitura sabia da situação do encanamento, mas não fazia nada. A prefeitura assinalara que houve uma onda de frio; elas concordaram com o diagnóstico. Seu tom era lúgubre, mas elas se sentiam profundamente realizadas, como todos nesta nação quando sofrem com consequências de atos divinos que podem perfeitamente ser evitadas.

Um velho, uma mulher de meia-idade e uma criança pequena passaram aquele inverno no mercadinho da esquina. A temperatura dentro do mercadinho, por causa das geladeiras, era ainda mais baixa que o frio de vinte graus negativos enviado pela natureza; a porta ficava sempre aberta, dando para os montes de neve na calçada em frente. Não havia nenhum tipo de aquecimento. O velho teve pleurite e permaneceu internado no hospital durante dois meses. Permanentemente debilitado, teve de vender o mercado na primavera. A criança ficava sentada no chão de cimento, chorando sem parar de frio, e era estapeada pela mãe, que ficava atrás do balcão usando um vestido de algodão leve, meias masculinas e um cardigã fino, dizendo que tudo aquilo era terrível, enquanto seus olhos e seu nariz escorriam e seus dedos inchavam com geladuras. O velho da casa ao lado, que trabalha de segurança num mercado,

escorregou no gelo diante da porta da frente, machucou as costas e passou semanas recebendo seguro-desemprego. Naquela casa, onde moravam nove ou dez pessoas, incluindo duas crianças, havia apenas um aquecedor elétrico para combater o frio. Três pessoas foram parar no hospital, uma delas com pneumonia.

E os canos continuaram estourados, entupidos por estalactites de gelo serrilhadas; as calçadas permaneciam escorregadias como pistas de patinação; e as autoridades nada fizeram. Nas ruas de classe média, é claro, a neve era retirada assim que caía, as autoridades respondiam a cidadãos irritados que exigiam seus direitos e ameaçavam processá-las. Na nossa área, as pessoas sofreram até a primavera.

Cercadas por seres humanos impedidos de se locomover por causa do frio, como os homens das cavernas de dez mil anos atrás, as peculiaridades de um velho gato que escolhia passar as noites num telhado gelado foram esquecidas.

Em meados daquele inverno, ofereceram a amigos meus uma gatinha. Amigos desses amigos tinham uma gata siamesa, que tivera filhotes com um gato de rua. Os gatinhos mestiços estavam sendo doados. O apartamento deles era minúsculo e ambos passavam o dia trabalhando; mas, quando viram a gatinha, não conseguiram resistir. Durante o primeiro fim de semana que ela passou lá, foi alimentada com sopa de lagosta enlatada e mousse de frango, e perturbou a intimidade das noites do casal porque tinha de dormir debaixo do queixo ou, pelo menos, tocando a pele de H., o marido. S., a esposa, anunciou ao telefone que estava perdendo o marido para uma gata, tal como a mulher do conto de Colette. Na segunda-feira, eles foram trabalhar e deixaram a gatinha sozinha e, quando voltaram, ela estava chorando, triste, por ter passado o dia sem ninguém por perto. O casal disse que ia nos dar a gatinha. E isso foi feito.

Ela tinha seis semanas de idade. Era encantadora, uma delicada gatinha de conto de fadas; os genes siameses aparentes no formato do rosto, das orelhas e da cauda, e nas linhas sutis do corpo. Suas

costas eram malhadas: no traseiro e no dorso, era um belo tigrinho, cinza e creme. Mas as patas da frente e a barriga eram de um dourado-creme acinzentado típico dos siameses, com meias-listras pretas no pescoço. O rosto tinha traços pretos que pareciam feitos a lápis – círculos finos ao redor dos olhos, listras finas nas bochechas, um minúsculo nariz creme, com a pontinha rosa delineada de preto. Vista de frente, sentada com as patas esguias bem retas, ela era um animal de beleza exótica. Lá estava ela, aquela coisinha minúscula, no meio do carpete amarelo, cercada por cinco adoradores, sem nenhum medo de nós. Então marchou pela casa, inspecionando cada centímetro, subiu na minha cama, se enfiou debaixo de uma dobra do lençol e tomou posse do lugar.

S. foi embora com H., dizendo: “Já estava mais do que na hora, ou eu teria perdido o marido”.

E ele foi gemendo, dizendo que nada era mais delicioso do que ser acordado pelo toque delicado de uma língua rosada no rosto.

A gatinha desceu, ou melhor, pulou pela escada, cujos degraus tinham o dobro da altura dela: primeiro as patas da frente e depois, *pof*, as de trás; patas da frente e depois, *pof*, as de trás. Inspecionou o térreo, recusou a comida enlatada que lhe foi oferecida e exigiu aos miados uma caixa para seus excrementos. Rejeitou aparas de madeira, mas jornal rasgado seria aceitável se não houvesse alternativa – ou, ao menos, foi isso que seu ar exigente disse. E não havia: a terra do jardim estava congelada.

Ela se recusava a comer ração enlatada. E pronto. E eu não ia alimentá-la de sopa de lagosta e mousse de frango. Encontramos um meio-termo, que foi um pouco de carne moída.

Ela sempre foi tão cheia de manias para comer quanto um velho gourmet. E fica pior à medida que envelhece. Ainda filhote, ela já conseguia manifestar irritação ou prazer, ou uma determinação em ficar emburrada, através daquilo que comia por inteiro, pela metade ou que decidia recusar. Seus hábitos alimentares são uma linguagem eloquente.

Mas acho que talvez tenha sido tirada de perto da mãe cedo demais. Se é que posso, com todo o respeito, dizer isso aos especialistas em gatos, creio ser possível que estejam errados quando afirmam que um filhote pode deixar a mãe no dia em que faz seis semanas. Essa gata tinha seis semanas, nem um dia a mais, quando foi tirada de perto da mãe. A base de sua relação de dândi com a comida é a hostilidade e a desconfiança neuróticas de uma criança com problemas alimentares. Ela tinha de comer e sabia disso; e comia; mas nunca comeu com prazer, só por comer. E compartilha outra característica com as pessoas que não tiveram afeto materno suficiente: mesmo hoje em dia, ela instintivamente se enfia embaixo de um jornal dobrado, dentro de uma caixa ou dentro de um cesto – qualquer coisa que lhe abrigue, que lhe cubra. E outra: tem grande propensão a se considerar insultada; a ficar emburrada. E é uma tremenda covarde.

Filhotes que ficam sete ou oito semanas ao lado da mãe comem de tudo e são mais autoconfiantes. Mas é claro que são menos interessantes.

Quando essa gata era filhote, ela nunca dormia fora da cama. Esperava que me deitasse e então caminhava pelo meu corpo todo, considerando as possibilidades. Ou ia para a ponta da cama, perto dos meus pés, ou para o meu ombro, ou para debaixo do travesseiro. Se eu me mexia demais, mudava de lugar, altiva, deixando clara sua irritação.

Quando eu fazia a cama, ela gostava de ficar no meio; e permanecia entre os lençóis, um montinho minúsculo, muito satisfeito, às vezes durante horas. Se alguém fizesse carinho no montinho, ela ronronava e miava. Mas só saía dali quando era necessário.

O montinho se movia pela cama e hesitava na ponta. Às vezes, a gente ouvia um miadinho apavorado quando ela escorregava até o chão. Com a dignidade abalada, a gatinha se lambia depressa, fixando os olhos amarelos com raiva em qualquer observador, que

cometia um erro se risse. Então, depois de se certificar de que cada pelo estava no lugar certo, ela ia para o centro de algum palco.

Hora da alimentação exigente e cismada. Hora de usar a caixa de terra, outra performance encantadora. Hora de cuidar do pelo cor de creme. E hora de brincar, algo que nunca acontecia de forma espontânea, mas só quando estava sendo observada.

Ela tinha a mesma autoconsciência presunçosa de uma menina bonita que não possui nenhum atributo além da beleza: o corpo e o rosto sempre numa pose assumida segundo algum monitor interno – uma pose que se equivale a uma máscara: não, não, *isto* é o que sou, o peito agressivo, o olhar hostil e taciturno, sempre buscando admiração.

A gata, na idade em que, se fosse humana, estaria usando roupas e cabelo como se fossem armas, mas sempre sabendo que, a qualquer momento, poderia voltar a ser uma criança mimada, se o papel se tornasse um fardo pesado demais – uma gata que posava e se exibia como uma princesa pela casa e então, cansada, um pouco aborrecida, se enfiava na dobra de um jornal ou atrás de uma almofada e ficava observando o mundo de lá, a salvo.

Seu mais belo truque, que usava sempre que queria companhia, era se deitar de costas debaixo de um sofá e se arrastar usando as patas, em puxões ágeis, parando para virar a cabecinha elegante para o lado, com os olhos amarelos estreitados, esperando aplausos. “Oh, que gatinha linda! Que bichinho delicioso! Que gata bonita!” E lá se ia ela, para mais uma exibição.

Ou, quando estava sobre a superfície certa, como o carpete amarelo ou uma almofada azul, ela se deitava de costas e rolava devagar, com as patinhas para cima de modo a expor o peito e a barriga cor de creme, que, como se ela fosse uma subespécie delicada de leopardo, tinham pálidas bolinhas pretas, como as manchas redondas dos leopardos. “Oh, gatinha linda, oh, como você é linda.” E ela continuava até os elogios pararem.

Ou se sentava na varanda dos fundos – não sobre a mesa, que não tinha adornos, mas num pequeno aparador sobre o qual havia

narcisos e jacintos em vasos de barro. Fazia uma pose em meio às flores azuis e brancas até ser vista e admirada. Não apenas por nós, é claro; mas também pelo velho gato reumático que, como um lembrete lúgubre de uma vida bem mais dura, procurava presas no jardim onde a terra ainda estava congelada. Ele avistava uma bela gata quase adulta, do outro lado do vidro. Ela o avistava também. Erguia a cabeça e virava primeiro para um lado, depois para o outro; mordia um pedaço de jacinto, largava-o no chão; lambia o pelo com negligência; e então, com uma espiada insolente para trás, pulava para baixo e entrava na casa, onde ele não podia mais vê-la. Ou, a caminho do andar de cima, sobre o ombro ou braço de alguém, ela olhava pela janela e via aquele pobre e velho animal, tão imóvel que às vezes achávamos que tinha morrido e estava congelado. Quando o sol ficava um pouco mais quente ao meio-dia e ele começava a se lamber, respirávamos aliviados. Às vezes, ela ficava observando-o pela janela, mas sua vida ainda consistia em se aninhar em braços, camas, almofadas e nos recantos de corpos humanos.

Então a primavera chegou, a porta dos fundos foi aberta, a caixa de areia, graças aos céus, se tornou desnecessária, e o quintal passou a ser o território da gata. Ela estava com seis meses, já adulta do ponto de vista da natureza.

Era tão bonita, tão perfeita; ainda mais bela do que aquela gata que, tantos anos antes, eu jurara ser inigualável. Mas é claro que era; pois a natureza daquela gata era toda tato, delicadeza, ternura e graça – por isso, como dizem os contos de fada e as velhas crendices, seu destino era morrer cedo.

Nossa gata, a princesa, era, e ainda é, linda, mas não há como dizê-lo de outra maneira: é um animal egoísta.

Os gatos fizeram fila nos muros do jardim. Primeiro, o gato melancólico do inverno, rei dos quintais. Depois, um belo gato preto e branco da casa ao lado, que parecia ser filho do primeiro. Um malhado com cicatrizes de muitas batalhas. Um cinza e branco que tinha tanta certeza da derrota que nunca chegou a descer do muro. E um imponente macho tigrado que ela claramente admirava. Mas

não adiantava, o velho rei não havia sido derrotado. Quando a gata saiu, com o rabo ereto, aparentemente ignorando todos eles, mas observando o jovem e belo tigre, que pulou na direção dela, mas bastou que o gato do inverno se mexesse no muro para que o mais jovem pulasse de volta para um lugar seguro. Isso durou semanas.

H. e S. vieram visitar sua ex-gata. S. comentou como era horrível e injusto que a princesa não pudesse ficar com o gato que queria; e H. disse que estava tudo exatamente como deveria: uma princesa tinha de ficar com um rei, mesmo que ele fosse velho e feio. Ele tem tanta dignidade, disse H.; tanta presença; e ganhara aquela bela gata jovem por ter suportado o longo inverno com tamanha nobreza.

Àquela altura, o gato feio se chamava Mephistopheles (na casa onde morava, pelo que tínhamos ouvido dizer, seu nome era Billy). Nossa gata tinha recebido vários nomes, mas nenhum pegou. Melissa e Franny; Marilyn e Sappho; Circe, Ayesha e Suzette. Mas, quando falávamos com ela afetuosamente, bajulando, miava e ronronava ao ouvir as sílabas alongadas dos adjetivos – gata liiiiiinda, deliciooooosa.

Num fim de semana muito quente, o único, pelo que me lembro, de um verão frio, ela ficou no cio.

H. e S. vieram almoçar naquele domingo e nós ficamos sentados na varanda dos fundos, observando as escolhas da natureza. Não as nossas. E não as da nossa gata.

As disputas duraram duas noites, disputas terríveis, gatos uivando e gritando no jardim. Enquanto isso, a gata cinza permanecia sentada no pé da minha cama, observando a escuridão, levantando e mexendo as orelhas, fazendo comentários com a cauda, um leve movimento da ponta.

Naquele domingo, Mephistopheles era o único gato à vista. A gata cinza rolava de êxtase no jardim. Ela veio para perto de nós, rolou aos nossos pés e os mordeu. Subiu e desceu correndo a árvore na extremidade do jardim. Rolou, chorou, chamou, convidou.

“É a mais vergonhosa exibição de luxúria que já vi”, disse S., observando H., que era apaixonado pela nossa gata.

“Ah, coitadinha”, disse H.; “Se eu fosse o Mephisto-pheles, nunca a trataria tão mal.”

“Ah, H.”, disse S., “você é repugnante, se eu contasse, ninguém iria acreditar. Mas sempre disse que você era repugnante.”

“Então é isso o que você sempre disse”, disse H., acariciando a gata.

Estava um dia muito quente, tomamos muito vinho no almoço, e a sedução durou a tarde toda.

Finalmente, Mephistopheles pulou do muro diante do qual a gata cinza rolava e se contorcia – mas, por azar, não deu conta do recado.

“Ai, meu Deus”, disse H., sofrendo genuinamente. “Não dá para perdoar esse tipo de coisa.”

S., angustiada, observou o tormento da nossa gata e se perguntou diversas vezes, em voz alta e num tom dramático, se sexo valia aquilo tudo. “Olhe só para aquilo”, disse ela, “somos nós. Nós somos assim.”

“Nós não somos nada assim”, disse H. “O problema é o Mephistopheles. Alguém tinha de dar um tiro nele.”

Alguém atire logo, dissemos todos; ou, pelo menos, prenda-o em algum lugar para que o jovem tigre da casa ao lado possa ter uma chance.

Mas o belo gato jovem não estava à vista.

Continuamos a beber vinho; o sol continuou a brilhar; nossa princesa dançava, rolava, corria para cima e para baixo na árvore e, quando afinal as coisas deram certo, acasalou diversas vezes com o velho rei.

“O único problema”, disse H., “é que ele é velho demais para ela.”

“Ai, meu Deus”, disse S., “vou levar você para casa. Se não levar, aposto que você mesmo vai fazer amor com aquela gata.”

“Oh, como eu gostaria”, disse H. “Que bicho lindo, que criatura maravilhosa, que princesa. É um desperdício ela ficar com um gato, não posso suportar.”

No dia seguinte, o inverno voltou; o jardim ficou frio e molhado; e a gata cinza voltou a ser exigente e desdenhosa. E o velho rei ficou em cima do muro, debaixo da lenta chuva inglesa, ainda triunfante sobre todos, à espera.

Capítulo quatro

A gata cinza manteve a leveza durante a gravidez. Corria pelo jardim, subia e descia a árvore; depois fazia isso de novo, e de novo; seu objetivo era chegar ao momento em que, agarrando-se à árvore, virava a cabeça, com os olhos semicerrados, para receber aplausos. Pulava escada abaixo três, quatro degraus de uma vez. Arrastava-se pelo chão debaixo do sofá. E, como tinha aprendido que qualquer pessoa, ao vê-la pela primeira vez, provavelmente entraria em êxtase – Oh, que gata linda! –, se postava perto da porta da frente sempre que chegavam convidados, posando da maneira apropriada.

Então, tentando deslizar pela balaustrada para pular para a escada do andar de baixo, descobriu que não conseguia. Tentou de novo, não conseguiu. Sentiu-se humilhada, fingiu que não tinha tentado, que preferia pegar o caminho mais longo, dobrando as curvas da escada.

Suas corridas para cima e para baixo da árvore se tornaram mais lentas, até que pararam.

E quando os filhotes se mexiam dentro de sua barriga, ela parecia surpresa, irritada.

Em geral, cerca de duas semanas antes do parto, as gatas começam a farejar armários e cantos: experimentando, rejeitando, escolhendo. Essa gata não fez nada do tipo. Tirei meus sapatos de um armário no quarto e lhe mostrei o lugar – protegido, escuro, confortável. Ela entrou e saiu. Outros lugares foram oferecidos. Não é que ela não tenha gostado deles; foi como se não entendesse o que estava acontecendo.

Um dia antes do parto, ela se enroscou em alguns jornais que estavam em cima de uma cadeira, mas seus gestos eram automáticos, nada intencionais. Alguma glândula, ou seja lá o que for, se manifestara, provocando os movimentos; a gata obedeceu, mas aquilo que fez não estava ligado ao seu saber vital; pelo menos foi o que pareceu, pois não tentou novamente.

Quando chegou o dia, a gata já estava em trabalho de parto havia cerca de três horas quando entendeu o que estava acontecendo. Miou, parecendo surpresa, sentada no chão da cozinha e, quando ordenei que fosse para o armário do andar de cima, obedeceu. Mas não ficou lá. Trotou vacilante pela casa, farejando, naquele estágio tão avançado, diversos lugares possíveis, mas perdeu o interesse e voltou para a cozinha lá embaixo. Quando a dor, ou o incômodo, diminuiu, ela a esqueceu e estava preparada para voltar à vida normal – a vida de um filhote mimado e adorado. Afinal, ela ainda era um filhote.

Levei-a lá para cima e a obriguei a ficar dentro do armário. Ela não queria. Simplesmente não teve nenhuma das reações esperadas. Na verdade, se comportou de forma tocante, absurda – e engraçada, o que nos deixou com vontade de rir. Quando as contrações ficaram fortes, zangou-se. Quando sentiu uma dor pior perto do fim, miou, mas foi um miado de protesto, irritado. Estava irritada conosco, porque cooperávamos com aquele processo que lhe estava sendo infligido.

É fascinante assistir ao nascimento do primeiro filhote de uma gata, aquele momento quando, após a minúscula criatura aparecer, se contorcendo, envolta em uma espécie de celofane branco, a mãe lambe a película, corta o cordão, come a placenta, tudo de forma tão limpa, tão eficiente, ações realizadas por ela, pessoalmente, pela primeira vez. Sempre há um momento de pausa. O filhote é expelido, fica deitado junto ao traseiro da gata. A gata olha, como num reflexo de alguém aprisionado prestes escapar, para esse novo objeto conectado a ela; olha de novo, sem saber o que é; mas então

o mecanismo funciona, e ela obedece, se torna mãe, ronrona, fica feliz.

Com essa gata, houve a maior pausa que já presenciei enquanto ela olhava para o filhotinho novo. A gata olhou, olhou para mim, se mexeu um pouco, para ver se conseguia se livrar daquele objeto preso a ela... e então, funcionou. Ela limpou o filhote, fez tudo o que se esperava dela, ronronou – depois se levantou e foi para o andar de baixo, onde se sentou na varanda e ficou olhando para o jardim. Acabou, parecia estar pensando. Então seu corpo se contraiu de novo e ela se virou para me encarar – estava irritada, furiosa. Suas expressões e os contornos de seu corpo diziam claramente, Que amolação! “Vá lá para cima!”, mandei. “Para cima!” Ela foi, emburrada. Rastejou escada acima com as orelhas para trás – *quase* como um cachorro quando leva uma bronca ou quando cai em desgraça: mas sem nada da subserviência dos cães. Ao contrário, estava irritada comigo e com todo o processo. Quando viu o primeiro filhote de novo, reconheceu-o, a engrenagem funcionou mais uma vez, e ela o lambeu. Deu à luz quatro filhotes no total e foi dormir, uma linda imagem, aquela gata magnífica enroscada em quatro gatinhos que mamavam. Era uma bela ninhada. A primeira era uma fêmea, uma réplica da mãe, incluindo os círculos finos ao redor dos olhos, as meias-listras negras no peito e nas pernas, a barriga creme com bolinhas levemente marcadas. Depois veio um filhote cinza-azulado: quando cresceu mais um pouco, em alguns ângulos, parecia roxo-escuro. Um filhote negro que, ao crescer, se tornou um gato preto perfeito, com olhos amarelos, todo elegância e força. E o filhote do pai, exatamente igual a ele, um gatinho bastante pesado e desajeitado, de pelo preto e branco. Os primeiros três tinham os traços delicados do lado siamês.

Quando a gata acordou, olhou os filhotes, que estavam dormindo, se levantou, se sacudiu e foi caminhando devagar até lá embaixo. Bebeu um pouco de leite, comeu um pouco de carne crua, se lambeu toda. Não voltou para junto da ninhada.

S. e H., que tinham vindo admirar os filhotes, encontraram a mamãe posando ao pé da escada, de perfil. Ela então correu para fora da casa e subiu e desceu a árvore diversas vezes. Depois, foi para o último andar da casa e desceu até o primeiro, escorrendo pelas balaustradas de um andar para o outro. Depois, se enroscou nas pernas de H., ronronando.

“Você supostamente é mãe”, disse S., chocada. “Por que não está com seus filhotes?”

A gata parecia ter se esquecido dos filhotes. Inexplica-velmente, tinham lhe dado uma tarefa desconfortável para realizar; ela a realizara; agora estava concluída. E pronto. A gata pulou e brincou pela casa toda até que, quando já era tarde, ordenei que voltasse para o andar de cima. Ela se recusou. Eu a peguei e a carreguei até onde estavam os filhotes. Com a maior má vontade do mundo, a gata entrou no armário com eles. Recusou-se a deitar para que mamassem. Eu a obriguei. Assim que virei as costas, ela os largou de novo. Fiquei sentada ali até que terminassem de mamar.

Fui me arrumar para deitar. Quando voltei para o quarto, a gata estava debaixo dos meus lençóis, dormindo. Eu a devolvi para os filhotes. Ela olhou para eles com as orelhas para trás e teria simplesmente ido embora mais uma vez se eu não tivesse me mantido ali de pé, uma inexorável figura de autoridade, apontando para os gatinhos. A gata entrou e desabou, como quem diz, já que você insiste. Com os filhotes mamando, o instinto funcionou, ainda que de forma imperfeita, e ela ronronou um pouco.

Durante a noite toda, saiu sorrateiramente do armário e se deitou no lugar de sempre na minha cama. Eu a fiz voltar todas as vezes. Assim que eu dormia, ela vinha para a cama de novo, enquanto os filhotes reclamavam.

Quando amanheceu, ela havia compreendido que era responsável por aqueles filhotes. Mas, se não houvesse ninguém para lhe ensinar isso, os teria deixado morrer de fome, a despeito da natureza, a grande Mãe.

No dia seguinte, quando estávamos almoçando, a gata cinza correu para a sala com um filhote na boca, sacudindo-o para cima e para baixo. Colocou-o no chão e foi buscar os outros. Trouxe os quatro para o andar de baixo, um depois do outro, e então se deitou com eles no chão da cozinha. Tinha decido que não ia ficar isolada, sem companhia; e, durante todo o mês em que os filhotes ainda estavam completamente dependentes, qualquer um de nós, em qualquer cômodo da casa, se deparava com a gata cinza entrando com seus gatinhos na boca, sacolejando para lá e para cá, no que parecia ser um descuido chocante. De noite, sempre que eu acordava, encontrava a gata cinza aninhada ao meu lado, em silêncio; e assim ela continuava, torcendo para que eu não notasse sua presença. Quando sabia que tinha notado, ronronava, esperando que eu me enternecesse, lambia meu rosto e mordia meu nariz. Tudo em vão. Eu ordenava que voltasse e ela ia, emburrada.

Em resumo, foi uma mãe desastrosa. Concluímos que era por ser tão jovem. Quando os filhotes tinham um dia de idade, tentou brincar com eles como um gato faz com gatinhos que têm um mês ou cinco semanas. Uma bolinha minúscula e cega era atirada de um lado para o outro por aquelas patas traseiras imensas e mordiscada de brincadeira, quando tudo o que queria era alcançar mamilos oferecidos com extrema má vontade. Uma cena lamentável, de fato; e nós todos ficávamos bravos com ela; depois, ríamos; mas isso era pior, porque, se há algo que ela não aceita, é ser motivo de riso.

Apesar de mal cuidada, aquela primeira ninhada era encantadora, a melhor dentre todas que nasceram nesta casa; cada gato era extraordinário a seu modo, até a réplica do velho Mephistopheles.

Certo dia, subi as escadas e o encontrei no quarto. Estava olhando os filhotes. A gata cinza, é claro, tinha desaparecido. E ele estava a poucos metros de distância, com a cabeça espichada para a frente, a mandíbula salivante aberta como sempre. Mas não queria machucá-los, estava interessado.

Os filhotes, por serem tão bonitos, logo encontraram lares. Mas aquela era uma ninhada malfadada. Dentro de dezoito meses, todos tiveram finais infelizes. A gata amada que era a imagem da mãe desapareceu de casa certo dia e nunca foi encontrada. O mesmo ocorreu com o gato preto. O bebê Mephistopheles foi, devido a sua força e coragem, levado para guardar um depósito, mas morreu de enterite felina. A gata roxa, depois de dar à luz a ninhada mais extraordinária que já vi – três siameses perfeitos, de pelagem creme e olhos cor-de-rosa, mais três vira-latas londrinos, todos misturados –, perdeu seu lar. Mas ouvimos dizer que encontrou outro numa rua próxima.

Decidimos que não íamos permitir que a gata cinza tivesse filhotes de novo. Simplesmente não tinha sido feita para ser mãe. Mas já era tarde. Ela estava grávida mais uma vez. E o pai não era Mephistopheles.

Esta área é conhecida como a região dos gatos pelos vendedores e pelos ladrões de felinos. Acho que eles chegam de carro e levam todos os animais que têm a cara interessante e que não estão a salvo dentro de casa. Isso acontece à noite; e é desagradável imaginar o que os ladrões fazem para manter os gatos em silêncio de modo que não acordem os donos. As pessoas da rua suspeitam dos hospitais que nos cercam. “Os vivisseccionistas passaram aqui de novo”, dizem eles; e talvez tenham razão. Em todo caso, certa noite, seis gatos desapareceram, Mephistopheles entre eles. E então a gata cinza ficou com o gato que queria, o macho tigrado com um colete de cetim branco.

E mais uma vez o parto a pegou de surpresa, mas ela não demorou tanto a se aquietar. Deixou o resguardo, foi lá para baixo e não teria voltado sem que lhe ordenassem; mas, no geral, acho que gostou daquela segunda ninhada. Dessa vez os filhotes eram comuns, misturas bonitinhas de malhado e malhado e branco, mas não tinham qualidades especiais nos traços ou nas cores, e foi mais difícil encontrar lares para todos.

Outono, as aleias do jardim cobertas pelas folhas marrons do enorme sicômoro: e a gata ensinou seus quatro filhotes a caçar, ficar de tocaia e dar o bote enquanto as folhas caíam. As folhas faziam o papel de ratos e pássaros – e eram levadas para dentro de casa. Um dos gatinhos rasgava sua folha em mil pedacinhos, com muito cuidado. Foi assim que herdou o traço mais estranho da gata cinza: ela passa meia hora metodicamente rasgando um jornal com os dentes, pedaço por pedaço. Talvez seja uma característica dos siameses? Tenho uma amiga que tem dois gatos siameses. Quando ela leva rosas para o apartamento, os gatos tiram-nas do vaso com os dentes, colocam no chão e arrancam as pétalas, uma por uma, como se estivessem realizando uma tarefa necessária. Talvez, na natureza, a folha, o jornal, a rosa teriam sido materiais para uma toca.

A gata cinza gostava de ensinar aos filhotes as artes da caça. Se fossem gatos do campo, teriam tido uma boa educação. Além disso, elas os ensinava a se limpar: nenhum de seus filhotes jamais sujou o chão da casa. Mas, ainda cheia de manias com comida, não se interessou a ensiná-los a comer. Isso, eles tiveram de aprender sozinhos.

Dessa ninhada, um ficou conosco por muito mais tempo que os outros. Durante o inverno tivemos dois gatos, a gata cinza e seu filho, que tinha o pelo marrom-alaranjado vivo, com um colete igual ao do pai.

A gata cinza virou filhote de novo e os dois brincavam juntos o dia inteiro e dormiam enroscados. O jovem macho era muito maior que a mãe; mas ela o ameaçava e batia nele quando se irritava. Eles ficavam horas deitados juntos, lambendo o rosto um do outro e ronronando.

Ele era um glutão, comia de tudo. Tínhamos esperança de que esse exemplo ensinasse a gata cinza a ser mais sensata em relação a comida, mas não. Ela sempre, como todas as gatas, deixava o filho comer e beber primeiro enquanto ficava agachada, observando. Quando ele terminava, ela se aproximava, cheirava a ração ou os

restos e se dirigia a mim, mordendo muito delicadamente a batata da minha perna para me lembrar que comia coelho, carne crua ou peixe cru, em pequenas porções servidas da maneira correta num pires limpo.

Diante desses alimentos – seus por direito – ela se debruçava agressivamente, olhando-o com fúria, comendo só o que queria, nada mais, sem pressa. É raro que ela coma toda a comida que lhe é oferecida; quase sempre deixa um pouquinho – uma polidez de classe média que, demonstrada aqui, nesse contexto, pela gata cinza, me fez pensar se esse hábito não teve origem numa forma bastante cruel de agressão. “Não vou comer toda essa comida – não estou com fome e você cozinhou demais e é sua culpa esse desperdício.” “Tenho tanta coisa para comer que não preciso comer isso.” “Sou uma criatura superior e delicada, acima de coisas grosseiras como comida.” A última é uma afirmação da gata cinza.

O jovem macho comia os restos da mãe, sem notar que era muito mais gostoso do que aquilo que tinham lhe oferecido; e então eles saíam correndo, perseguindo um ao outro pela casa e pelo jardim. Ou sentavam no pé da minha cama e ficavam olhando pela janela, lambendo um ao outro de tempos em tempos e ronronando.

Esse foi o apogeu da gata cinza, o ápice de sua felicidade e seu charme. Ela não se sentia sozinha; seu companheiro não a ameaçava, porque ela o dominava. E ela era linda – muito linda mesmo.

O ápice de sua beleza era quando estava sentada na cama, olhando adiante. Suas duas pernas da frente, cor de creme com leves listras, ficavam esticadas, unidas, terminando em duas patas prateadas. As orelhas, com um leve contorno branco que parecia feito de prata, se erguiam e se movimentavam, para trás, para a frente, ouvindo e sentindo. O rosto se virava um pouco após cada nova sensação, alerta. Sua cauda se movia, em outra dimensão, como se a ponta captasse mensagens que seus outros órgãos não percebiam. Ela ficava sentada, ereta, leve como o ar, olhando, ouvindo, sentindo, farejando, respirando com todo o seu ser, pelo,

bigodes, orelhas – tudo em delicada vibração. Se um peixe é a personificação do movimento da água, então um gato é um esboço e um molde de ar sutil.

Oh, gata, eu dizia, ou rezava: gata liiiiiiiiinda! Gata deliciosa! Gata encantadora! Gata de cetim! Gata tal qual uma coruja macia, gata com patas tais quais mariposas, gata incrustada de joias, gata milagrosa! Gata, gata, gata, gata.

Ela me ignorava a princípio; depois virava a cabeça, arrogante e sedosa, e semicerrava os olhos a cada elogio, um a um. E, quando eu terminava, bocejava, de forma deliberada, petulante, mostrando uma boca rosa-chiclete e uma língua rosa sinuosa.

Ou, também de forma deliberada, ela se agachava e me fascinava com os olhos. Eu os encarava; eram amendoados, com seu fino contorno como se feito a lápis negro, ao redor do qual havia um segundo contorno cor de creme. Abaixo de cada um dos dois, uma pincelada escura. Olhos verdes, verdes; mas, nas sombras, de um dourado escuro e esfumaçado – um gato de olhos escuros. Na luz, verde, água límpida cor de esmeralda. Por detrás das córneas transparentes, lascas estriadas e cintilantes de asa de borboleta. Asas de joia – a essência da asa.

Um inseto que habita uma folha não pode ser dissociado dela – após um olhar fortuito. Mas então observe de perto: a cópia de uma folha é mais folha que a folha – abaulada, estriada, delicada, como se um joalheiro a houvesse trabalhado, mas um joalheiro com o mais leve toque de ironia, de modo que no inseto haja um quê de escárnio. “Olhe”, diz o inseto-folha, “para a falsificação: acaso alguma folha já foi tão esplêndida quanto eu? Ora, mesmo onde copiei as imperfeições de uma folha, sou perfeito. Deseja algum dia voltar a olhar para uma mera folha após ver a mim, o artifício?”

Nos olhos da gata cinza havia o lustre esverdeado de uma asa de borboleta cor de jade, como se um artista houvesse dito: o que poderia ser mais elegante, mais delicado do que um gato? Que criatura pertenceria mais naturalmente ao ar? Que ser alado tem uma afinidade com o gato? Borboleta, borboleta, é claro! E ali, no

fundo dos olhos do gato está essa ideia, apenas sugerida, com um leve sorriso; oculta atrás dos cílios, atrás das finas pálpebras marrons e das evasivas do coquetismo felino.

Gata cinza, perfeita, esplêndida, uma rainha; gata cinza com seus toques de leopardo e serpente; sugestões de borboleta e coruja; um leão em miniatura com garras de aço para o assassinato, gata cinza cheia de segredos, afinidades, mistérios – gata cinza, dezoito meses de idade, uma jovem senhora no seu apogeu, teve uma terceira ninhada, dessa vez com o gato branco e cinza que, durante o tempo do rei, sentira medo demais para descer do muro. Teve quatro filhotes, e seu filho a fez companhia ao longo do parto, observando, lambendo-a durante as pausas e lambendo os gatinhos. Ele tentou se deitar ao lado deles, mas levou patadas nas orelhas por esse lapso de infantilidade.

Capítulo cinco

Era primavera de novo, a porta dos fundos foi aberta, e a gata cinza, seu filho crescido e seus filhotes se divertiam no jardim. Mas a gata cinza preferia a companhia do filho à dos filhotes; e, na verdade, voltou a escandalizar S. porque, no segundo em que o parto acabou, levantou-se, se afastou dos filhotes e caiu imediatamente nos braços do filho crescido, no que os dois rolaram de um lado para o outro, ronronando.

Ele assumiu o papel de pai dessa ninhada: criou aqueles filhotes, tanto quanto ela.

Nesse ínterim, já surgira, tênue e disfarçada, como sempre é o futuro em seus primeiros indícios, a sombra do ocaso da gata cinza como rainha absoluta e solitária da casa.

Lá em cima, no mundo dos humanos, terríveis tempestades, emoções e dramas; e, com a chegada do verão, uma menina loura, linda e triste visitou a casa, trazendo consigo uma gatinha preta delicada e elegante, quase um filhote na verdade, e essa intrusa permaneceu no porão, apenas temporariamente, é claro, porque seu lar não estava acessível.

A gatinha preta tinha uma coleira e uma guia vermelhas e, nessa etapa da vida, era apenas um acessório, um detalhe decorativo da menina linda. Ela era mantida bem distante da rainha lá de cima: não permitimos que se conhecessem.

Então, de repente, as coisas começaram a dar errado para a gata cinza. Seu filho afinal foi reclamado pela pessoa que o reservara e partiu para viver em Kesington. Os quatro gatinhos foram para seus

novos lares. E nós decidimos que bastava, ela não teria mais filhotes.

Naquela época, eu não sabia no que consistia o procedimento de castrar uma gata fêmea. Pessoas que eu conhecia tinham gatos "esterilizados", tanto machos quanto fêmeas. A Real Sociedade de Prevenção de Crueldade aos Animais, quando consultada, aconselhava enfaticamente que isso fosse feito. Era compreensível: eles têm de exterminar centenas de gatos de rua toda semana – sendo que cada um deles, suponho, ouviu de alguém "Oh, que gatinho lindo" – até crescer. Mas as vozes das mulheres da Sociedade tinham exatamente o mesmo tom da voz da mulher do mercado da esquina que, sempre que eu perguntava se alguém podia adotar um filhote, dizia: "Você não castrou a bichinha *ainda*? Coitada, fazer a gata passar por isso, eu acho cruel". "Mas é natural ter filhotes", eu insistia, com desonestidade, pois quaisquer instintos maternais que a gata cinza tivesse haviam sido forçados pelos humanos.

Meu relacionamento com as mulheres da rua basicamente se resume a gatos – gatos perdidos, gatos que estão visitando alguém, filhotes que vão receber uma visita das crianças, filhotes que serão adotados por elas. E todas essas mulheres, sem exceção, insistiam em dizer que é cruel deixar que uma gata tenha filhotes – com veemência, com histeria, ou, ao menos, com o antagonismo emburrado de quem está na última trincheira, como minha mãe: "É fácil para você!".

O velho solteirão, dono do mercadinho da esquina – que hoje está fechado devido à concorrência do supermercado e também porque, segundo ele, era um negócio de família, mas ele não tinha família –, um velho gorducho com bochechas vermelho-púrpura, quase pretas, como as da velha dos carrinhos de frutas e legumes, dizia isso das mulheres: "Elas nunca param de ter filhos, mas não cuidam deles, cuidam?". Ele não tinha filhos, mas gostava de dar sermões sobre os filhos de todos os outros.

Tinha, no entanto, uma mãe velhíssima, com mais de oitenta anos, que não conseguia sair da cama e precisava de alguém que fizesse tudo por ela – ele. O irmão e as três irmãs do homem eram casados e tinham filhos, e haviam decidido que era tarefa dele, do irmão solteiro, cuidar da mãe velhinha, já que seus filhos já lhes davam trabalho suficiente.

O homem ficava em seu mercadinho minúsculo, atrás de prateleiras cheias de nabos, batatas, cebolas, cenouras, repolhos – já que os outros vegetais, como sempre ocorre nessas ruas, eram impossíveis de se obter, a não ser congelados – e observava as crianças correndo pelas ruas, dizendo coisas cruéis sobre suas mães.

Ele era a favor da esterilização da gata cinza. Tinha gente demais no mundo, bicho demais, pouca comida, ninguém mais comprava nada, aonde isso ia parar?

Liguei para três veterinários para perguntar se era necessário remover o útero e as trompas de uma gata – será que eles não podiam ligar as trompas e deixar os órgãos intactos? Todos os três, com ênfase, insistiram que a melhor coisa era tirar tudo. “Tirar tudo fora”, disse um deles; exatamente a mesma frase foi usada por um ginecologista com uma amiga minha. “Eu tiro tudo fora para você”, disse ele.

Muito interessante.

Em Portugal, contaram H. e S., que são portugueses, quando as senhoras burguesas vão tomar chá umas com as outras, conversam sobre suas cirurgias e seus problemas femininos. A expressão que usam para se referir a esses órgãos é exatamente a mesma usada para miúdos de aves: “Meus miúdos, seus miúdos, nossos miúdos”.

Deveras interessante.

Coloquei a gata cinza na caixa de transporte e levei-a ao veterinário. Ela nunca fora trancada em lugar nenhum antes e reclamou – sua dignidade e seu amor-próprio tinham sido feridos. Deixei-a lá e voltei à tarde para pegá-la.

Ela estava dentro da caixa, cheirando a éter, mole, tonta, fraca. Um bom pedaço de pelo tinha sido raspado de um dos lados, expondo sua pele branca-acinzentada. Na pele havia um talho vermelho de duas polegadas, bem costurado com categute. A gata fitou-me com olhos gigantescos, negros de choque. Tinha sido traída e sabia disso. Fora ludibriada por uma amiga, a pessoa que a alimentava, a protegia, em cuja cama ela dormia. Algo terrível tinha sido feito com ela. Não consegui olhá-la nos olhos. Levei-a para casa de táxi e ela gemeu por todo o trajeto – um som indefeso, desesperançado, amedrontado. Em casa, coloquei-a em outra caixa, não aquela que trazia a lembrança do veterinário e da dor. Cobri-a, coloquei a caixa perto do radiador e me sentei ao seu lado. Ela não estava doente nem em perigo, nada disso. Estava em profundo estado de choque. Não acho que uma criatura consiga superar uma experiência como essa.

A gata ficou lá dentro, sem se mover um milímetro, durante dois dias. Então, com dificuldade, usou a caixinha de areia. Bebeu um pouco de leite e rastejou de volta, para se deitar.

Dentro de uma semana, cresceu um pelinho ralo sobre a pele com a cicatriz feia. Logo tive de levá-la de volta ao veterinário para tirar os pontos. Essa viagem foi pior do que a primeira, porque agora ela sabia que a caixa de transporte e o movimento do carro significavam dor e terror.

A gata gritou e se debateu dentro da caixa. O motorista do táxi, tão prestativo quanto sempre foram todos que já conheci, parou o carro por algum tempo para que eu tentasse acalmá-la, mas depois concordamos que era melhor acabar logo com aquilo. Esperei enquanto os pontos eram retirados. Ela foi forçada a entrar de volta na caixa, se debatendo, e eu a trouxe para casa no mesmo táxi. Ela fez xixi de medo e chorou.

O motorista, apaixonado por gatos, perguntou por que esses médicos não inventam um anticoncepcional para gatos? Não era direito, disse ele, que a gente roubasse a natureza deles porque era mais conveniente.

Quando passei da porta e abri a caixinha, a gata cinza, já capaz de se mover, correu para fora da casa, indo para o pedaço do muro do jardim que fica sob a árvore, de novo com os olhos arregalados de choque. À noite, ela entrou para comer. E dormiu, não na minha cama, mas no sofá. Durante dias, não permitiu que ninguém lhe acariciasse.

Menos de um mês após a operação, sua aparência mudou. Ela perdeu, sem demora, de repente, seu corpo esguio, sua elegância: ficou mais bruta em todos os traços. Seus olhos ficaram sutilmente mais frouxos, enrugados; o formato de seu rosto se alargou. De supetão, ela se tornou uma gata gorducha, ainda que bonita.

Quanto à mudança em sua natureza, bem, isso talvez tenha sido, provavelmente foi, em parte devido aos outros golpes que a vida lhe deu ao mesmo tempo – a perda de seu amigo, o filho mais velho, a perda dos filhotes e o advento da gata preta.

Mas ela mudou. Sua autoconfiança fora abalada. A beldade tirânica da casa havia desaparecido. O charme autoritário, os trejeitos de cabeça e olhos, lindos de partir o coração – tudo se foi. É claro que ela voltou às velhas chantagens, rolando de um lado para o outro com a barriga no ar para ser admirada, se arrastando debaixo do sofá – mas elas eram hesitantes durante muito tempo. A gata cinza não tinha *certeza* de que iam agradar. Não teve certeza de nada durante um bom tempo. Assim, insistiu. Um toque de aspereza surgiu em sua personalidade. Ela exigia seus direitos resmungando. Estava ressentida. Teve de ser mimada. Não tinha mais paciência para seus velhos admiradores, os machos no muro. Em resumo, havia se transformado numa gata velha e solteirona. É terrível isso que fazemos com esses animais. Mas suponho que tenhamos de fazê-lo. A gatinha preta, por diversos motivos tristes, ficou sem lar e precisou vir para a nossa casa. Teria sido mais harmônico se ela fosse um gato macho. As duas fêmeas já eram inimigas quando se encontraram, e ficaram agachadas, uma observando a outra, durante horas.

A gata cinza, ainda com o pelo da lateral raspado, se recusando a dormir na minha cama, se recusando a comer sem que lhe adulassem, infeliz e insegura, só tinha uma certeza: a gata preta não ia roubar o seu lugar.

A gata preta, por outro lado, sabia que ia morar ali e se recusou a ser expulsa. Não brigou: a gata cinza era maior e mais forte. Ela se enfiou no canto de um banco, com as costas protegidas por uma parede, e não tirou os olhos da gata cinza nem por um segundo.

Quando a inimiga ia dormir, a gata preta comia e bebia. Então, ia investigar o jardim que conhecera na época em que usava uma linda coleirinha, examinando-o cuidadosamente. Depois examinava a casa, andar por andar. Decidiu que a minha cama seria o lugar certo para ela. Ao ver isso, a gata cinza deu um pulo, bufando, correu a gata preta dali e ocupou seu lugar na minha cama. A gata preta se posicionou no sofá.

A personalidade da gata preta é completamente diferente daquela da gata cinza. Ela é um animal sóbrio, obstinado e modesto. Desconhecia o coquetismo até conhecer a gata cinza: não posava, flertava, rolava, pulava nem se exibia.

Sabia que não era a primeira gata da casa; a gata cinza era a líder. Mas, como segunda gata, tinha direitos, e insistia neles. As duas gatas nunca brigaram fisicamente. Travavam grandes batalhas com os olhos. Ficavam sentadas, uma de cada lado da cozinha; olhos verdes, olhos amarelos, se encarando. Se a gata preta fizesse algo que passasse do limite do tolerável para a gata cinza, esta dava um leve rugido e fazia movimentos sutis de ameaça com os músculos. A gata preta desistia. A gata cinza dormia na minha cama; para a gata preta, isso era proibido. A gata cinza podia sentar sobre a mesa; a gata preta, não. Quando chegavam visitas, a gata cinza ia até a porta primeiro. E a gata cinza não comia a não ser que fosse sozinha, num pires recém-lavado, cheio de comida recém-cortada e num lugar novo da cozinha. Para a gata preta, o velho cantinho da comida servia.

A gata preta se submeteu a tudo isso e, com os humanos da casa, era modestamente afetuosa, se enroscando nas nossas pernas, ronronando e conversando – é metade siamesa também –, mas sempre com um olho na gata cinza.

Esse comportamento não combinava com seu aspecto. A aparência da gata cinza e seu comportamento sempre andaram juntos: de sua aparência, surgiu sua personalidade.

Mas a gata preta é ambígua. Seu tamanho, por exemplo. Ela é uma gata pequena e esguia. Depois que tem filhotes, parece incrível que todos tenham cabido em sua barriga. Quem a pega vê que é sólida, pesada; um bichinho forte e robusto. Não parece nem um pouco modesta, doméstica; nem tão maternal quanto provaria ser.

É elegante. Tem um perfil arrebitado e nobre, como a estátua de um gato numa tumba. Quando se senta, empertigada, com uma pata ao lado da outra, encarando, ou quando se agacha, com olhos velados, fica imóvel, distante, recolhida num lugar longínquo dentro de si mesma. Nesses momentos é grave, inspira respeito. E é preta, preta, preta. Bigodes pretos reluzentes, cílios pretos, nem um pelo branco. Se quem desenhou a gata cinza era um mestre da sutileza, de ternas minúcias, quem desenhou a preta disse: vou criar um gato preto, a quintessência de um gato preto, um gato do Mundo dos Mortos.

Levou duas semanas para que essas antagonistas estabelecessem a hierarquia. Elas jamais se tocaram, brincaram ou se lamberam: forjaram um equilíbrio no qual sempre estavam conscientes uma da outra, numa hostilidade vigilante. E foi triste me lembrar de como a gata cinza e seu filho crescido costumavam brincar, se limpar e se enroscar. Talvez, pensamos, essas duas aprendam a se gostar com o tempo.

Mas então a gata preta ficou doente e a posição duramente conquistada da pobre gata cinza foi perdida por completo.

A gata preta estava resfriada, pensei. Havia algo de errado com seu intestino: ela ia com frequência ao jardim. Vomitou diversas vezes.

Se eu a tivesse levado ao veterinário então, ela não teria ficado tão doente. Tinha enterite; mas eu não sabia como isso é grave nem que pouquíssimos gatos se recuperam; ou pelo menos não quando ainda estão na infância. Na segunda noite da doença, eu acordei e a vi agachada num canto – tossindo, pensei a princípio. Mas estava tentando vomitar – sem nada mais para botar para fora. Sua mandíbula e sua boca estavam cobertas de espuma branca, um líquido grudento que não consegui limpar. Precisei lavar com água. Ela voltou para o canto e se agachou, com os olhos fixos à frente. Sua posição era alarmante: imóvel, paciente; e ela não estava dormindo. Estava esperando.

De manhã, levei-a ao hospital veterinário da esquina, já atormentada pelo remorso, por não tê-la levado antes. Disseram que ela estava muito doente; e, pela maneira como disseram, eu soube que não esperavam que sobrevivesse. Estava muito desidratada e com a temperatura nas alturas. Deram-lhe uma injeção para a febre e disseram que eu devia obrigá-la a beber líquidos – se possível. Ela se recusava a beber, disse eu. Eles fazem isso mesmo, explicaram, a partir de um determinado estágio da doença, que é caracterizada por outro sintoma: os gatos decidem morrer. Rastejam até algum lugar fresco, devido ao calor que circula em suas veias, se agacham e esperam morrer.

Quando levei a gata preta para casa, ela carregou seu corpo esquálido devagar até o jardim. Era o início do outono e estava frio. A gata se agachou, apoiando-se no muro fresco do jardim, com a terra fria sob os pés, na posição de espera paciente da noite anterior.

Carreguei-a para dentro e coloquei-a sobre um cobertor, não muito perto do radiador. Ela voltou para o jardim: mesma posição, paciente e mortal.

Levei-a para dentro e tranquei a porta. A gata se arrastou até a porta e ali ficou, com o focinho virado na direção do jardim, esperando a morte.

Tentei seduzi-la com água, soro glicosado, caldo de carne. Ela não os recusava apenas: estava além deles; a alimentação era algo que deixara para trás. Não queria voltar; negava-se a fazê-lo.

No dia seguinte, as pessoas do hospital disseram que a temperatura da gata preta ainda estava muito alta. Não tinha baixado. E ela *precisava* ingerir líquidos.

Levei-a para casa e refleti. Tinha-se tornado óbvio que manter a gata preta viva tomaria todo o meu tempo. E eu estava ocupada. Além disso, como as pessoas da casa observavam, era só um gato.

Mas *não era* só um gato. Por uma série de razões, todas humanas e irrelevantes para a gata preta, eu não ia deixar que ela morresse.

Preparei uma mistura repugnante, porém útil, de glicose, sangue e água e lutei com a gata preta.

Ela se recusava a abrir a mandíbula para beber. A gata, uma pequena criatura febril, leve como uma sombra, tendo perdido toda a solidez do corpo, sentou-se, ou melhor, desabou no meu colo e cerrou os dentes contra a colher. Era a força da fraqueza: não, não, não.

Forcei-a a abrir os dentes, usando seus caninos como alavancas. O líquido estava em sua garganta, mas ela não engolia. Ergui sua mandíbula e o líquido escorreu pelos cantos da boca. Mas um pouco deve ter descido porque, após a terceira, quarta, quinta colherada, ela começou a fazer um leve movimento de engolir.

E foi isso. A cada meia hora. Eu tirava aquele pobre animal de seu canto e forçava-lhe o líquido goela abaixo. Tive medo de machucar sua mandíbula, de tanta pressão que usei em seus dentes maiores. Deve ter doído bastante.

Aquela noite, coloquei-a ao meu lado na cama e acordei-a de hora em hora. Embora ela não estivesse dormindo, na verdade. Estava agachada, a febre lançando ondas de calor ao seu redor, os olhos meio abertos, suportando o fim da vida.

No dia seguinte, a febre ainda não baixara. Mas, um dia depois, sim; e então a clínica lhe deu injeções de glicose. Cada uma

deixava uma enorme protuberância mole sob seu couro duro. Mas a gata não se importava; não se importava com nada.

Quando a febre baixou, ela começou a sentir muito frio. Embrulhei-a numa toalha velha e coloquei-a do lado do radiador. A cada meia hora, a gata preta e eu lutávamos. Ou melhor, sua intenção de morrer lutava contra minha intenção de não permitir que ela morresse.

À noite, ela se agachou ao meu lado na cama, tremendo com aquele tremor débil e triste da fraqueza extrema, debaixo de uma toalha. Ela ficava onde quer que eu a colocasse; não tinha forças para se mover. Mas *não* abria mandíbula para beber o líquido. De jeito nenhum. Toda a força que lhe restava era reservada para dizer *não*.

Dez dias se passaram. Em todos eles levei a gata preta ao hospital. É um hospital-escola, onde jovens veterinários são treinados. As pessoas da vizinhança levam cães e gatos lá todas as manhãs, entre nove e meio-dia. Ficávamos sentados em fileiras de bancos numa enorme sala de espera árida, com os animais doentes se remexendo, ganindo, latindo. Diversas amizades eram formadas devido às doenças desses animais.

E diversos pequenos incidentes tristes ficaram na minha memória. Por exemplo, havia uma mulher de meia-idade, com o cabelo pintado de louro claro e um rosto macilento. Tinha um lindo cachorro, enorme, o pelo brilhava devido à boa comida e à atenção que recebia. Não podia haver nada de muito grave com o cachorro, que era vivaz, latia e era imponente. Mas a mulher usava o mesmo terninho leve, sempre o mesmo, sem casaco. Fazia um pouco de frio, não muito, e eu e os outros usávamos vestidos leves ou suéteres. Mas a mulher tremia incontrolavelmente; não havia carne em suas pernas ou braços. Era evidente que ela não tinha comida suficiente e que seu dinheiro e seu tempo eram gastos com o cão. Alimentar um cachorro daquele tamanho custa muito dinheiro. Calculo que um gato custe uns dez xelins por semana, mesmo se não for um bicho mimado, como as nossas duas gatas. A mulher

vivia através do cão. Acho que todos ali sentiram isso. Quase todos nesta área são pobres: a maneira como olhavam para ela, ali tremendo com seu animal mimado, e ofereciam seu lugar na fila para que pudesse entrar logo no prédio e sair do frio enquanto esperávamos que as portas abrissem, indicava que compreendiam sua situação e sentiam pena dela.

E um incidente no outro extremo – ao menos aparentemente. Um buldogue gordo – muito gordo, com pregas de gordura por todo o corpo – foi trazido por um menino gordo de cerca de doze anos. Os médicos colocaram o cachorro numa mesa para exame e explicaram para o menino que um cão só pode comer uma determinada quantidade, e só uma vez por dia: não havia nada de errado com ele, apenas lhe davam comida demais. E ele não podia comer pedaços de bolo, pão, doces e... O menino gordo ficou repetindo que ia dizer isso à mãe, ia dizer isso à mãe; mas *ela* só queria saber por que o cachorro arquejava tanto, afinal de contas, só tinha dois anos, e se recusava a correr, brincar e latir como os outros cachorros. Bem, disseram os médicos com paciência, era tão fácil dar comida demais quanto de menos para um animal. Veja bem, se você der comida demais para um cachorro...

Eles são extraordinariamente pacientes; e muito gentis. E cheios de tato. As coisas que devem ser feitas com os animais, mas que deixariam os donos perturbados, acontecem numa sala fechada. A pobre gata preta era levada para tomar suas injeções e demorava vinte minutos, meia hora, até ser devolvida para mim com a bolota de água subcutânea debaixo do pelo duro e sujo.

Ela não se lambia, se limpava, há dias. Não conseguia se mexer. Não estava melhorando. Se nem toda a minha atenção, nem toda a habilidade da clínica fazia diferença, bem, talvez devêssemos permitir que morresse, afinal de contas, já que era isso que ela queria. A gata preta ficava ali, dia após dia, debaixo do radiador. Seu pelo já estava como o pelo de um gato morto, cheio de pó e sujeira; seus olhos estavam grudentos, o pelo ao redor da boca

estava sólido devido à glicose que eu tentava forçar para dentro dela.

Pensei em como era estar doente, de cama, irritada e desgostosa, aquela sensação humilhante que parece se tornar parte da própria doença. Nosso cabelo precisa ser lavado; podemos sentir o cheiro azedo da doença no hálito, na pele. Parecemos estar presos numa casca de doença, num miasma de mal-estar. Então surge a pessoa que está cuidando de nós, lava nosso rosto, penteia nosso cabelo e leva os lençóis rançosos para longe.

Não, é claro que gatos não são humanos; humanos não são gatos; ainda assim, eu não podia acreditar que um bichinho tão asseado quanto a gata preta não estivesse sofrendo com a consciência do quão suja e fedida estava.

Mas é impossível dar banho num gato. Primeiro, eu peguei uma toalha pequena umedecida em água quente e esfreguei, devagar, nela toda, para tirar a sujeira, a poeira e as substâncias pegajosas. Demorou muito. Ela ficou imóvel, mas deve ter sofrido, porque sua pele estava perfurada por muitas injeções. Então, quando estava com o pelo, as orelhas e os olhos quentes, sequei-a com uma toalha aquecida.

E então – acho que foi isso que fez diferença – aqueci as mãos em água quente e massageei-a toda, muito devagar. Tentei fazer a vida voltar àquele corpo frio massageando-o. Fiz isso durante algum tempo, cerca de meia hora.

Ao terminar, cobri-a com uma toalha limpa e aquecida. Então, com muita dificuldade e lentidão, ela se levantou e andou através da cozinha. Logo voltou a se agachar, quando o impulso de se mover desapareceu. Mas *tinha* se movido, por vontade própria.

No dia seguinte, perguntei aos médicos se massagear a gata poderia ter feito alguma diferença. Eles disseram que provavelmente não, acharam que devia ser as injeções. Seja como for, não há dúvidas de que o momento em que a possibilidade de vida surgiu só ocorreu após ela ser limpa e massageada. Durante mais dez dias, a gata preta recebeu injeções de glicose na clínica; foi forçada por

mim a engolir a mistura repugnante de caldo de carne, água e glicose; e foi massageada e escovada duas vezes por dia.

E durante todo esse tempo, a pobre gata cinza foi deixada de lado. É necessário ter prioridades. A gata preta precisava de atenção demais e não era possível dar muito à gata cinza. Mas a gata cinza não ia ficar com os restos, não ia aceitar o segundo lugar. Ela simplesmente se afastou, física e emocionalmente, e ficou observando. Às vezes, se aproximava com cuidado da gata preta, que, para todos os propósitos, já estava morta, farejava-a e ia embora. Às vezes, arrepiava o pelo ao fazer isso. Uma ou duas vezes, na época em que a gata preta se arrastava até o jardim frio e esperava a morte, a gata cinza foi também e ficou a poucos passos, observando. Mas não pareceu hostil; não tentou machucar a gata preta.

Durante todo esse tempo a gata cinza não brincou, não demonstrou seus truques nem fez demandas especiais em relação à comida. Ninguém fez carinho nela, que passou a dormir num canto do quarto, no chão, não numa bola voluptuosa, mas agachada, para poder observar a cama, onde a gata preta estava.

Então a gata preta começou a se recuperar e teve início o pior período – do ponto de vista dos humanos. E talvez também para a gata preta, que fora obrigada a viver, contra a sua vontade. Ela parecia um filhote que tinha de aprender tudo pela primeira vez, ou uma pessoa muito idosa. Não controlava seus intestinos; aparentemente, tinha esquecido para que servia uma caixa de areia. Comia com dificuldade, desajeitada, e fazia a maior bagunça. E, onde quer que estivesse, podia entrar repentinamente em colapso, ficando agachada e com o olhar fixo à frente. Era muito perturbador: aquele animalzinho doente e indiferente, sempre sentado naquela posição desconfortável, nunca enroscado ou esticado. E o olhar fixo – o olhar distante e atônito que fazia com que parecesse um gato morto. Durante algum tempo, achei que tivesse ficado meio maluca.

Mas a gata preta melhorou. Parou de sujar o chão. Comeu. E, um dia, em vez de se agachar, lembrou que era possível deitar

enroscada. Não foi fácil, nem aconteceu de repente. Ela fez duas ou três tentativas, como se seus músculos não conseguissem se lembrar como era. Então se enroscou, com o focinho na cauda, e foi dormir. Voltou a ser um gato.

Mas ainda não tinha se limpado. Tentei ajudá-la a se lembrar de como fazia, pegando uma pata da frente e esfregando-a no rosto, mas ela baixou a pata. Ainda não estava na hora.

Tive de partir numa viagem de seis semanas e as gatas foram deixadas com uma amiga, que ficou cuidando delas.

Quando voltei e entrei na cozinha, a gata cinza estava sentada sobre a mesa, de novo a líder. E no chão estava a gata preta, lustrosa, esguia, limpa e ronronando.

O equilíbrio de poder tinha sido restaurado. E a gata preta tinha esquecido que ficara doente. Mas não por completo. Seus músculos nunca se recuperaram inteiramente. Suas juntas são um pouco duras: ela salta bem, mas não consegue dar um pulo perfeito. Nas costas, bem perto do rabo, há um pedaço do pelo que nunca cresceu direito. E, em algum lugar de seu cérebro, está contida a lembrança daquela época. Mais de um ano depois, eu a levei à clínica, porque ela estava com uma infecção no ouvido, nada muito complicado. Ela não se importou de ser levada na caixinha. Não se importou com a sala de espera. Mas, ao ser levada para a sala de diagnóstico, começou a tremer e salivar. Eles a levaram para a sala interna, onde ela havia tomado tantas injeções, para limpar seus ouvidos e, quando a trouxeram de volta, a gata preta estava rígida de pavor, babando, e tremeu durante horas. Mas é uma gata normal, com instintos normais.

Capítulo seis

Talvez seja porque ela esteve tão próxima da morte, mas o apetite da gata preta é gigantesco: nela, constatamos a restauração de um equilíbrio.

Ela come três ou quatro vezes mais do que a gata cinza e, quando está no cio, é de causar espanto. A gata cinza era amorosa e sedutora. A gata preta é obsessiva. Durante quatro ou cinco dias, os humanos observam, atônitos, essa resoluta força da natureza. A gata preta anuncia o surgimento de seu anseio por um parceiro ronronando, rolando pelo chão e exigindo carícias freneticamente. Faz amor com nossos pés, com o carpete, com a mão de alguém. Uiva no jardim. Reclama, com toda a força de sua voz, que não basta, não basta – então o sexo deixa de ser sua principal preocupação e ela se torna mãe em tempo integral e cem por cento, sem nenhum impulso a impeli-la para mais nada.

O pai da primeira ninhada da gata preta foi um gato novo, um jovem tigrado. Naquele verão, surgiu uma nova população de gatos. Os vivisseccionistas, ou os fornecedores de pelo de gato, haviam saqueado nosso quarteirão mais uma vez, e seis gatos desapareceram em uma só noite.

Os disponíveis eram: o tigrado bonito; um gato preto e branco de pelos longos; um gato branco com manchas cinza. Ela quis o tigrado e conseguiu. Com adendos. No fim do segundo dia de seu cio, observei a seguinte cena.

A gata preta estava debaixo do tigrado há algumas horas. Ela entrou correndo no saguão, querendo que ele viesse atrás. Rolou no chão, esperando. O tigrado veio atrás dela, olhou-a, lambeu-a e,

enquanto ela rolava e seduzia, prendeu-a com uma pata como quem dizia: fique quieta um instante. Indulgente, afetuoso, ele se agachou, prendendo no chão a importuna gata preta. Debaixo da pata dele, ela se contorcia e implorava. Fique quieta, disse ele. Então ela se soltou e disparou para o jardim, olhando para trás, para ver se ele vinha também. Ele foi, sem pressa. No jardim estava o gato preto e branco, aguardando. Nossa gata rolou para atrair o tigrado, que permaneceu sentado, com aparente indiferença, lambendo o pelo. Mas ele estava prestando atenção nela. A gata começou a rolar na frente do gato preto e branco. O tigrado se aproximou e agachou perto dos dois, olhando. Ficou ali, observando, enquanto a gata preta cruzava com o gato preto e branco. Foi uma cruza rápida. Quando a gata preta se livrou de seu novo parceiro, com quem cruzara só para ser coquete, o tigrado puniu sua infidelidade dando-lhe um tapa nas orelhas. Então, montou ele próprio nela. Em nenhum momento voltou sua atenção para o gato preto e branco ou puniu-o; e este, de tempos em tempos durante aqueles três ou quatro dias, teve sua vez com a gata preta, que levava tapas nas orelhas de bronca, mas dados sem grande ênfase.

As gatas têm um útero duplo, como os coelhos. A gata preta teve seis filhotes. Um cinzento, dois pretos e três pretos e brancos, de modo que, aparentemente, o parceiro secundário pareceu ter mais efeito sobre os gatinhos do que o tigrado, que era o preferido.

Assim como a gata cinza, a gata preta não segue em nada a lei natural que diz que os filhotes de gato devem nascer num lugar escuro e de difícil acesso. Ela gosta de ter filhotes num cômodo dentro do qual sempre tenha gente. Naquela época, o quarto do último andar da casa estava sendo usado por uma menina que estudava para algumas provas e que, portanto, quase nunca saía. A gata preta escolheu a poltrona de couro da menina e deu à luz enquanto a gata cinza observava. Uma ou duas vezes, a gata cinza subiu num dos braços da poltrona e esticou a pata para tocar um

gatinho. Mas nessa área, a materna, a gata preta tem autoconfiança e autoridade sobre a gata cinza, que foi obrigada a descer.

Os filhotes nasceram sem problemas e depressa. Como sempre, passamos por aquele momento terrível de ver surgir um, dois, três, quatro, cinco, seis gatinhos, torcendo para que cada um deles fosse o último, para que, só dessa vez, ela tivesse dois, talvez três. Como sempre, decidimos que três era o suficiente, que íamos nos livrar dos outros, e então, quando todos estavam limpos, com as patas da frente no peito da mamãe, mamando vigorosamente enquanto ela ronronava, orgulhosa de seu feito, decidimos que não iríamos conseguir matá-los de jeito nenhum.

Ao contrário da gata cinza, a gata preta detestava abandonar os filhotes; e ficava mais satisfeita quando havia quatro ou cinco pessoas ao redor, admirando-a. Quando a gata cinza boceja, aceitando homenagens, é insolente, lânguida. A gata preta, em meio aos seus gatinhos, ouvindo que é esperta e linda, boceja alegremente, sem arrogância, uma boca e uma língua muito rosas contra o pelo preto, preto.

A gata preta, quando mãe, nada teme. Se há filhotes na casa e outros gatos invadem, a gata preta dispara escada abaixo e corre aos guinchos atrás deles: eles saem a toda velocidade, escalando e pulando os muros.

Já a gata cinza, diante de um gato que não é bem-vindo, sibila, ameaça e alerta até que um humano apareça. Então, com esse apoio, corre atrás do intruso – mas nunca antes disso. A gata preta ataca; depois dela, vem a cinza. A gata preta trota de volta para casa, decidida, ocupada, com a missão cumprida; a gata cinza, covarde, vem devagar, para, se lambe, e então solta um grito desafiador, de trás de pernas humanas ou de uma porta.

A gata cinza, quando a gata preta está ocupada com seus filhotes, quase volta a ser o que era antes, mas não totalmente. Ela passeia ao redor da cama à noite, escolhendo seu lugar preferido, que não é mais debaixo do lençol ou no meu ombro, mas no ângulo formado pelas pernas dobradas ou contra a curva dos pés. Lambe

meu rosto delicadamente, dá uma breve olhada pela janela na noite lá fora, reconhecendo a árvore, a lua, as estrelas, os ventos, ou as seduções dos outros gatos, das quais jamais voltará a participar, e então se deita. De manhã, quando quer que eu acorde, se agacha sobre o meu peito e toca meu rosto com a pata. Ou, se eu estiver deitada de lado, se agacha e me encara. Toques suaves, suaves da pata. Abro os olhos, digo que não quero acordar. Fecho os olhos, a gata toca gentilmente as minhas pálpebras. Lambe meu nariz. Começa a ronronar, a duas polegadas do meu rosto. Então, enquanto eu finjo dormir, dá uma mordida delicada no meu nariz. Eu rio e me sento. Diante disso, ela pula da cama e dispara lá para baixo – para que eu abra a porta dos fundos se for inverno, ou para ser alimentada, se for verão.

A gata preta desce do topo da casa, quando acha que está na hora de levantar, e fica sentada no chão, me olhando. Às vezes, passo a ter a consciência do olhar fixo e insistente de seus olhos amarelos. Ela sobe na cama. A gata cinza dá um rosnado baixo. Mas a gata preta, com o apoio de sua ninhada, sabe quais são os seus direitos e não sente medo. Ela vai até o pé da cama e sobe pelo outro lado, perto da parede, ignorando a gata cinza. Fica sentada, à espera. A gata cinza e a gata preta trocam longos olhares amarelos e verdes. Então, se eu não me levanto, a gata preta dá um salto, passando por cima de mim e aterrissando no chão. Lá, espia para ver se o gesto me acordou. Se não tiver acordado, faz mais uma vez. E mais uma. A gata cinza, com desprezo pela falta de sutileza da outra, mostra como as coisas devem ser feitas: se agacha para tocar meu rosto com a pata. A gata preta, no entanto, não consegue aprender a delicadeza da cinza: fica impaciente. Não sabe como tocar num rosto até fazê-lo se abrir num sorriso, ou como morder, com gentileza e zombaria. Sabe que, se pular sobre mim vezes o suficiente, eu vou levantar e alimentá-la e que, então, vai poder voltar para perto dos filhotes.

Já vi a gata preta tentando imitar a cinza. Quando a gata cinza se deita e se estica para ser admirada e nós dizemos: Gata linda,

liiiiiiiiiinda, a gata preta desaba ao seu lado, na mesma posição. A gata cinza boceja; a gata preta também. A gata cinza, então, se arrasta embaixo do sofá, de costas; e a gata preta é assim derrotada, pois não é capaz de fazer esse truque. Assim ela vai ver seus gatinhos, pois, como bem sabe, nós vamos atrás para admirá-la também.

A gata cinza estava se transformando numa caçadora. Não para comer. As caçadas dela não têm nenhuma relação com comida – quer dizer, com a comida enquanto substância que nutre, não como uma afirmação, um comentário, sobre suas emoções.

Houve um fim de semana em que me esqueci de comprar a carne de coelho fresca que, naquela época, era a única coisa que ela comia. Só havia ração enlatada. A gata cinza, quando está com fome, se senta, não no cantinho da comida, o lugar humilde da gata preta, mas do outro lado da cozinha, no *seu* lugar. Nunca mia por comida. Senta-se diante de um pires imaginário, me encarando. Se a ignoro, ela atravessa a cozinha e se enrosca nas minhas pernas. Se continuo a ignorá-la, pula para cima e coloca as patas na minha saia. Então, morde de leve a batata da minha perna. Num comentário final, vai até o pires da gata preta, vira as costas para ele e joga uma areia imaginária em cima, dizendo que, para ela, aquilo é excremento.

Mas *não tinha* carne de coelho na geladeira. Abri a geladeira, com ela do lado, esperando, e voltei a fechar, para dizer que não havia nada ali dentro que pudesse interessá-la e que, se estivesse mesmo com fome, teria de comer comida enlatada. A gata cinza não entendeu e sentou-se ao lado do pires inexistente. Voltei a abrir a geladeira, fechei, apontei para a comida enlatada e fui trabalhar.

A gata cinza então saiu da cozinha e, após alguns minutos, voltou com duas linguiças cozidas, que colocou aos meus pés.

Gata malvada! Gata ladra! Gata amoral! Gatuna de linguiça!

A cada epíteto, ela fechava os olhos para mostrar sua atenção, dava uma volta, jogava areia imaginária nas linguiças, saía da cozinha, furiosa.

Subi até o quarto, de onde consigo ver os quintais, os jardins e os muros. A gata cinza tinha saído da casa e estava atravessando o jardim rumo ao muro dos fundos, nos passos largos e rápidos de uma caçadora. Ela pulou no muro dos fundos, correu sobre ele, desapareceu. Não consegui ver para onde foi.

Voltei para a cozinha. A gata cinza apareceu com mais uma linguiça cozida e colocou-a ao lado das outras duas. Então, depois de jogar areia por cima desta, deixou a cozinha e foi dormir na minha cama.

No dia seguinte, no chão da cozinha, encontrei uma fieira de linguiças cruas e, ao lado, a gata cinza, sentada esperando que eu decifrasse o significado daquela afirmação.

Pensei que talvez os pobres atores do teatrinho estivessem perdendo seus almoços. Mas não. Assisti, da janela do meu quarto, à gata cinza trotando pelo muro, pulando e desaparecendo dentro de uma casa colada a ele. Já havia notado que alguns dos tijolos tinham sido retirados – presumivelmente, para ventilar a cozinha. Não era fácil para um gato caber naquele buraco, em especial depois de um pulo de um metro de um muro estreito, mas era isso que ela estava fazendo, e que ainda faz, quando deseja comunicar que não está sendo alimentada de maneira apropriada.

A pobre mulher está na cozinha, frita algumas linguiças para o marido comer no café, se vira e vê que elas sumiram. Fantasmas! Ou então, ela bate num cão ou numa criança inocente. Ou coloca num prato meio quilo de linguiças prontas para ir para a frigideira. Dá as costas por um instante – e lá se foram as linguiças. A gata cinza está atravessando correndo o nosso jardim, arrastando uma fieira de linguiças, para depositá-la no chão da cozinha. Talvez esse gesto tenha sua origem em ancestrais caçadores, que foram treinados para capturar presas e levá-las para os homens, e a lembrança permaneça em seu cérebro, podendo ser transformada nessa linguagem semi-humana.

Todo ano, um sabiá faz um ninho no enorme sicômoro que fica no fundo do jardim. Todo ano, os passarinhos saem dos ovos e acabam

seus primeiros voos nas mandíbulas de gatos que aguardam lá embaixo. A mãe pássaro ou o pai pássaro desce para ir atrás deles e é pego também.

Os pios e guinchos assustados de um pássaro capturado perturbam a casa. A gata cinza leva o pássaro lá para dentro, mas só para ser admirada por sua habilidade, pois brinca com a presa, tortura-a – de maneira encantadora. A gata preta fica agachada na escada, observando. Nunca matou um pássaro. Mas três, quatro, cinco horas depois que a gata cinza pegou o bicho, quando ele está morto, ou quase, a gata preta pega-o e joga para lá e para cá, imitando as brincadeiras da outra. Todo verão, eu salvo pássaros da gata cinza, atiro-os para bem longe dela, no ar ou para outro jardim – quer dizer, se não estiverem muito machucados, para que tenham uma chance de se recuperar. Quando isso acontece, a gata cinza fica furiosa, vira as orelhas para trás, me olha com raiva, não entende de jeito nenhum. Quando traz um pássaro para dentro de casa, sente orgulho. Ele, na verdade, é um presente; fato que só compreendi no verão que passamos em Devon. Mas eu ralho com ela e levo os pássaros para longe, não fico feliz.

Gata horrível! Torturadora de pássaros! Assassina! Sádica! Descendente degenerada de caçadores honestos!

Ela irradia raiva diante da minha voz furiosa; e sai correndo da casa com o pássaro aos guinchos. Eu tranco a porta dos fundos e fecho as janelas enquanto a tortura continua. Mais tarde, quando está tudo calmo, a gata cinza volta. Não se enrosca nas minhas pernas nem me cumprimenta. Ela me esnoba, vai devagar lá para cima e dorme para descansar. O cadáver do pássaro, morto de exaustão, mais do que dos dentes e das garras da gata, enrijece no jardim.

Quando mandei podar a enorme árvore, a pedido dos vizinhos, alguns dos quais desgostam dela porque faz sombra em seus jardins, alguns porque “as folhas fazem uma bagunça tão grande”, o podador ficou reclamando. Não especificamente de mim, a cliente

que, afinal de contas, ia pagar a conta; mas da vida moderna que, segundo ele, é antiárvore.

“Todos os dias”, disse, muito, muito ressentido, “eles ligam. Eu vou. Lá está uma bela árvore. Levou cem anos para crescer. O que somos nós em comparação com uma árvore? Eles dizem, pode cortar, está estragando as minhas rosas. Rosas! O que são rosas em comparação com uma árvore? Tenho de cortar uma árvore por causa das rosas. Ontem mesmo tive de cortar um freixo até um metro só de altura. Para fazer uma mesa, disse a mulher, uma mesa, e a árvore levou cem anos para crescer. Ela queria sentar na mesa, tomar chá e olhar as rosas. Nada de árvores hoje em dia, as árvores estão sumindo. E se você faz um bom trabalho eles não gostam, não, querem que você retalhe a árvore toda, acabe com o formato dela. E os pássaros? Você sabia que tem um ninho naquele galho lá?”

“Eu tenho gato”, expliquei. “Seria melhor se os pássaros fizessem ninho em outro lugar.”

“Ah, sim”, disse ele, “sempre escuto isso. Os gatos. Todo mundo quer cortar as árvores e os gatos estão para todo lado. Que chance têm os pássaros? Juro que vou desistir desse emprego, ninguém quer alguém habilidoso e honesto hoje em dia. Olhe só para aqueles gatos, olhe só!”

Para o homem que podava árvores, árvores e pássaros eram uma unidade, uma unidade sagrada que teria prioridade, suponho, sobre os seres humanos, se a decisão fosse dele. Quanto aos gatos, o homem se livraria de todos.

Ele podou, não retalhou, a árvore; e, na primavera seguinte, um sabiá fez um ninho nela e os passarinhos flutuaram até o chão, como sempre. Um, no entanto, saiu voando em linha reta e entrou pela janela mais alta dos fundos, que dava no quarto vago. E passou um dia lá, tão amistoso que chegou a sentar numa cadeira e me olhar de uma distância de dois palmos, quase me encarando. Não tinha um impulso de medo dos seres humanos – ainda. Mantive a porta fechada enquanto a gata cinza farejava do lado de fora. No

fim da tarde daquele dia de verão, quando todos os pássaros já estavam em silêncio, dormindo, o passarinho voou em linha reta da janela de volta para a árvore, sem chegar perto do chão. Portanto, talvez tenha sobrevivido.

O que me faz lembrar de uma história contada por uma mulher que mora no alto de um prédio de sete andares em Paris, perto da Place Contrescarpe. Ela gosta de não acumular muita bagagem, de não ter amarras e de ser livre para ir para qualquer lugar, a qualquer momento. É casada com um marinheiro. Bem, certa tarde, um pássaro saiu das copas das árvores, entrou no apartamento e não deu sinais de querer ir embora. Ela é uma mulher organizada, jamais suportaria cocô de pássaro em casa. Mas “alguma coisa” deu nela. A mulher colocou jornais no chão e permitiu que o pássaro ficasse seu amigo. O pássaro não foi para o sul quando o inverno chegou, como deveria ter feito; e, de repente, minha amiga compreendeu que tinha arrumado uma responsabilidade. Se expulsasse o pássaro agora, no inverno parisiense, ele ia morrer. Ela ia ter de fazer uma viagem dentro de poucas semanas. Não podia deixar o pássaro. Por isso, comprou uma gaiola e levou-o junto.

Ela se deu conta da cena: “Imagine: eu! Eu! Chegando num hotel provinciano com uma mala numa das mãos e uma gaiola de pássaro na outra! Eu! Mas o que eu podia fazer? O pássaro ficou no meu quarto, o que significou que tive de ser simpática com a madame e as arrumadeiras. Tinha me transformado numa pessoa que gostava de seres humanos – meu Deus! Velhinhas me paravam nas escadas. Moças me falavam de seus problemas amorosos. Voltei correndo para Paris e fiquei emburrada dentro de casa até a primavera. Então, atirei aquele pássaro janela afora, praguejando, e, desde então, mantenho as janelas fechadas. Eu me recuso a permitir que os outros gostem de mim, isso não!”

A gata preta engravidou da segunda ninhada quando a primeira tinha apenas dez dias de idade. Isso me pareceu pouco vantajoso, mas o veterinário disse que era normal. O menorzinho dessa

ninhada – os menores, por alguma razão, são muitas vezes os mais simpáticos, talvez por terem de compensar em charme o que os outros têm em força – foi para um apartamento cheio de estudantes. Estava no ombro de alguém sentado numa janela do terceiro andar quando um cachorro latiu no cômodo de trás. Num reflexo de medo, pulou da janela. Todos correram para a calçada para pegar o cadáver. Mas lá estava o gatinho, se lambendo. Nem se machucou.

A gata preta, sem filhotes durante algum tempo, desceu para retornar à vida comum. A gata cinza provavelmente tinha imaginado que a preta ia ficar para sempre lá em cima, com as responsabilidades da maternidade. Ou seja, ela teria aquele território só para si. Mas entendeu que não seria assim; sua posição poderia ser ameaçada a qualquer momento. Outra batalha pelo poder foi travada, e dessa vez foi desagradável. A gata preta havia tido filhotes, estava mais segura de si e não se deixou intimidar com tanta facilidade. Por exemplo, recusou-se a dormir no chão ou no sofá.

A questão foi resolvida assim: a gata cinza dormia no topo da cama e a preta no pé. Mas só a gata cinza podia me acordar. Algo que, a partir de então, passou a ser feito apenas como exibição para a gata preta: as provocações, patadas, lambidas, ronronadas aconteciam enquanto a gata cinza observava a rival: olhe só para mim. E os pássaros: olhe o que eu sei fazer e você não. Acho que, durante aquelas semanas, as gatas não estavam conscientes dos seres humanos. Elas se relacionavam apenas entre si, como crianças brigando, para quem adultos são manipuláveis e subornáveis, alheios à obsessão que faz das crianças conscientes apenas uma da outra. O mundo todo se estreita e se torna o outro, que precisa ser derrotado, subjugado. Um mundo pequeno, ofuscante, quente e amedrontador, como o da febre.

As gatas perderam seu charme. Faziam as mesmas coisas, os mesmos gestos. Mas o charme – se fora.

O que é o charme, portanto? Oferecer, em troca de nada, um encanto, esbanjar o que lhe foi dado pela natureza em seu papel de

perdulária. Mas há algo de desconfortável aqui, algo de intolerável, uma aspereza, estamos na presença da injustiça. Como algumas criaturas recebem tão mais do que outras, isso significa que devem retribuir? O charme é extra, supérfluo, desnecessário, essencialmente um poder jogado fora – dado. Quando a gata cinza rola de barriga para cima num raio cálido de sol, luxuriante, voluptuosa, deliciosa, isso é charme, e é tocante. Quando a gata cinza rola e todos os movimentos são iguais, e seus olhos estão fixos na gata preta, isso é feio, e até o movimento em si tem algo de abrupto e severo. E a gata preta, ao observar, ou tentar imitar algo para o qual não possui habilidade natural, tem certa discrição ressentida, como se estivesse roubando algo que não lhe pertence. Se a natureza esbanja num animal, como fez com a gata cinza, arbitrariamente, inteligência e beleza, então a gata cinza, em troca, deveria esbanjar essas qualidades com a mesma generosidade.

Como a gata preta faz com seu instinto materno. Quando está enroscada com seus gatinhos, com uma pata elegante, preta retinta, sobre eles, protetora e tirânica, os olhos semicerrados, um ronronado no fundo da garganta, é magnífica, generosa – e autoconfiante sem fazer esforço. Enquanto isso, a pobre gata cinza, destituída de seu sexo, permanece do outro lado do quarto, ao mesmo tempo invejosa e ressentida, com todo o corpo, o rosto e as orelhas viradas dizendo: eu a odeio, eu a odeio, eu a odeio.

Em resumo, durante algumas semanas elas não satisfizeram nem os humanos na casa nem, certamente, a elas mesmas.

Mas tudo mudou de repente quando passamos uma temporada no campo, onde nenhuma das duas jamais estivera.

Capítulo sete

Ambas tinham memórias de medo e dor associadas à caixa de transporte; por isso, achei que não iam gostar de viajar nela. Deixamos as duas soltas no banco de trás do carro. A gata cinza imediatamente pulou para a frente, para o meu colo. Estava numa tristeza miserável. Durante todo o tempo que levamos para sair de Londres, ficou miando, trêmula, num lamento agudo e contínuo que nos deixou todos loucos. A lamúria da gata preta era baixa e melancólica, relacionada a seu desconforto interno, não ao que ocorria ao redor. A gata cinza gritava toda vez que um carro ou um caminhão surgia no quadrado da janela. Por isso, coloquei-a no chão, aos meus pés, para que não visse o tráfego. Ela não gostou. Queria ver a causa daqueles sons que a assustavam. Ao mesmo tempo, odiava vê-la. Ficava agachada no meu colo, erguia a cabeça quando um som aumentava, via a máquina maciça, negra e vibrante que passava à frente ou ficava para trás – e miava. Vivenciar o tráfego aos olhos de um gato é uma lição sobre tudo o que bloqueamos mentalmente sempre que entramos num carro. Não ouvimos o alarido aterrador – as sacudidelas, os estrondos, os chiados. Se ouvíssemos, quase enlouqueceríamos, como aconteceu com a gata cinza.

Sem conseguir mais suportar, paramos o carro e tentamos enfiá-la numa caixa de transporte. Ela entrou em pânico, histérica de medo. Voltamos a soltá-la e tentamos colocar a gata preta lá dentro. Ela ficou muito satisfeita ao se ver dentro da caixa, com a tampa fechada. Durante o resto da viagem, a gata preta ficou agachada dentro da caixa, com o nariz preto enfiado num buraco lateral.

Fazíamos carinho no seu nariz e perguntávamos como estava; e ela respondia com aquele miado grave e triste, mas não parecia perturbada demais. Talvez o fato de estar grávida tivesse algo a ver com sua tranquilidade.

Enquanto isso, a gata cinza lamentava. Miou sem parar durante todo o trajeto, nas seis horas que levamos de carro até Devon. Acabou se enfiando embaixo do assento da frente, soltando aqueles miados insanos e sem sentido, e nada do que dizíamos ou fazíamos para consolá-la ou confortá-la surtia qualquer efeito. Logo, deixamos de ouvi-la, assim como não ouvimos o tráfego.

Passamos aquela noite na casa de um amigo numa aldeia. As duas gatas foram colocadas num cômodo grande com uma caixa de areia e tigelas de comida. Não podiam ficar soltas, porque havia gatos na casa. O terror da gata cinza foi esquecido diante de sua necessidade de dominar a gata preta. Ela usou a caixa de areia primeiro; comeu primeiro; e subiu na única cama. Ficou sentada ali, desafiando a gata preta a subir. A gata preta comeu, usou a caixa de areia e ficou sentada no chão olhando para a gata cinza lá em cima. Quando a gata cinza desceu da cama mais tarde, para comer, a gata preta pulou para cima e foi imediatamente corrida dali.

Passaram a noite assim. Pelo menos, quando eu acordei, lá estava a gata preta no chão, olhando para a gata cinza, de guarda no pé da cama, olhos baixos faiscantes.

Nós nos mudamos para uma casinha em meio ao urzal. Uma casa antiga que estava vazia havia algum tempo. Os móveis eram poucos. Mas havia uma lareira grande. Aquelas gatas nunca tinham visto uma fogueira. Quando os troncos começaram a queimar, a gata cinza gritou de medo, correu para o andar de cima e se enfiou embaixo da cama, onde ficou.

A gata preta farejou o cômodo do primeiro andar, descobriu a única poltrona e tomou posse dela. Ficou interessada no fogo; não sentia medo, contanto que não chegasse muito perto.

Mas tinha medo da região rural em torno da casa – campos, grama, árvores cercadas não por retângulos perfeitos de tijolo, mas

por hectares inteiros que se esparramavam, recortados por muros baixos de pedra.

As duas gatas tiveram de ser expulsas de casa durante alguns dias para que uma faxina pudesse ser feita. Elas finalmente compreenderam a situação e começaram a passear – passeios breves, no entanto; a princípio, indo no máximo até embaixo das janelas, onde há canteiros e pedrinhas redondas. Depois, um pouco mais adiante, até um muro de pedra coberto de musgo. Depois, até um terreno cercado por muros. A gata cinza não voltou imediatamente da primeira visita que fez a este último. Ele era coberto de urtigas, cardos, dedaleiras; repleto de pássaros e camundongos. Ela se agachava diante dessa pequena selva, com os bigodes, as orelhas e a cauda trabalhando – ouvindo e sentindo. Mas ainda não estava pronta para aceitar a própria natureza. Um pássaro aterrissando de repente num galho era o suficiente para que corresse de volta para a casa, subisse para o segundo andar e se enfiasse debaixo da cama. Onde permanecia durante alguns dias. Mas quando chegavam carros, trazendo visitas ou entregando lenha, pão, leite, ela parecia ver a casa como uma armadilha e corria lá para fora, onde se sentia mais segura. Em suma, estava desorientada; estava longe de ser quem era; não encontrava sentido em seus instintos. Recusava-se a comer; é incrível quanto tempo um gato consegue passar sem nada além de um gole de leite ou de água quando está desprezando uma comida de que não gostou, quando está assustado ou um pouco doente.

Tínhamos medo de que ela fugisse – e tentasse, talvez, voltar para Londres.

Quando eu tinha seis, sete anos, um homem se sentara num cômodo com telhado de palha e iluminado por lampiões da nossa fazenda, fazendo carinho numa gata. Lembro-me dele lá, acariciando o animal, conversando com ele; e o círculo de luz de lampião que os envolvia fazendo de ambos, homem e gata, um quadro que surge diante dos meus olhos agora. Volto a sentir o que senti com tanta força na época, inquietação, desconforto. Eu estava

de pé ao lado do meu pai, sentindo o que ele sentia. Mas o que estava acontecendo? Revolvo a memória, tento pegá-la de surpresa, fazer funcionar suas engrenagens, vendo a luz cálida no pelo cinza e macio, ouvindo de novo a emoção na voz dele. Mas só me recordo do desconforto, de querer que ele fosse embora. Algo estava muito errado. O homem era lenhador; cortava madeira perto das montanhas, a cerca de trinta quilômetros dali. Nos fins de semana, ia ficar com a mulher e os filhos em Salisbury. É impossível não se perguntar: por que ele queria levar uma gata para uma madeireira? Por que uma gata adulta, e não um filhote, que aprenderia que pertencia a ele ou, pelo menos, à madeireira? Por que aquela gata? Por que estávamos dispostos a dar uma gata adulta, algo sempre arriscado, e ainda por cima para um homem que só ficaria na madeireira temporariamente, já que, quando chegasse a temporada das chuvas, voltaria para a cidade? Por quê? Bem, a resposta, é claro, está na tensão, na discórdia que pairava no ar naquela noite.

Fomos até a madeireira com a gata.

Lá em cima, ao pé de uma cordilheira, uma região que parecia um parque, com imensas árvores silenciosas. Lá embaixo, em meio às árvores, um ninho de barracas brancas numa clareira. As cigarras cantavam. Era final de setembro ou já outubro, porque logo ia começar a chover. Estava muito quente e muito seco. Longe, no meio das árvores, o zumbido da serra, contínua e monótona como as cigarras. Então, um silêncio exagerado quando ela parava. O estrondo quando mais uma árvore caía, e um cheiro forte, de grama e folhas quentes, emitido pelos galhos durante a queda.

Passamos a noite naquele lugar quente e silencioso. Deixamos a gata. Não havia telefone na madeireira, mas o homem ligou no fim de semana seguinte para dizer que ela havia desaparecido. Ele lamentava; tinha colocado manteiga nas patas dela, como minha mãe ensinara, mas não havia nenhum lugar onde trancá-la, pois era impossível trancar uma gata numa barraca; e ela fugira.

Duas semanas depois, no meio de uma manhã quente, a gata saiu de mansinho da floresta e entrou na casa. Tinha sido uma gata cinza esguia. Agora estava magra, com o pelo áspero, os olhos arregalados de pavor. Correu até minha mãe e se agachou, olhando-a, para se certificar de que pelo menos aquela pessoa tinha permanecido igual em meio a um mundo assustador. Então subiu nos braços dela, ronronando, chorando, feliz por estar em casa de novo.

Bem, era uma distância de trinta quilômetros, talvez vinte na linha reta de um voo de pássaro, mas não no trajeto que um gato teria sido obrigado a percorrer. A gata fugiu da madeireira, com o nariz apontado na direção que seu instinto lhe dissera ser a certa. Não havia um caminho óbvio a seguir. Entre a nossa fazenda e a madeireira havia um emaranhado de estradas tortuosas, todas de terra, e a que levava à madeireira atravessava seis ou sete quilômetros de grama seca. Não é provável que a gata tenha conseguido seguir o mesmo caminho do carro. Deve ter atravessado a vegetação, uma estepe desolada, sem casas, repleta de camundongos, ratos e pássaros para comer, mas também cheia dos inimigos dos gatos, como leopardos, cobras, aves de rapina. Deve ter caminhado à noite. Havia dois rios no meio do caminho. Não estariam cheios no fim da estação de seca. Em alguns pontos havia pedras sobre as quais atravessar; ou talvez ela tenha examinado as margens até encontrar um local onde os galhos iam de um lado ao outro e usado as árvores para cruzar a água. Talvez tenha nadado. Ouvi dizer que gatos sabem nadar, embora nunca tenha visto nenhum fazendo isso.

A estação das chuvas começou durante aquelas duas semanas. Os dois rios em geral transbordam numa enchente súbita e inesperada. Uma tempestade ocorre quinze, vinte, trinta quilômetros rio acima. O rio enche e a água, numa onda, arrasta tudo que fica de cinquenta centímetros a cinco metros acima do chão. Não é impossível que a gata estivesse sentada na margem, esperando uma oportunidade de atravessar o rio, quando as primeiras chuvas

da estação caíram. Mas deu sorte em ambos os rios. Tinha ficado encharcada: o pelo molhara todo e depois secara. Depois que ela atravessou, a salvo, o segundo rio, teve de cruzar mais quinze quilômetros de estepe vazia. Seguiu adiante, provavelmente numa cegueira feroz, faminta e desesperada, sabendo apenas que precisava continuar e que estava na direção certa.

A gata cinza não fugiu, ainda que talvez tenha pensado nisso quando estranhos vinham à casa e ela se escondia nos campos. Quanto à gata preta, se aconchegou na poltrona e ali ficou.

Para nós, foi uma época de muito trabalho, pintando paredes, limpando assoalhos, cortando hectares de urtigas e ervas-daninhas. Comíamos apenas o necessário, já que não tínhamos muito tempo para cozinhar. E a gata preta comia conosco, feliz, já que o medo da gata cinza a tirara de cena. Era a gata preta que se enroscava em nossas pernas quando entrávamos, que ronronava e era acariciada. Ficava sentada na poltrona, observando-nos entrar e sair marchando da sala com botas enormes, e olhava o fogo, as chamas, criaturas vermelhas que sempre se moviam e que logo – não imediatamente, levou tempo – a persuadiram daquilo que, para nós, é um tanto óbvio: uma lareira e um gato são uma combinação perfeita.

Em pouco tempo, ela teve coragem suficiente para se aproximar do fogo e se sentar perto dele. Escalou a pilha de lenha que ficava num canto e pulou de lá para o velho forno de pão, que, decidiu, seria um lugar melhor para ter filhotes do que a poltrona. Mas alguém se distraiu e a porta do forno foi fechada. E então, no meio de uma noite de ventania, ouvimos o grito lamurioso com o qual a gata preta anunciou seu desamparo diante do destino. Nenhum lamento da gata preta pode ser ignorado: eles são sérios, pois, ao contrário da gata cinza, ela nunca reclama sem uma boa causa. Corremos lá para baixo. O miado triste vinha da parede. A gata preta tinha sido trancada no forno de pão. Não havia perigo; mas ela ficou com medo; e voltou para o nível do chão e da poltrona, onde a vida já fora testada e era segura.

Quando a gata cinza afinal decidiu sair de seu refúgio debaixo da cama e descer, a gata preta era a rainha da casa.

A gata cinza tentou enfrentar a preta com seu olhar feroz; tentou tirá-la da poltrona e de perto do fogo retesando a musculatura de maneira ameaçadora e fazendo gestos rápidos e hostis. A gata preta a ignorou. A gata cinza tentou dar início àqueles joguinhos cujo objetivo era mostrar de quem era a preferência na hora de comer. Mas não teve sorte, pois todos estávamos ocupados demais para participar da brincadeira.

Lá estava a gata preta, feliz diante do fogo, e lá estava a gata cinza – bem longe dele, excluída.

A gata cinza se sentou no parapeito da janela e miou, desafiando as chamas que se moviam. Ela se aproximou – o fogo não a machucou. E além do mais lá estava a gata preta, sentada com os bigodes quase dentro dele. A gata cinza chegou mais perto, sentou no tapete diante da lareira e ficou observando as chamas com as orelhas para trás e o rabo balançando. Aos poucos, ela também compreendeu que o fogo do outro lado das barras de ferro era um benefício. Passou a se deitar e rolar diante dele, expondo a barriga cor de creme ao calor, como teria feito no chão em Londres no chão banhado por um raio de sol. em Londres. Tinha aceitado o fogo. Mas não o fato de a gata preta ser a nova líder.

Fiquei sozinha na casa durante alguns dias. De repente, a gata preta sumiu. A gata cinza se sentou na poltrona, postou-se diante do fogo. A gata preta não estava em lugar nenhum da casa. A cinza ronronou, me lambeu e me mordeu; ficava dizendo, sem parar, como era bom que estivéssemos a sós, como era bom a gata preta não estar mais ali.

Fui procurar a gata preta e a encontrei num dos campos, se escondendo. Miava de um jeito triste, então a levei de volta para casa, onde ela correu aterrorizada da gata cinza. Dei um tapa na gata cinza.

Então, quando me preparava para ir às compras ou fazer um passeio no urzal, passei a ver a gata preta indo até o carro atrás de

mim, miando. Não é que ela quisesse entrar no carro comigo; não queria que eu fosse embora. Percebi que, quando me afastava de carro, ela subia num muro ou numa árvore, protegendo as costas, e não descia até eu voltar. A gata cinza batia nela enquanto eu estava na rua. Àquela altura, a gata preta estava num estágio avançado da gravidez e essa segunda ninhada tinha surgido muito pouco tempo depois da primeira. A gata cinza era bem mais forte do que ela. Dessa vez, dei um tapa bem forte na gata cinza; e disse o que pensava dela. Ela entendeu o suficiente. Quando saía de carro, passei a deixar a gata preta dentro de casa, trancando a gata cinza do lado de fora. A gata cinza ficou emburrada; a gata preta, inibida; mas, com nosso apoio, retomou a poltrona e não deixou a cinza se aproximar mais dali.

A gata cinza então foi para o jardim, que agora era cerca de meio hectare de grama baixa. Ela pegou alguns camundongos e levou para dentro de casa, deixando-os no meio da sala. Não gostamos nada disso e jogamos todos fora. A gata cinza se retirou da casa e foi passar os dias ao ar livre.

Ao final de uma aleia minúscula ladeada por muros de pedra fica uma pequena clareira onde, depois de cortar a grama que cobria sua área toda, crescendo até a altura do ombro, descobrimos haver um laguinho liso e silencioso. Debruçada sobre o lago fica uma enorme árvore; ao redor dele, grama, e, mais ao longe, arbustos e mato.

Há uma pedra próxima à margem do lago. A gata cinza sentou nela e olhou para a água. Seria perigosa? Um espelho d'água era uma novidade tão grande para ela quanto o fogo. Um vento fez ondulações que bateram na pedra e molharam suas patas. Ela soltou um lamento insolente e correu de volta para a casa. Lá, ficou sentada diante da porta, movimentando as orelhas, olhando para a aleia que dava no lago. Devagar, começou a voltar – não sem rodeios: a gata cinza jamais admitiria tão depressa que talvez estivesse errada. Primeiro fez uma pose, se lambeu e penteou o pelo, para mostrar indiferença. Depois, pegou um caminho cheio de

voltas até o lago, passando pela parte alta do jardim e descendo por uma margem rochosa. A água ainda estava lá, movendo-se levemente. E, sobre ela, a árvore de galhos baixos. A gata caminhou irritada pela grama molhada, como uma velha esnobe. Sentou na pedra e olhou a água. Os galhos acima balançaram ao sabor do vento; e a água bateu em suas patas de novo. Ela encolheu as patas e ficou empertigada, numa pose contida. Olhou para a árvore, que estava toda em movimento – *aquilo* lhe era familiar. Pensou na água que se movia. Então, fez algo que eu já a vira fazer com comida. Tanto a gata cinza quanto a gata preta, quando lhe oferecemos algo que não conhecem, esticam uma pata e tocam o alimento. Cutucam, dão tapinhas, levam a pata à boca e primeiro cheiram, depois lambem a nova substância. A gata cinza esticou uma das patas até a água, sem chegar a tocá-la. Então, encolheu-a. Quase correu naquele momento: seus músculos se retesaram num impulso de fuga, mas ela decidiu que não. Baixou a boca e lambeu a água. Mas não gostou. Não era como a água que bebia do meu copo ao lado da cama, à noite; nem como as gotas que caem da torneira e que ela vira a boca para pegar. Enfiou uma das patas na água, deixou-a ali, tirou-a, lambeu-a. Era água mesmo. Algo que ela conhecia, ou pelo menos uma variedade do que conhecia.

A gata cinza se agachou na pedra, com o rosto acima do lago, e olhou seu reflexo. Não havia nada de estranho naquilo: ela conhece os espelhos. Mas ondulações passaram de um lado a outro da superfície e seu reflexo se desintegrou. Ela colocou uma pata em sua imagem na água, mas, ao contrário do que acontecia num espelho, sua pata atravessou a superfície e se molhou. A gata se empertigou, obviamente irritada. Aquilo era demais para ela, que voltou com passos delicados para casa, passando pela grama molhada. Lá, após usar os olhos para dizer à gata preta o quanto a odiava, ela se sentou diante do fogo, com as costas viradas para a gata preta, que ficou observando-a, alerta, da poltrona.

A gata cinza voltou para o lago, para a pedra. Sentada na pedra, observou que a árvore era um lugar muito frequentado pelos pássaros, que, no segundo em que ela deixava a clareira, mergulhavam na direção da água, bebiam-na, brincavam nela, sobrevoavam-na, para lá e para cá. A gata cinza passou a visitar o lago por causa dos pássaros. Mas nunca pegou nenhum. Acho que não pegou nenhum pássaro enquanto estivemos na casa de campo. Talvez porque haja tantos gatos ao redor e os pássaros já os conheçam.

Dirigindo pelas estradas à noite, nossos faróis sempre iluminam gatos; gatos nas sebes caçando camundongos, gatos caminhando pela estrada, poucos centímetros fora do alcance das rodas; gatos nos portões; gatos nos muros.

Durante a primeira semana que passamos na casa, que é naturalmente um refúgio, escondida atrás de árvores e muros, bem longe da estrada e das outras casas, diversos gatos vieram ver quem era aquela gente nova e que gatos novos talvez tivessem chegado.

No meio da noite, vi um rabo avermelhado sumindo pela janela aberta. Um gato, pensei; e voltei a dormir. No entanto, quando estava no mercado no dia seguinte, me disseram que as raposas saíam de Dartmoor para caçar gatos. Ouvi um monte de histórias horríveis sobre raposas e gatos. Mas é impossível trancar gatos dentro de casa no campo; uma região tão repleta de gatos não parece evidência muito forte de perigo vindo de raposas ou de qualquer outra coisa.

Descobri que o rabo vermelho pertencia a um belo gato marrom-avermelhado que foi afugentado da casa pela gata cinza que, àquela altura, já tomara conta do lugar. Logo, estava botando visitantes para correr no portão, que fica a cem metros da casa. A casa e os campos ao redor viraram território da gata cinza; e nós às vezes a encontrávamos pegando sol no pequeno campo atrás da casa, ou agachada no campo comprido adiante, que é cheio de poças onde os pássaros vão beber água.

Então, uma invasão. A cerca de um dos lados estava caída e, certa manhã, fui acender a lareira e encontrei as duas gatas no parapeito da janela, numa aliança temporária, porque do lado de fora animais imensos e malcheirosos pisoteavam, derrubavam tudo e urravam, animais que elas nunca tinham visto antes. A gata preta soltou seu lamento oco: “Tudo isso é demais, o que aconteceu? Não sei o que fazer, por favor, me ajude.” E a gata cinza emitiu um grito desafiador, sabendo estar segura no parapeito. O gado dos pastos próximos tinha atravessado as cercas e passava, aos borbotões, pela casa, a caminho do lago e do campo comprido que, como eles obviamente sabiam, estava repleto de grama boa para pastar. Não havia ninguém para me ajudar a tirar o gado dali, só muito mais tarde chegou uma pessoa; e o fazendeiro não apareceu. Cerca de cinquenta animais se espalharam pelo campo, à vontade, e as gatas ficaram enlouquecidas. Correram de janela em janela e depois porta afora, em tiros curtos e furiosos, e reclamaram amargamente até que a ajuda chegou e os enormes animais ameaçadores foram expulsos e mandados para os seus próprios pastos. Segurança. As gatas tinham aprendido que aquele animal não era um perigo. Pois quando, alguns dias depois, o portão foi deixado aberto e pôneis saídos dos urzais entraram na propriedade, as gatas não reclamaram, não sentiram medo. Oito pequenos pôneis foram pastar no velho jardim; e a gata cinza foi de mansinho para perto, sentou no muro de pedra e ficou observando-os. Recusou-se a descer do muro; mas interessou-se e permaneceu ali até eles decidirem ir embora.

Gatos são capazes de ficar observando criaturas, atividades, ações com as quais não são familiares, durante horas. Alguém fazendo a cama, varrendo o chão, fazendo ou desfazendo uma mala, costurando, tricotando – tudo, eles observam. Mas o que veem? Há poucas semanas, a gata preta e alguns de seus filhotes ficaram sentados no chão, me olhando cortar tecido. Observaram a tesoura trabalhando, a maneira como minhas mãos se moviam, a maneira como o tecido era colocado em pilhas diferentes. Ficaram

ali, absortos, a manhã toda. Mas acho que não estavam vendo o que pensamos. O que, por exemplo, a gata cinza vê quando observa, durante meia hora, a maneira como partículas de pó se movem à luz de um raio de sol? Ou quando olha para as folhas se mexendo na árvore diante da janela? Ou quando ergue os olhos para ver a lua sobre as chaminés?

A gata preta, educadora meticulosa de seus filhotes, nunca perde uma oportunidade de lição ou moral. Por que passou uma manhã inteira, com um gatinho de cada lado, vendo o metal lampejar sobre o tecido escuro, por que farejou a tesoura, o tecido, por que caminhou ao redor do local da operação e então comunicou alguma observação aos filhotes, de modo que eles realizassem as mesmas ações – entremeadas, já que são filhotes, por todo tipo de truque e brincadeira? Mas eles farejaram a tesoura e o tecido, fazendo o que a mãe acabara de fazer. Sentaram e observaram. Ela estava aprendendo algo e ensinando a eles, não há dúvida.

Capítulo oito

A gata preta não estava bem antes de ter a segunda ninhada. Emagreceu e ficou com um pedaço grande das costas pelado. E estava ansiosa demais: durante a semana anterior ao parto, não queria ficar sozinha. Havia muita gente na casa e foi fácil mantê-la sempre com alguém por perto. Então, no fim de semana, havia três mulheres lá, fazia um tempo ruim e queríamos ir de carro até a costa para ver um mar frio e tempestuoso. Mas a gata preta não deixou. Estávamos todas nervosas: tensas, pois não íamos deixar que ficasse com mais do que dois filhotes, já que não tinha condição de amamentá-los. Isso significava que teríamos de matar alguns deles.

No domingo, ela entrou em trabalho de parto por volta das dez da manhã. Foi um processo lento e exaustivo. O primeiro filhote nasceu lá pelas quatro da tarde. Ela estava cansada. Então houve um longo intervalo entre o nascimento do filhote e o reflexo no qual ela se vira para lambê-lo. Era um gatinho lindo. Mas tínhamos decidido não olhar muito para ele, não admirar demais aquelas magníficas bolinhas de vida. Afinal, veio o segundo filhote. Ela estava muito cansada e soltou aquele lamento que significava “por favor, me ajude”. Muito bem, dissemos, chega: ela pode ficar com esses dois e nos livraremos do resto. Pegamos uma garrafa de uísque e bebemos bastante. Então, veio o terceiro filhote. Já era suficiente, não? Veio o quarto, o quinto, o sexto. Pobre gata preta, trabalhando duro, tendo filhotes e depois lambendo, limpando, ajeitando todos – tanta atividade nas profundezas da poltrona. Afinal, ela estava

limpa, e os filhotes limpos e mamando. Ela se esticou toda, ronronando, magnífica.

Que gata corajosa, que gata inteligente, que gata linda... mas não adiantava, tínhamos de nos livrar de quatro filhotes.

Fizemos isso. Foi horrível. Então, duas das três mulheres foram até o campo comprido, no escuro, levando tochas, e cavaram um buraco enquanto a chuva caía sem parar, e enterraram os quatro filhotes mortos, e amaldiçoaram a natureza, uma à outra, a vida; depois, voltaram para o tranquilo e comprido cômodo daquela casa de fazenda, onde um fogo ardia e havia uma gata preta num cobertor limpo, uma bela e orgulhosa gata com dois filhotes – a civilização triunfara de novo. E nós olhamos, incrédulas, para os filhotes, que já estavam tão fortes, se erguendo sobre as patas de trás, um ao lado do outro, com suas minúsculas patas da frente cor-de-rosa amassando a barriga da mãe. Era impossível imaginá-los mortos, mas tinham sido escolhidos por sorte, de forma aleatória; e se minha mão os houvesse pegado uma hora antes, vinda do alto, a mão do destino – então aqueles dois estariam sob o solo molhado e pesado do campo fustigado pela chuva. Foi uma noite terrível; bebemos demais e decidimos que, definitivamente, íamos mandar castrar a gata preta, porque não valia a pena, de jeito nenhum.

E a gata cinza subiu num braço da poltrona, se agachou e esticou uma das patas para tocar um filhote; e a gata preta deu-lhe um tapa; e a gata cinza saiu emburrada da casa e ficou lá fora, na chuva.

No dia seguinte, todas nos sentíamos muito melhor; e fomos de carro ver o mar, que estava azul e tranquilo, pois o tempo mudara durante a noite.

Os ronronados orgulhosos da gata preta podiam ser ouvidos em toda a imensa sala.

E a gata cinza trouxe diversos camundongos para dentro de casa, deixando-os no chão de pedra. Àquela altura, eu me dera conta de que os camundongos eram parte da briga pela preferência, eram um presente; mas não adiantou: é difícil encarar camundongos mortos como algo agradável. Ela trazia para dentro e eu jogava lá

fora; e ela me olhava com as orelhas para trás e os olhos faiscando de ressentimento.

Toda manhã, quando eu acordava, via a gata cinza sentada no pé da cama e, no chão, um camundongo recém-morto.

Oh, que gata boazinha. Que gata inteligente. Muito obrigada, gata. Mas eu jogava fora. E a gata preta ia atrás e comia todos.

Estava sentada no muro de pedra do jardim quando vi a gata cinza caçando.

Era um dia de nuvens vaporosas e velozes, de modo que nos campos, na casa, nas árvores e no jardim o sol e a escuridão se alternavam; e a gata cinza era uma sombra entre as sombras debaixo de um pé de lilás. Ela estava parada; mas, olhando de perto, era possível ver seus bigodes e suas orelhas se movendo sutilmente; assim, não estava mais parada do que em geral fica quando folhas e grama estremecem na brisa. Fitava algo a poucos metros dali, na grama aparada. Enquanto eu observava, moveu-se para a frente com o corpo baixo, rápida como uma sombra, para debaixo de um galho que balançava. Ali estavam três pequenos camundongos num ninho de grama ressecada. Não tinham visto a gata. Pararam para mordiscar alguma coisa, seguiram em frente, voltaram a se sentar para olhar ao redor. Por que, então, a gata não deu o bote de uma vez? Ela estava a pouco mais de um metro deles. Fiquei ali; a gata ficou ali; os camundongos continuaram a fazer o que estavam fazendo. Meia hora se passou. A ponta do rabo da gata se mexia; não com impaciência, mas como óbvia representação do que estava pensando: tenho bastante tempo. Uma nuvem ofuscante com o sol do meio-dia atrás deixou cair algumas dúzias de gotas gordas, todas douradas. Uma caiu no rosto da gata. Ela pareceu irritada, mas não se moveu. As gotas douradas molharam os camundongos. Eles ficaram paralisados e depois se sentaram e olharam ao redor. Eu podia ver seus olhinhos pretos espiando. Algumas gotas caíram na cabeça da gata. Ela se sacudiu. Os camundongos ficaram paralisados e a gata deu o bote, um relâmpago cinza. Um guincho baixo e desconsolado. A gata se

ergueu com um camundongo na boca. Ele se remexia. A gata derrubou o camundongo; ele rastejou um pouco para longe; ela foi atrás. Num átimo, esticou uma pata; com todas as garras perversas estendidas, fez um movimento em forma de concha para dentro, trazendo o camundongo para perto de si. Ele guinchou. Ela mordeu. Os guinchos cessaram. Ela se sentou e começou a se lamber com delicadeza. Então apanhou o camundongo e veio trotando na minha direção, atirando-o para cima e pegando-o com a boca, exatamente como fizera com seus filhotes. Deixou o camundongo aos meus pés. Tinha me visto ali desde o início; mas não me dera nenhuma indicação disso.

As outras pessoas foram embora e eu fiquei sozinha na casa. Passei a ter mais tempo para fazer carinho nas gatas e conversar com elas.

Um dia, quando estava na cozinha picando a comida delas em pires em cima da mesa, a gata cinza pulou e começou a comer. A gata preta ficou esperando no chão. Mas quando coloquei os dois pires lá embaixo, a gata cinza se afastou: se recusava a comer no chão.

No dia seguinte, a mesma coisa. A gata cinza estava tentando me fazer alimentá-la na mesa, um lugar superior, enquanto a gata preta ficava no chão. Eu disse que não; que aquilo era um absurdo. E durante três dias ela não comeu nada em casa. Talvez tenha comido camundongos; mas certamente não na minha frente. No quarto dia ela pulou em cima da mesa, como de costume, e eu pensei: “Bem, é interessante, vamos ver”. Ela se dignou a comer tudo o que havia no prato; e passou o tempo inteiro olhando para a gata preta, que comia no chão: “Olhe para mim, eu sou a preferida”.

Após alguns dias, a gata preta pulou na mesa, tentando obter o mesmo privilégio. Diante disso, a gata cinza, com as orelhas para trás, foi para o parapeito acima da mesa e esperou que eu colocasse o pires lá. Decidiu que, se a gata preta tinha alcançado o status da mesa, ela ia exigir algo melhor.

Com isso me irritei, falei para as duas que elas eram uma amolação e que comeriam no chão, ou não comeriam.

A gata cinza então saiu de casa e passou alguns dias sem comer nem beber nada. A princípio, passava o dia inteiro fora de casa; depois, começou a passar o dia e a noite – sumia durante dois, três dias. Era nessa altura, na fazenda na África, que diríamos: a gata cinza está ficando selvagem. E teríamos tomado providências, mimado a gata, trancado a gata, feito com que ela se lembrasse de sua natureza doméstica. Mas é provável que na Inglaterra, tão populosa, ficar selvagem não seja tão fácil. Mesmo em Dartmoor, deve sempre haver as luzes de uma casa brilhando em algum lugar não muito distante.

A próxima vez em que ela apareceu, me submeti; coloquei a comida na mesa, elogiei-a; e esnobei a gata preta só um pouquinho – afinal, ela tinha seus filhotes. A gata cinza voltou para dentro de casa e foi passar as noites no pé da minha cama. E, quando trazia camundongos, eu fazia um pequeno discurso elogioso para cada um deles.

A gata preta comia os camundongos mortos. A gata cinza nunca fez isso. O interessante é que a gata preta só começava a comer um camundongo depois de eu tê-lo visto. Uma vez que um cadáver tivesse sido aceito por mim e que a gata cinza tivesse recebido seus elogios, a gata preta descia da poltrona e o comia com asseio e método, enquanto a gata cinza observava, sem tentar impedir; embora tenha tentado colocar os camundongos nas mesas e nos parapeitos, onde parecia acreditar que talvez a gata preta não conseguisse vê-los. Mas a gata preta sempre via: sempre subia e comia o camundongo.

Um dia, certa manhã, algo extraordinário aconteceu.

Eu fora fazer compras em Okehampton. Voltei e vi, no meio da sala, um montinho de vegetação. A gata cinza estava do lado dele, me observando. A gata preta, na poltrona com os filhotes. As duas queriam que eu prestasse atenção no montinho verde.

Fui olhar. Sob a vegetação estava um camundongo morto. A gata cinza tinha capturado o camundongo e deixado no chão de presente para mim. Mas demorei mais tempo para voltar do que ela esperara; assim, teve tempo de decorá-lo – ou talvez aquilo fosse um aviso à gata preta: deixe o camundongo quieto.

Ela deve ter feito três viagens até a sebe recém-aparada para pegar três ramos de gerânio silvestre, que colocara cuidadosamente sobre o camundongo.

Enquanto eu a elogiava, ela manteve os olhos fixos na gata preta – com uma expressão perversa, superior, triunfal.

Depois disso, me contaram que os leões às vezes arrastam galhos e colocam sobre uma carcaça recém-morta. Para deixar uma marca? Para protegê-la dos chacais e das hienas? Para não deixá-la exposta ao sol?

Será que a gata cinza se lembrara de seu parentesco com o leão, de quem fora separada havia milhares de anos?

Mas eu me pergunto: e se a gata preta nunca tivesse vindo morar na nossa casa, e se a gata cinza tivesse continuado a ser a única dona de nós e dos lugares onde moramos, será que ela, ao entrar na meia-idade, ainda se daria ao trabalho de nos encantar e nos adular? Será que teria desenvolvido essa complicada linguagem de autoestima e vaidade? Será que algum dia teria capturado um pássaro ou um camundongo? Eu acho muito provável que não.

Capítulo nove

Hora de voltar para Londres. A gata cinza ficou solta no banco de trás do carro e, mais uma vez, soltou monótonos lamentos durante todas as seis horas de viagem. Um curto período de silêncio quando ela tirou um cochilo. Então, um miado particularmente alto quando acordou e se deu conta de que ainda sofria.

E o fenômeno tão visível na ida: não era suficiente vivenciar o barulho, o movimento, o desconforto; ela queria ver os outros veículos se agigantando e se apequenando, aterradores. Juro que havia uma satisfação em seu miado quando isso acontecia. Como uma pessoa neurótica, ela tirava prazer disso.

A gata preta ficou quietinha na caixa com seus dois filhotes, alimentou-os, ronronou quando enfiei um dedo lá dentro para fazer carinho no seu nariz; e só reclamava quando a voz da gata cinza ficava particularmente alta, quando ela então entrava na brincadeira durante alguns instantes, respondendo cada miado com um miado. Parecia estar pensando: “Se *ela* está fazendo isso, acho que deve ser a coisa certa a fazer”. Mas acabava desistindo.

Soltei as duas dentro da casa e, no mesmo instante, elas se sentiram à vontade. A gata preta levou seus dois filhotes para o banheiro, onde gosta de mantê-los durante as duas semanas em que estão na idade certa para aprender. A gata cinza imediatamente foi lá para cima e tomou posse da cama.

Outono. As portas dos fundos fechadas por causa do aquecimento; caixas de areia levadas para a varanda; e as gatas vão lá para fora quando pedem. Não é com muita frequência:

quando está frio, parecem satisfeitas com uma existência passada no interior da casa.

A gata preta está num cio violento. Entrou no cio, como sempre, dez dias depois de ter seus filhotes, em Devon. Foi na época em que a gata cinza estava sumida, caçando. A gata preta deixou os filhotes na poltrona diante do fogo e saiu para procurar um gato macho. Mas, por algum motivo, não havia nenhum ao redor: a gata cinza provavelmente tinha expulsado todos para sempre. Nenhum veio correndo até a gata preta, como sempre vêm, atravessando jardins e muros, em Londres, quando ela os chama. Ela teria de ir mais adiante. Levou os filhotes para o andar de cima, onde imaginou que estariam seguros, e foi até o portão, onde ficou sentada, aos uivos. Fez uma visita breve aos gatinhos, já que, para a gata preta, nem sexo é prioridade diante da maternidade; alimentou-os e saiu de novo. Quase não comeu e, de tanto uivar e arder, assumiu uma condição esquálida e ossuda. Quando eu acordava no meio da noite, ouvia seus chamados no portão. Mas ela não encontrou um parceiro; e voltou a ficar gorda e lustrosa.

Durante os meses que passamos fora de Londres, a população de gatos mudou. Não restara nem sequer um dos gatos originais. O tigrado cinza sumira, e o gato preto e branco de pelo curto também. O gato branco com manchas cinza, relativamente recém-chegado, continuava ali. Não havia outros gatos disponíveis para acasalar daquela vez; por isso, o gato branco de manchas cinza se tornou o pai e nós ficamos interessados em ver no que a loteria dos genes daria daquela vez.

O outono foi frio e chuvoso. Quando eu saía pelos fundos, a gata cinza e a gata preta vinham também, pisavam com desagrado nas folhas molhadas e corriam uma atrás da outra de volta para casa. Uma espécie de amizade estava tendo início. Elas ainda não se lambiam nem dormiam perto uma da outra. Mas estavam começando a brincar um pouco; embora, na maioria das vezes, aquela que começava a brincadeira fosse esnobada com um rosnado. As duas sempre se aproximam com cautela, cheiram o

nariz uma da outra – você é amiga ou inimiga? É como um aperto de mão entre adversários.

A gata preta ficou pesada e passou a dormir muito. A gata cinza virou a líder de novo, fazia seus truques, se exibia.

A gata preta teve filhotes no último andar mais uma vez e nós a deixamos ficar com todos os seis. Ainda estávamos abalados demais com o assassinato dos outros para voltar a passar por aquilo.

Quando eles começaram a andar, a gata preta decidiu que só havia uma coisa que ela queria, só uma coisa, e não abria mão disto: os filhotes tinham de ficar debaixo da minha cama. Isso porque o quarto do último andar, para sua grande irritação, não estava ocupado naquela época, e ela não tinha companhia nem ninguém para admirá-la. A menina estudiosa estava passando um Natal amigável e festivo. A gata preta é obstinada. Ela trouxe os gatinhos para baixo. Levei-os para o banheiro do primeiro andar nas dobras da minha saia. Ela os trouxe de volta. Finalmente, a força bruta venceu: tranquei a porta e pronto.

Essa é a época na qual os gatinhos ficam mais encantadores, e também quando começamos a querer que sejam levados embora. Gatinhos pelo chão em todo lugar, nas mesas, nas poltronas, nos parapeitos, gatinhos destruindo a mobília. Por todo canto, encontrávamos uma lindeza preta – pois eram todos pretos, seis filhotes pretos, e o pai cinza e branco não teve nenhum efeito sobre sua aparência.

E entre eles a gata preta, infatigável, devotada, zelosa, observando-os sem parar. Bebia litros de leite a mais do que queria, pois sempre que um gatinho estava por perto tinha de ensiná-lo a beber. Comia sempre que um gatinho estava perto do pires. Já a vi, obviamente sem vontade de comer mais um bocado, parar quando um gatinho saía do cômodo, se lamber, se preparar para descansar. Então aquele mesmo gatinho ou um dos outros entrava. A gata preta se debruçava sobre o pires e comia, emitindo o trinado baixo que usa para convencer seus filhotes a fazer algo. O gatinho vinha e

se sentava, curioso, perto da mãe, observando-a comer. A gata continuava comendo, mais devagar, se forçando. O gatinho farejava a comida, decidia que preferia leite morno e ia para os mamilos da gata. A gata preta emitia um som baixo e autoritário. O gatinho, obediente, ia até o pires e dava uma ou duas breves lambidas; então, depois de ter cumprido as ordens, corria de volta até a gata preta, que desabava de lado para amamentá-lo.

Ou a gata preta na caixa de areia. Estava no jardim; acabou de fazer suas necessidades. Mas está na hora da lição de um gatinho. A gata preta entra na caixa de areia e assume a posição apropriada. Ela chama os gatinhos: olhem para mim. Continua sentada enquanto os gatinhos passeiam ao redor, olhando ou não. Quando vê que um deles compreendeu, sai da caixa e senta ao lado, encorajando o gatinho com ronronados e chamados, para que ele faça como ela mostrou. Um gatinho preto minúsculo imita a mamãe. Sucesso! O gatinho parece surpreso. A mamãe lambe o gatinho.

Os filhotes da gata preta nunca passam por um período de fazer suas necessidades nos locais errados. Na verdade, como crianças obsessivamente ensinadas, são ansiosos demais com tudo. Se um gatinho é surpreendido quando está brincando longe da caixa de areia, ele dá um miadinho frenético; faz todos os movimentos e assume a posição certa – mas então, dá outro miadinho desesperado; aquele não é o lugar correto. A gata preta vem correndo ao resgate; encoraja o gatinho a ir para o cômodo onde fica a caixa de areia. O gatinho corre até lá, talvez vazando um pouco, aos miadinhos. Na caixa de areia, que alívio, com a mãe do lado, aprovando. Oh, que gatinho bonzinho e limpinho eu sou, diz a pose e o rosto do filhote. O gatinho sai da caixa e recebe lambidas de aprovação, as lambidas aleatórias, vigorosas e confiantes que são como um beijo.

Esse gatinho, tudo bem; mas e os outros? Lá vai a gata preta, sempre muito ocupada, inspecionar rostos, rabos, pelo. E – onde estão eles? Na idade em que estão quase indo embora, se espalham pela casa toda. A gata preta, nervosa, corre de um lado

para o outro, sobe e desce as escadas e entra e sai dos cômodos; onde você está, onde você está? Os gatinhos se aninham juntos, atrás de caixas, dentro de armários. Não saem quando ela chama. Por isso ela deita perto de onde estão e fica de guarda, com os olhos semicerrados, à cata de possíveis inimigos ou intrusos.

Ela se exaure. Os gatinhos se vão, um após o outro. Ela só parece notar quando restam apenas dois. Toma conta deles, ansiosa. Então, sobra um gatinho. A gata preta devota toda sua maternidade feroz àquele único filhote, até que o último se vai. E a gata preta corre pela casa toda, procurando por ele, miando. Então, aperta-se um botão em algum lugar – a gata preta esqueceu o que estava lhe perturbando. Ela sobe as escadas e vai dormir no sofá, que é seu lugar. É como se nunca tivesse tido filhotes.

Até a próxima ninhada. Gatinhos, gatinhos, bateladas de gatinhos, enxames de gatinhos. Tantos que passamos a vê-los como o Gatinho, como folhas crescendo num tronco nu, ficando verdes e pesadas e então caindo, exatamente do mesmo jeito todos os anos. As pessoas vêm visitar e dizem: “O que aconteceu com aquele gatinho lindo?”. Que gatinho lindo? Todos são gatinhos lindos.

Gatinho. Uma criatura minúscula e vivaz em sua membrana transparente, envolta pelo muco do nascimento. Dez minutos depois, úmido, mas limpo, já mamando. Dez dias depois, um gato em miniatura de olhos doces e turvos, com a boca aberta num silvo corajoso de desafio à enorme ameaça que sente estar debruçada sobre ele. A essa altura, na selva, ele confirmaria sua selvageria, se tornaria um gato selvagem. Mas não, a mão de um humano toca-o, o cheiro de um humano rodeia-o, a voz de um humano faz com que ele se sinta seguro. Logo ele sai do ninho, confiante de que as criaturas gigantescas que estão por todo lado não o machucarão. Cambaleia, caminha devagar e em pouco tempo corre por toda a casa. Agacha-se na caixa de areia, se lambe, beberica o leite e se agarra a um osso de coelho, defende-o do resto da ninhada. Gatinho encantador, gatinho bonito, bichinho lindo, peludo, pequeno,

delicioso – lá se vai ele. E sua personalidade será formada pela nova casa, pelo novo dono, pois, enquanto está com a mãe, é só gatinho, embora, sendo um filhote da gata preta, seja um gatinho muito, muito bem-educado.

Talvez, como a gata cinza, pobre gata solteirona, a gata preta, quando passar pela cirurgia, vá olhar para os gatinhos como se não soubesse o que são. Talvez sua memória não abra mão de saber o que são gatinhos, embora, quando está com filhotes, seus dias, suas noites, todos os seus instintos sejam para eles, e ela morreria qualquer morte para eles, se fosse necessário.

Havia uma gata fêmea, tantos anos atrás. Não me lembro por que virou selvagem. Uma batalha terrível deve ter sido travada, para aquém da atenção dos humanos. Talvez tenha ocorrido um ato de esnobismo grave demais para o orgulho de um gato. Essa velha gata sumiu da casa durante meses. Não era um animal bonito, mas um amontoado de manchas e listras pretas, brancas, cinzas e laranjas. Um dia, ela voltou e se sentou ao final da clareira onde ficava a casa, olhando para a casa, as pessoas, a porta, os outros gatos, as galinhas – a cena familiar da qual estava excluída. Depois, voltou para a floresta. Na tarde seguinte, uma tarde dourada e silenciosa, lá estava a velha gata. As galinhas eram enxotadas para dentro do galinheiro, onde passariam a noite. Achamos que a gata podia estar atrás das galinhas e gritamos com ela. A gata se achatou na grama e desapareceu. Na tarde seguinte, lá estava ela de novo. Minha mãe foi até a beirada da floresta e a chamou. Mas parecia assustada, se recusava a chegar perto. Estava num estágio avançado da gravidez: um animal grande e esquálido, pele e ossos proeminentes, arrastando uma barriga pesada. Tinha fome. O ano era de seca. A longa estação de seca havia deixado a grama chata e esparsa e cauterizado os arbustos: tudo ao redor eram esqueletos, pedaços secos de grama com folhas minúsculas que flutuavam como meras sombras. Os arbustos eram só gravetos; as árvores, com suas copas minguadas e secas, deixavam à mostra o traçado do tronco e dos galhos. A estepe estava repleta de ossos. E

a colina onde ficava nossa casa, que, na estação de chuvas, tinha uma vegetação tão alta, exuberante, macia e espessa, estava árida. Seu formato, um aclive suave até o cume alto e uma descida íngreme até um vale, estava aparente sob uma cortina rija de gravetos e galhos. Os pássaros e roedores talvez tivessem se mudado para locais mais verdes. E a gata não era selvagem o suficiente para ir atrás deles, para longe do lugar que ainda considerava sua casa. Talvez estivesse exausta demais por causa da fome e do peso dos filhotes que levava para percorrer longas distâncias.

Levamos leite e ela bebeu, mas com cuidado, mantendo os músculos retesados e preparados para a fuga. Outros gatos da casa desceram a colina para observar a fora da lei. Depois de ter bebido o leite, ela correu de volta para o lugar que estava usando para se esconder. Toda noite, vinha até a casa para ser alimentada. Um de nós mantinha os outros gatos, ressentidos, longe; outro levava leite e comida. Ficávamos de guarda até ela terminar. Mas a gata estava nervosa: engolia cada bocado como se o estivesse roubando; a todo instante, se afastava do prato ou do pires e depois voltava. Saía correndo antes de a comida acabar; não permitia que ninguém a acariciasse nem se aproximava de nós.

Certa noite, a seguimos, à distância. Ela desapareceu na metade da subida da colina. Aquele terreno havia, em algum momento, sido escavado em busca de ouro por um minerador. O solo havia desabado dentro de algumas das trincheiras, devido às fortes chuvas. As minas eram desertas, tendo, talvez, um ou dois metros de água de chuva dentro. Galhos velhos tinham sido colocados sobre as aberturas para impedir que o gado caísse. A gata devia estar se escondendo em uma dessas minas. Nós a chamamos, mas, como ela não veio, a deixamos ali.

A estação das chuvas começou com uma tempestade intensa e dramática, com direito a ventos, raios, trovões e chuva torrencial. Às vezes, a primeira tempestade é a única que ocorre durante dias, até mesmo semanas. Mas, naquele ano, tivemos uma ou duas semanas

de tempestades contínuas. A grama nova nasceu. Os arbustos e as árvores se revestiram de roupagem verde. Tudo estava quente, molhado e fervilhando de vida. A velha gata veio até a casa uma ou duas vezes; depois, parou de aparecer. Dissemos que devia estar caçando camundongos de novo. E então, numa noite de tempestade forte, os cachorros estavam latindo e ouvimos os lamentos de um gato bem diante da casa. Fomos lá para fora com lampiões a querosene, encontrando uma cena de galhos açoitando o ar, mato tremendo violentamente e chuva caindo como uma cortina cinza. Debaixo da varanda estavam os cães, que latiam para a velha gata, agachada na chuva, com os olhos verdes à luz dos lampiões. Ela tinha tido os filhotes. Parecia um esqueleto de gato. Levamos leite para ela e afugentamos os cachorros, mas não era isso que a gata queria. Continuou ali sentada, fustigada pela chuva, chorando. Queria ajuda. Colocamos capas de chuva sobre os pijamas e fomos chafurdando atrás dela em meio à tempestade negra, com trovões ribombando no céu e raios iluminando a torrente de chuva. No final da clareira, paramos e espiamos – a nossa frente estava o terreno onde ficavam as velhas trincheiras, as velhas minas. Era perigoso enfiar o pé naquele mato. Mas a gata estava diante de nós, chorando, exigindo. Seguimos adiante cuidadosamente com nossos lampiões, atravessando mato e arbustos que iam até a altura da cintura, sob as grossas gotas da chuva. Então a gata desapareceu, estava chorando em algum lugar sob nossos pés. Bem na nossa frente, havia uma pilha de galhos velhos. Isso significava que nos encontrávamos diante de uma das minas. A gata estava em algum lugar ali embaixo. Bem, não íamos, no meio da noite, puxar uma montanha de galhos mortos e escorregadios de cima de uma mina prestes a desabar. Iluminamos as fendas dos galhos e tivemos a impressão de ter visto o vulto da gata, mas não tivemos certeza. Por isso voltamos para casa, deixando os pobres animais lá, e bebemos chocolate quente num cômodo cálido e iluminado, tremendo até que ficássemos secos e aquecidos.

Mas dormimos mal, pensando na pobre gata, e acordamos às cinco, assim que amanheceu. A tempestade tinha passado, mas de tudo pingava água. Saímos à luz fria da madrugada, vendo listras vermelhas a leste, onde o sol ia nascer. Entramos no mato encharcado e andamos até a pilha de galhos velhos. Nem sinal da gata.

Essa mina tinha cerca de 25 metros de profundidade e duas galerias transversais, uma a cerca de três metros e outra muito mais funda. Concluímos que a gata devia ter colocado os filhotes na primeira galeria, que se estendia por cerca de seis metros num declive. Foi difícil erguer aqueles galhos pesados e molhados; demorou um bom tempo. Quando a entrada da mina foi exposta, não tinha mais o formato quadrado de antigamente. A terra desabara e alguns dos galhos e gravetos mais leves da pilha que a cobria tinham afundando, formando uma espécie de plataforma a cerca de cinco metros de profundidade. Sobre ela havia terra e pequenas pedras que tinham sido levadas pela chuva. Era como um assoalho fino – mas muito fino: através dele, era possível ver o brilho da água da chuva no fundo da mina. Um pouco mais para baixo, não muito longe de onde a entrada da mina havia afundado, a cerca de dois metros da superfície apenas, podíamos ver o início da galeria, um buraco de cerca de meio metro quadrado, já que ela também havia desmoronado. Se deitássemos com o rosto na lama vermelha e escorregadia e segurássemos nos galhos para não cair, conseguíamos ver bem dentro da galeria – alguns metros dentro dela. E ali estava a cabeça da gata, mal dava para ver. Estava imóvel, contrastando com a terra vermelha. Pensamos que a galeria tinha desabado com toda aquela chuva e que ela estivesse parcialmente soterrada e provavelmente morta. Chamamos seu nome; ouvimos um barulhinho áspero, duas vezes. Ou seja, ela não estava morta. Nosso problema era como chegar até ela. Seria inútil tentar prender um guincho naquela terra encharcada prestes a deslizar. E nenhum ser humano conseguiria pôr seu peso naquela plataforma precária de gravetos e terra: era difícil acreditar que ela

aguentara a gata, que deve ter pulado para cima e para baixo diversas vezes por dia.

Amarramos uma corda grossa numa árvore, com nós enormes a um metro de distância um do outro, e enfiamos pelo buraco, tentando não molhá-la nem sujá-la de lama. Então um de nós desceu pela corda com uma cesta até alcançar a galeria. Lá estava a gata, agachada sobre a terra vermelha encharcada – molhada e dura de frio. Ao seu lado havia meia dúzia de gatinhos, com cerca de uma semana de idade, ainda cegos. O problema da gata era que as tempestades das duas últimas semanas tinham jogado tanta chuva dentro da galeria que as laterais e o teto haviam desabado parcialmente; e a toca que ela encontrara, e que parecera tão segura e seca, se transformara numa armadilha ensopada e em ruínas. Ela fora até nossa casa para que salvássemos os filhotes. Tivera receio de se aproximar da casa por causa da hostilidade dos outros gatos e dos cachorros, e talvez ainda sentisse medo de nós, mas precisou superá-lo para obter ajuda para os gatinhos. E nós não ajudamos. Ela deve ter perdido toda a esperança naquela noite, com a chuva caindo, a terra desabando por todo lado e a água subindo no túnel escuro que vinha abaixo. Mas tinha alimentado os gatinhos, que estavam vivos. Eles grunhiram e sibilaram quando foram colocados na cesta. A gata estava paralisada de frio e não conseguia sair sozinha. Primeiro, os filhotes furiosos foram levados para cima, enquanto ela permaneceu agachada na terra vermelha, esperando. A cesta desceu de novo e ela foi colocada lá dentro. A família foi levada para a casa, onde receberam um cantinho, alimento e proteção. Os gatinhos cresceram e foram adotados; e ela continuou a ser uma gata doméstica – e, presumivelmente, continuou a ter filhotes.

Capítulo dez

É primavera. As portas são abertas. A terra tem um cheiro fresco. A gata cinza e a gata preta correm e pulam por todo o jardim e por cima dos muros. Elas se banham no sol fraco – mas bem longe uma da outra. Param de rolar e se encontram, cautelosamente, farejando nariz a nariz, um lado, depois o outro. A gata preta vai para dentro da casa cumprir os deveres da maternidade; a gata cinza sai para caçar.

A gata cinza adquiriu novos hábitos em Devon. Caça de maneira mais rápida, mais mortal, mais precisa. Ela se achata contra um dos muros e observa a árvore durante horas, sem mover um músculo. Então, quando o pássaro voa para baixo, dá o bote. Ou, surpreendentemente, não faz isso. Há um telhado chato no teatro que dá para o pequeno jardim do vizinho, onde os pássaros vêm ciscar. A gata cinza deita no telhado, esticada, com o queixo na pata e o rabo imóvel. Não está dormindo. Tem os olhos fixos nos estorninhos, nos sabiás, nos pardais. Ela olha. Então se levanta; suas costas se arqueiam, devagar; ela estica as patas de trás, as patas da frente. Os pássaros ficam paralisados vendo a gata ali. Mas ela boceja, ignora-os e atravessa com delicadeza o muro a caminho da casa. Ou fica sentada no pé da minha cama, olhando-os pela janela. Seu rabo talvez se mexa um pouco – mas só isso. Ela consegue passar meia hora ali, como uma observadora indiferente: pelo menos é isso que parece. Então, num átimo, algo desperta o instinto da caçadora. Ela fareja, seus bigodes se mexem: ela pula da cama, desce as escadas e vai para o jardim. Rasteja colada ao muro, uma fera mortal. Pula para o muro – mas não sobe nele, ah,

não: a gata cinza, como um gato de desenho animado, engancha as patas da frente no muro, sustenta o peso com as patas de trás, observa como andam as coisas no jardim ao lado. Ela é muito engraçada. É impossível não rir. Mas por quê? Para variar, a gata cinza não está posando, não tem consciência de si mesma, não está se arrumando em busca de admiração e comentários. Talvez seja o contraste entre sua absoluta intensidade, sua concentração e aquilo que ela vai fazer: matar uma pequena criatura que nem mesmo vai comer.

Enquanto ainda estamos rindo, ela já subiu e pulou o muro, pegou um pássaro e pulou de volta no muro com ele. Correu de volta para casa com o pássaro – mas não, os seres humanos inexplicáveis foram a toda para o andar de baixo, para fechar a porta dos fundos. Então, ela joga o pássaro para um lado e para o outro no jardim até cansar da brincadeira.

Certa vez, um pássaro mergulhou perto de um telhado, viu uma protuberância da parede tarde demais, bateu nela e caiu desmaiado, ou morto, na terra. Eu estava no jardim com a gata cinza. Fomos ver o pássaro juntas. A gata cinza não ficou muito interessada – um pássaro morto, pareceu pensar. Eu me lembrei de como a gata preta reviveu com o calor das minhas mãos e segurei o pássaro com a mão em concha. Sentei-me diante de um canteiro; a gata cinza ficou por perto, observando. Segurei o pássaro entre o meu corpo e o dela. Ele estremeceu, se moveu; sua cabeça se ergueu, com os olhos atentos. Eu estava observando a gata. Ela não reagiu. O pássaro colocou suas garras frias na palma da minha mão e empurrou, como um bebê testando a força dos pés. Deixei o pássaro se sentar numa das minhas mãos, cobrindo-o com a outra. Ele parecia cheio de vida. Durante todo esse tempo, a gata cinza ficou apenas observando. Então ergui o pássaro na minha mão, onde ele ficou por um instante. Ainda assim, a gata não reagiu. O pássaro levantou as asas e se lançou no ar. No último momento, os instintos de caçadora da gata despertaram, seus músculos obedeceram, ela se preparou para o salto. Mas o pássaro já estava

longe e, por isso, ela relaxou e se lambeu. Seus movimentos durante esse incidente foram parecidos com os que ela exibiu antes de ter a primeira ninhada – quando foi induzida a fazer um ninho para os gatinhos e obedeceu, de forma breve e inconclusa. Certas ações eram realizadas; parte dela estava envolvida; mas a gata não compreendia totalmente; não era ela por inteiro quem agia.

Talvez seja um movimento específico do pássaro, um sinal em particular, que atrai o lado caçador de um gato, e, até que esse movimento ocorra, o gato não tenha envolvimento com o pássaro, não possua relação com ele. Ou talvez seja um som. Tenho certeza de que os piados frenéticos de um pássaro capturado, os guinchos de um camundongo despertam num gato o desejo de torturar e atormentar. Afinal, mesmo num humano, o som apavorado provoca emoções fortes: pânico, raiva, desprezo – as engrenagens da nossa moral começam a funcionar. Você quer salvar o bicho, bater no gato, ou trancar toda aquela selvageria num local onde não pode vê-la nem ouvi-la, onde não precisa tomar conhecimento dela. Um leve toque num mecanismo qualquer e você mesmo estaria afundando as presas, rasgando a carne macia com as garras.

Mas que mecanismo? Essa é a pergunta.

Talvez para um gato não seja o som, mas outra coisa.

O grande naturalista sul-africano Eugene Marais descreve em seu belo e extraordinário livro, *The Soul of the White Ant* [A alma do cupim] como ele tentou descobrir de que maneira um tipo de besouro se comunica. Era um besouro *toktokkie*. Ele não possui órgãos auditivos; mas todas as pessoas criadas na estepe sabem que emite barulhinhos que parecem batidas numa porta. Marais conta que passou semanas com o besouro, observando-o, pensando sobre ele, fazendo experimentos. E então, de repente, aquele momento maravilhoso de descoberta, quando chegou à conclusão, até então nada óbvia, de que não era um som, mas uma vibração que o besouro usava: uma vibração tão aguda que é imperceptível para ouvidos humanos. E a sinfonia de cliques, guinchos, gorjeios e zumbidos através da qual experimentamos o

mundo dos insetos – numa noite quente, por exemplo – é, para eles, uma variedade de sinais, que somos obtusos demais para compreender. Sim, é claro: óbvio. Mas só depois que compreendemos.

Debaixo dos nossos narizes, todas essas línguas complicadas que não sabemos como interpretar.

Você pode observar algo meia dúzia de vezes, pensando “Como é encantador” ou “Como é estranho”, até que, sempre de maneira inesperada, passa a fazer sentido.

Por exemplo: quando os filhotes da gata preta já conseguem andar, a gata cinza sempre, em dado momento, mas nunca quando a gata preta está olhando, se aproxima de um filhote – e isso é que é o mais estranho – como se filhotes fossem um novo fenômeno, como se ela própria já não tivesse sido mãe. Ela se aproxima do gatinho *por trás* ou *pela lateral*. Fareja o filhote ou o toca com a pata, hesitando, experimentando: talvez até lhe dê uma ou duas lambidas rápidas. Mas não pela frente. Se o gatinho se vira e a encara, talvez até com curiosidade amistosa, sem nenhuma hostilidade, a gata cinza bufa, se afasta, se arrepia – algum mecanismo a alerta.

Achei que isso fosse característica da gata cinza, cujos instintos sexuais e maternais lhe foram roubados e que é tão covarde. Mas, há quinze dias, um filhote de cinco semanas estava dando seu primeiro passeio pelo jardim: farejando, observando, explorando. Seu pai, o gato esbranquiçado, se aproximou; exatamente da mesma maneira que a gata cinza, pé ante pé, com cautela. Ele farejou o gatinho por trás. O gatinho se virou e encarou aquela criatura nova e, no mesmo instante, o gato adulto se afastou, rosnando assustado, sentindo-se *ameaçado* por aquele bichinho minúsculo que poderia ter matado com uma mordida.

Será a natureza protegendo a criaturinha de um adulto de sua própria espécie durante o período em que ele não tem força suficiente para se defender?

As gatas agora estão com quatro e dois anos de idade.

A gata cinza viveu menos da metade da vida – se tiver sorte.

Há pouco tempo, ela não estava dentro da casa quando fomos nos deitar. Não apareceu naquela noite. No dia seguinte, nada da gata cinza. À noite, como a gata cinza não estava na posição de privilégio, a gata preta a ocupou.

No outro dia, acionei todos os meus mecanismos de defesa: bem, é só um gato, etc. E tomei as providências de sempre: Alguém por acaso viu uma gata cinza com cara de siamesa, barriga creme e listras pretas? Ninguém tinha visto.

Muito bem então, quando a gata preta tivesse sua próxima ninhada, íamos ficar com um filhote e pelo menos teríamos dois gatos na casa que eram amigos, que iam gostar da companhia um do outro.

Quando já estava desaparecida havia quatro dias, a gata cinza voltou, caminhando pelos muros. Talvez tenha sido roubada, mas escapou. Talvez tenha passado esse tempo com alguma família que a admirava.

A gata preta não ficou satisfeita ao vê-la.

De tempos em tempos, algum morador da casa dá uma bronca nas gatas, quando acham que não tem ninguém escutando: Suas bobas, por que não são amigas? Pensem em como seria divertido, em como seria bom!

Na semana passada, pisei no rabo da gata cinza sem querer. Ela grasnou e a gata preta deu um pulo, pronta para matar: foi um reflexo instantâneo. A gata cinza tinha perdido minha boa-vontade e proteção, pensou a gata preta, e aquele era o momento certo.

Pedi desculpas à gata cinza, fiz carinho nas duas. Elas aceitaram essas atenções, sem tirar os olhos uma da outra, e foram cada uma para um lado, para seus pires, suas camas. A gata cinza rola na cama, boceja, se lambe, ronrona: a preferida, a líder, a rainha por direito de força e beleza.

Hoje em dia – estamos sem filhotes no momento – a gata preta anda com mania de se deitar num canto do corredor com as costas

para a parede, de onde pode ver se há intrusos no jardim e observar os movimentos da gata cinza subindo e descendo as escadas.

Quando ela adormece, com os olhos semicerrados, se torna o que realmente é, seu eu verdadeiro, sem a obrigação da devoção preocupada da maternidade. Um animalzinho pequeno, lustroso e sólido, uma gata preta retinta, com um perfil aristocrático e arrebitado.

“Gata das sombras! Gata plutônico! Gata de alquimista! Gata da meia-noite!”

Mas a gata preta não está interessada em elogios hoje, não quer ser incomodada. Faço carinho em suas costas, que arqueiam levemente. Ela solta meio ronronado, num reconhecimento educado daquele alienígena, e olha à frente, para o mundo oculto que há além de seus olhos amarelos.

Rufus, o sobrevivente

Capítulo onze

Meses antes, já surgiam prenúncios do que iria acontecer. Durante toda a primavera e o verão daquele ano, quando eu passava na calçada, um gato laranja maltrapilho surgia de baixo de um carro ou de um quintal, e ficava ali me olhando fixamente, recusando-se a ser ignorado. Queria alguma coisa, mas o quê? Gatos na calçada, nos muros dos jardins ou deixando a porta de uma casa para vir em sua direção se espreguiçam e balançam o rabo, cumprimentam você, andam alguns passos ao seu lado. Querem companhia ou, se tiverem sido trancados para fora de casa por donos sem coração, como muitas vezes são, durante o dia todo ou a noite toda, pedem ajuda com aquele miado alto, insistente e exigente que significa que estão com fome, sede ou frio. Um gato que se enrosca nas suas pernas numa esquina pode estar se perguntando se pode trocar uma casa ruim por outra melhor. Mas esse gato não miava, só olhava, com uma expressão intensa e profunda nos olhos cinza-amarelados. Depois começou a me seguir pela calçada com alguma hesitação, me observando. Mostrava-se para mim quando eu saía e quando eu chegava, e ficava na minha consciência. Será que estava com fome? Levei alguma comida, coloquei debaixo de um carro e ele comeu um pouco, mas deixou o resto. O gato, no entanto, estava miserável, desesperado, e eu sabia disso. Será que morava em algum lugar na nossa rua e não era feliz lá? Parecia encontrar-se com mais frequência perto de uma casa um pouco adiante e, certa vez, quando uma senhora entrou, ele foi junto. Ou seja, não era sem-teto. Ainda assim, começou a me seguir até nosso portão e, em uma ocasião, quando a calçada foi

tomada por uma enxurrada de crianças gritando, correu para o nosso jardim da frente, apavorado, e me acompanhou até a porta.

Estava com sede, não fome. Ou com tanta sede que a fome não importava muito. Isso foi no verão de 1984, que teve longos períodos de calor. Gatos que passavam o dia todo trancados para fora de casa sem água sofriam. Coloquei uma tigela de água diante da minha porta certa noite e, de manhã, ela estava vazia. Então, como o calor persistia, passei a colocar outra tigela na varanda dos fundos, que podia ser alcançada através de um pé de lilás e de um enorme pulo do nosso pequeno telhado. E essa tigela também amanhecia vazia. Num dia quente e poeirento, encontrei o gato laranja na varanda dos fundos debruçado sobre a tigela de água, bebendo, bebendo... Ele acabou com a água e quis mais. Voltei a encher a tigela e mais uma vez ele se debruçou e bebeu tudo. Devia estar com algum problema nos rins. Naquela ocasião, pude olhá-lo com calma. Um gato todo malcuidado, com o pelo sujo e ossos protuberantes. Mas de uma cor maravilhosa, cor de fogo, como uma raposa. Era, como se diz, um gato inteiro, tinha as duas bolinhas peludas embaixo do rabo. Suas orelhas eram rasgadas, cheias de cicatrizes de brigas. Daquele dia em diante, quando eu entrava e saía de casa, ele não estava mais ali na rua, tinha deixado a frente das casas e a vida precária que se levava lá, com carros velozes e crianças gritando e correndo, e passado para a cena dos fundos, dos quintais compridos com grama alta, arbustos e árvores, além de muitos pássaros e gatos. Ficava na nossa varandinha, onde há plantas em vasos e um muro baixo. Sobre eles, o pé de lilás estende seus galhos, sempre repletos de pássaros. O gato se deitava no pedaço de sombra diante do muro e a tigela de água estava sempre vazia; quando ele me via, ficava de pé e esperava ao lado dela, pedindo mais.

Àquela altura, as pessoas da casa já tinham compreendido que precisávamos tomar uma decisão. Será que queríamos outro gato? Já tínhamos dois machos castrados lindos, enormes e preguiçosos, que sempre tinham levado uma vida tão boa que achavam que

comida, conforto, calor e segurança eram seus por direito, pois jamais tiveram de lutar por nada. Não, não queríamos outro gato e certamente não um gato doente. Mas passamos a levar comida além de água para aquele velho desprezado, colocando ambos no balcão, de modo que ele soubesse que aquilo era um favor, não um direito, e que ele não pertencia a nós e não podia entrar na casa. Brincávamos dizendo que era nosso gato externo.

Continuou a fazer calor.

Ele devia ser levado ao veterinário. Mas isso significaria que era nosso gato, passaríamos a ter três gatos, e os nossos já estavam amuados, ressabiados e ofendidos com esse novato que parecia ter direitos sobre nós, ainda que limitados. Além disso, e a senhora que ele visitava às vezes? Nós o vimos seguir por um caminho, andando com alguma dificuldade, virar à direita para se esgueirar sob uma cerca, atravessar primeiro um jardim, depois outro, com seu pelo laranja brilhando contra a grama opaca do fim do verão, e depois sumir, presumivelmente pela porta dos fundos de uma casa onde era bem-vindo.

O calor acabou e começou a chover. O gato laranja ficou na varanda, debaixo da chuva, com o pelo escurecido pela água que caía, olhando para mim. Abri a porta da cozinha e ele entrou. Eu disse para ele que podia usar aquela cadeira, mas só aquela cadeira; aquela era sua cadeira e ele não podia pedir mais. O gato subiu na cadeira, se deitou e me olhou fixamente. Tinha o ar de alguém que sabe que precisa aproveitar ao máximo o que o Destino lhe oferece antes que a oferta seja retirada.

Quando não chovia, ainda havia uma porta aberta dando para a varanda, as árvores, o jardim. Detestamos nos afastar demais de tudo que há do lado de fora, com vidro e cortinas. E ele ainda poderia usar o pé de lilás para ir até o jardim fazer suas necessidades. O gato passou aquele dia inteiro deitado na cadeira da cozinha, às vezes descendo, desajeitado, para beber mais uma tigela de água. Estava comendo muito àquela altura. Não conseguia

passar por uma tigela de comida ou de água sem comer ou beber algo, pois sabia que nada na sua vida era garantido.

Aquele gato tivera um lar, mas o perdera. Sabia o que era ser um gato doméstico, um bicho de estimação. Queria receber carinho. Sua história era bastante antiga. Ele tivera um lar, amigos humanos que o amavam, ou pensavam que amavam, mas não era um bom lar, porque as pessoas desapareciam com frequência e o largavam para que encontrasse comida e abrigo sozinho, ou então cuidaram dele enquanto isso foi conveniente, mas depois deixaram a vizinhança, abandonando-o. Durante algum tempo, o gato fora alimentado na casa daquela senhora, mas parecia não ter recebido comida o suficiente, ou não ter recebido água para beber. Agora, estava com a aparência melhor. Mas não se limpava. Tinha um pouco de dificuldade de se movimentar, é claro, mas também tinha sido desmoralizado, privado de esperança. Talvez tenha acreditado que jamais teria um lar de novo? Após alguns dias, quando entendeu que não íamos expulsá-lo da cozinha, começou a ronronar sempre que entrávamos. Nem eu nem qualquer pessoa que visitou a casa tínhamos ouvido um gato ronronar tão alto quanto ele. O gato ficava deitado na cadeira e as laterais de seu corpo subiam e desciam, e seu ronronado ressoava pela casa. Ele queria que soubéssemos que estava agradecido. Era um ronronado calculado.

Nós o escovamos. Limpamos seu pelo. Demos um nome a ele. E o levamos ao veterinário, reconhecendo, dessa forma, que tínhamos um terceiro gato. Seus rins estavam mal. Ele tinha uma úlcera numa orelha. Alguns de seus dentes tinham caído. Ele tinha artrite ou reumatismo. Seu coração não estava grande coisa. Mas não, não era um gato velho, devia ter uns oito ou nove anos, e estaria no seu apogeu se alguém tivesse cuidado dele, mas estava vivendo da melhor maneira que podia, talvez já há algum tempo. Gatos de cidade grande que têm de procurar por comida no lixo ou implorar por ela e que têm de dormir na rua quando o tempo está ruim não vivem muito tempo. Ele teria morrido em breve se não o tivéssemos resgatado. O gato tomou antibióticos e vitaminas e, logo após sua

primeira visita ao veterinário, deu início ao doloroso processo de se limpar. Mas era difícil demais para ele alcançar certas partes do corpo e ele teve de se esforçar e lutar para ser limpo e civilizado.

Tudo isso aconteceu na cozinha, quase sempre na cadeira, de onde ele tinha medo de sair. Seu lugar. Seu lugarzinho. Seu elo tênue com a vida. E, quando o gato ia para a varanda, ficava nos vigiando para ver se íamos fechar a porta, pois seu maior medo era ser trancado do lado de fora, e, se fazíamos algum movimento que parecia indicar que isso ia acontecer, ele corria com dificuldade para dentro e subia na sua cadeira.

O gato gostava de sentar no meu colo e, quando isso acontecia, ele botava suas engrenagens para funcionar, ronronando, e me encarava com aqueles inteligentes olhos cinza-amarelados. Olhe, eu estou grato e estou lhe dizendo isso.

Um dia, quando os árbitros do seu destino estavam na cozinha tomando chá, ele pulou da cadeira e caminhou devagar até a porta que dava para o restante da casa. Lá, parou, se virou e nos olhou da maneira mais deliberada possível. Não podia ter perguntado com mais clareza: Posso entrar mais na casa? Posso ser um bicho de estimação de verdade? A essa altura já teríamos ficado felizes em convidá-lo para entrar, mas nossos outros dois gatos pareciam capazes de tolerá-lo apenas se ele ficasse onde estava, um gato de cozinha. Apontamos para sua cadeira e ele voltou para ela sem pressa, e lá ficou, num silêncio decepcionado, até que se pôs a arfar as laterais, ronronando.

Nem é preciso dizer que isso nos deixou arrasados.

Alguns dias depois, o gato desceu cuidadosamente da cadeira, foi até a mesma porta e parou ali, nos olhando, aguardando instruções. Dessa vez, não dissemos que precisava voltar e, por isso, ele entrou mais na casa, mas não foi longe. Encontrou um cantinho embaixo de uma banheira e ficou ali. Os outros gatos foram ver onde ele estava e nos perguntaram o que achávamos daquilo, mas o que achávamos era que aqueles dois jovens príncipes podiam compartilhar sua boa sorte. Lá fora chegou o

outono e depois o inverno, e precisávamos fechar a porta da cozinha. Mas e quanto aos problemas que esse novo gato tinha para fazer suas necessidades? Naquela época, ele esperava diante da porta da cozinha quando precisava sair, mas, uma vez lá fora, não queria pular no telhadinho nem descer pelo pé de lilás, pois esses movimentos eram difíceis demais. Usava os vasos onde havia plantas tentando crescer e, por isso, providenciei uma caixa enorme cheia de turfa, que ele entendeu para que servia e usou. Mas era uma amolação ter de esvaziar a caixa de turfa. Há uma portinha para gato que dá no jardim e nossos dois jovens gatos nunca, nem uma vez, sujaram o chão dentro de casa. Mesmo com chuva, neve ou ventania, eles vão lá para fora.

E essa era a situação quando o inverno começou. No final da tarde, as pessoas e os dois gatos residentes, os gatos legítimos, ficavam na sala de estar, e Rufus ficava debaixo da banheira. Mas então, certa tarde, Rufus surgiu na porta da sala de estar, e foi uma aparição dramática, pois ali estava a personificação dos miseráveis, dos insultados, dos maltratados, diante dos aquecidos, dos alimentados, dos privilegiados. Ele deu uma breve espiada nos dois gatos seus rivais, mas manteve os olhos inteligentes fixos em nós. O que nós íamos dizer? Dissemos que tudo bem, ele podia usar o velho pufe de couro que ficava perto do radiador, o calor seria bom para seus ossos doloridos. Afofamos o pufe e ele subiu, se aninhando na parte mais funda, se enroscou, mas com cautela, e ronronou. Ronronou, ronronou, ronronou tão alto e durante tanto tempo que tivemos de lhe implorar que parasse, pois não conseguíamos ouvir nossas próprias vozes. Literalmente. Tivemos de aumentar o volume da televisão. Mas ele sabia que tinha sorte e queria que nós soubéssemos que compreendia o valor do que estava recebendo. Quando eu estava na parte mais alta da casa, dois andares acima, conseguia ouvir o ribombar rítmico que significava que Rufus estava acordado, expressando sua gratidão. Ou talvez estivesse dormindo e ronronando, pois, quando começava, não parava mais, mas ficava ali enroscado, com os olhos

fechados e as laterais arfando. Havia algo de extraordinário e escandaloso no ronronar de Rufus, pois ele era calculado demais. E, quando observávamos e ouvíamos esse velho sobrevivente, que só estava vivo porque usara sua inteligência, pensávamos nos perigos, nas aventuras e nas provações pelas quais ele tivera de passar.

Mas nossos dois outros gatos não ficaram satisfeitos. Um se chama Charles, originalmente Prince Charlie, não em homenagem ao atual dono do título, mas a príncipes românticos antigos, pois é um gato listrado bonito e vistoso que sabe como se exibir. Sobre seu caráter, é melhor que se fale o mínimo possível – mas esta crônica não é sobre Charles. O outro gato, o irmão mais velho, com uma personalidade apropriada para essa condição, tem um nome completo e formal, que recebeu quando se tornou um adulto e suas características ficaram evidentes. Nós o chamamos de General Pinknose Terceiro, numa homenagem e talvez para nos lembrar que até o gato mais bem-cuidado vai acabar abandonando o dono. Já tínhamos visto aquele rosa cor de sorvete, mas em pontas de narizes com arqueados menos aristocráticos, em gatos menos imponentes que tivéramos em outras épocas. Como algumas pessoas, ele vai adquirindo novos nomes conforme o tempo faz suas revelações e, há pouco, devido a sua força moral e sua habilidade de criticar silenciosamente qualquer cena, recebeu o título temporário de bispo, ficando conhecido como Bishop Butchkin. Abstendo-se de comentários, esses dois gatos permaneciam em seus respectivos lugares, os narizes encostados nas patas, e observavam Rufus. Charles sempre fica debaixo de um radiador, mas Butchkin gosta do topo de um cesto alto, onde consegue ficar de olho em tudo. É um gato magnífico. A familiaridade tinha embotado minha visão: eu sabia que ele era bonito, mas voltei de uma viagem e fiquei estarrecida com esse gato gigantesco de pelagem arrojada, com seu preto lustroso e seu branco imaculado, olhos amarelos e bigodes brancos, e me ocorreu que aquela beleza surgira de uma matéria-prima que nada tinha de extraordinária,

apenas através de bons cuidados e boa alimentação. Se ele não tivesse sido castrado, se fosse um gato que tivesse que andar por aí fizesse chuva ou fizesse sol para competir por uma parceira, não ia ter essa aparência; seria um gato menor ou, ao menos, um gato magro, esguio, cansado de guerra. Não, eu não fico feliz com a ideia de castrar gatos, longe disso.

Mas esta história não é sobre El Magnifico, o nome mais adequado para ele.

Quando achou que não estávamos vendo, Charles tentou encurralar Rufus num canto e ameaçá-lo. Mas Charles nunca teve de brigar e competir, e Rufus sim, a vida toda. Rufus estava tão raquítico que poderia ser derrubado por uma patada determinada. Mas ele fincou os pés e se defendeu com olhares furiosos e experientes, com sua paciência cautelosa, com sua invencibilidade. Não havia dúvida sobre o que ia acontecer com Charles se ele ficasse ao alcance das patas de Rufus. Quanto a El Magnifico, ele estava acima de competições desse nível.

Durante aquelas primeiras semanas, quando estava recobrando forças, Rufus nunca saiu da casa, a não ser para ir até a caixa de turfa na varanda; lá, ele fazia suas necessidades, mantendo o olhar fixo em nós e, ainda assim, se parecia que a porta ia fechá-lo do lado de fora, soltava um grunhido baixo de pânico e entrava, cambaleante. Tinha muito medo, ainda, de perder aquele refúgio que obtivera após passar um tempo tão longo como sem-teto, após ser atormentado pela sede. Tinha medo de botar uma pata sequer do lado de fora.

O inverno passou devagar. Rufus continuou deitado no pufe, ronronando sempre que se lembrava de fazê-lo, nos observando e observando os outros dois gatos, que o observavam. Então, deu uma nova cartada. Àquela altura, nós já sabíamos que ele nunca fazia nada sem uma razão muito boa, que primeiro calculava tudo e só depois agia. O gato preto e branco, Butchkin, é o líder. Ele nasceu nesta casa, numa ninhada de seis filhotes. Criou os irmãos tanto quanto a mãe: ela não era má mãe, mas os filhotes a

deixavam exausta. Nunca houve dúvidas sobre quem era o líder da ninhada. Então, Rufus decidiu tentar ocupar a posição de líder. Não pela força, pois força ele não tinha, mas usando sua posição de gato doente, que recebia tanta atenção. Todas as noites o General, El Magnifico Butchkin, vinha se deitar ao meu lado no sofá durante algum tempo, para estabelecer seu direito àquela posição, antes de ir para seu lugar preferido no alto do cesto. Esse lugar ao meu lado era o melhor lugar, pois era isso que Butchkin achava; Charles, por exemplo, não tinha permissão para deitar ali. Mas então, exatamente da mesma maneira deliberada que caminhara até a porta da cozinha e olhara para trás para ver se nós lhe permitiríamos entrar na casa em si, ou que ficara parado na porta da sala de estar para descobrir se íamos deixar que fizesse parte da família, Rufus desceu do pufe, veio até onde eu estava sentada, ergueu as patas da frente e, com dificuldade, as de trás, e veio se sentar ao meu lado. Ele olhou para Butchkin. Depois, para os humanos. Por último, lançou um olhar indiferente para Charles. Eu não o expulsei. Não tive coragem. Butchkin apenas olhou para ele depois lenta (e magnificamente) bocejou. Eu achava que ele é que tinha de obrigar Rufus a voltar para o pufe. Mas ele não fez nada, só olhou. Será que estava esperando que eu fizesse alguma coisa? Rufus se deitou, com cuidado, por causa das juntas doloridas. E ronronou. Todas as pessoas que vivem com animais têm momentos em que anseiam por ter uma linguagem em comum com eles. Esse foi um deles. O que acontecera com Rufus, como ele aprendera a planejar e calcular, como se tornara um gato tão racional? Tudo bem, tinha nascido inteligente, mas Butchkin também tinha, assim como Charles (embora existam gatos muito estúpidos). Tudo bem, então tinha nascido com uma natureza determinada. Mas nunca vi um gato tão capaz de pensar, de planejar seu próximo gesto, quando Rufus.

Deitado ao meu lado, após ter obtido o melhor lugar da sala de estar poucas semanas após ser um pária, ele ronronou. “Psiu, Rufus, não conseguimos nem pensar com tanto barulho.” Mas não

tínhamos uma linguagem em comum, não podíamos explicar que não íamos expulsá-lo se ele parasse de ronronar, de agradecer.

Quando obrigávamos Rufus a engolir pílulas, ele dava pequenos grunhidos de protesto: provavelmente, encarava aquilo como o preço que tinha de pagar por um refúgio. Às vezes, quando passávamos um cotonete em sua orelha e doía, ele praguejava, mas não se dirigindo a nós: era uma praga generalizada, da parte de alguém que tinha direito de praguejar muito. Depois, ele lambia nossas mãos para mostrar que não estava falando conosco e ligava o motor do ronronado de novo. Fazíamos carinho nele, que dava um grunhido rouco em resposta.

Enquanto isso Butchkin, o Magnífico, observava e pensava com seus botões. Sua personalidade tinha muito a ver com o destino de Rufus. Ele é orgulhoso demais para competir. Se está tendo uma conversa íntima comigo no último andar da casa e Charles chega, simplesmente pula da cama ou da cadeira e vai lá para baixo. Não apenas não tolera a competição que sente estar abaixo dele, como também não permite pensamentos que não sejam centrados nele. Se estou segurando-o ou acariciando-o, tenho de manter a atenção nele. Não posso, por exemplo, fazer carinho nele enquanto leio. No momento em que desvio minha atenção, ele percebe, pula para baixo e some. Mas não se ressente. Quando Charles se comporta mal, atormentando-o, ele pode lhe dar uma patada, mas depois dá uma lambida, *noblesse oblige*.

Alguém com tal personalidade não vai se rebaixar brigando com nenhum gato pelo primeiro lugar.

Um dia, eu estava no meio da sala, me dirigindo a Butchkin, que estava enrolado no alto do cesto, quando Rufus desceu do sofá e veio se postar bem diante das minhas pernas, olhando para o outro como quem dizia: Ela gosta mais de mim. Isso foi feito de maneira lenta e deliberada, ele não estava tomado de emoção, não estava sendo imprudente nem impulsivo, qualidades que Charles tem em excesso. Tinha planejado isso, estava calmo e sério. Decidira dar a última cartada para ser o líder, meu preferido, com Butchkin em

segundo lugar. Mas eu não ia permitir isso. Apontei para o sofá e ele me olhou com uma expressão que, se ele fosse humano, teria significado “Bem, valeu a tentativa”. E voltou para o sofá.

Butchkin havia notado a decisão que eu tomara a seu favor e seu único comentário sobre ela foi descer de seu lugar, vindo se enroscar nas minhas pernas, e depois subir de novo.

Rufus tinha tentado se tornar o líder e fracassado.

Capítulo doze

Rufus não colocava nem um pé no primeiro andar havia meses, mas então eu o vi tentando dar um pulo desajeitado até o telhado, de lá olhar para trás, ainda com medo que não o deixassem entrar de novo na casa, e depois observar o pé de lilás, calculando como descer por ele. A primavera tinha chegado. A árvore estava com folhas novas, e as flores, ainda em botões, pendiam de talos verde-esbranquiçados. Rufus decidiu que era melhor não ir para a árvore e pulou com dificuldade de volta para a varanda. Eu o apanhei, levei-o lá para baixo e mostrei-lhe a portinha dos gatos. Ele ficou apavorado, achando que aquilo era uma armadilha. Empurrei-o, enquanto praguejava e se debatia, gentilmente pela portinha. Saí atrás dele, apanhei-o e empurrei-o para dentro de volta. Rufus correu imediatamente lá para cima, imaginando que eu queria expulsá-lo de casa. Essa performance foi repetida durante vários dias seguidos, e Rufus detestou. Entre uma e outra, eu o acariciava e elogiava, para que soubesse que não estava tentando me livrar dele.

Rufus refletiu. Eu o vi se levantar de seu lugar no sofá e descer a escada devagar. Ele foi até a portinha. Ficou ali, com o rabo balançando de indecisão, examinando-a. Estava com medo: isso o fez dar marcha a ré. Ele se obrigou a parar, a voltar... fez isso diversas vezes, chegou até a portinha e tentou se forçar a pular através dela, mas seus instintos surgiram e o forçaram a se afastar. Isso se repetiu diversas vezes. Até que Rufus se obrigou a fazer aquilo. Como uma pessoa bem resolvida, ele passou a cabeça, depois o corpo, e viu-se no jardim repleto de cheiros e sons de

primavera, com pássaros se regozijando por terem sobrevivido a mais um inverno e crianças reivindicando seus brinquedos. O velho mendigo ficou ali, farejando o ar que pareceu lhe dar vida nova, com uma das patas erguidas, virando a cabeça para captar os cheiros-mensagem (o que alguém na casa chama de *cheirogramas*) que lhe traziam lembranças de velhos amigos, tanto felinos quanto humanos, lhe traziam recordações. Naquele momento, foi fácil imaginá-lo jovem, bonito e cheio de vigor. Lá se foi ele daquele seu jeito cuidadoso, mancando um pouco, até a outra ponta do jardim. Sob as árvores frutíferas, olhou para a direita e para a esquerda. As memórias o puxavam para ambos os lados. Rufus passou por debaixo da cerca no lado direito, na direção da casa daquela senhora – pelo menos, foi isso que deduzimos. Ficou lá durante mais ou menos uma hora, e depois eu o vi se espremendo por debaixo das cercas para voltar ao nosso jardim, e ele seguiu a aleia e se postou diante da porta dos fundos ao lado da portinhola e me olhou: Por favor, abra, já chega por hoje. Sucumbi e abri a porta. Mas, no dia seguinte, Rufus se forçou a sair pela portinhola e voltou por ela, e depois disso não tivemos mais necessidade de caixa para gato, nem quando chovia ou nevava ou quando o jardim estava barulhento ou castigado por uma ventania. A não ser, é claro, que ele estivesse doente e fraco demais.

Quase sempre, Rufus ia fazer suas visitas para o lado direito, mas às vezes ia para o lado esquerdo, que era uma jornada mais longa, e eu o observava de binóculo até ele sumir no meio dos arbustos. Sempre que Rufus voltava de um passeio, imediatamente vinha pedir carinho e ligava o motor do ronronado... foi então que percebemos que esse ronronado não era mais aquele barulho muito alto, insistente e prolongado que fora quando ele viera morar conosco. Agora Rufus ronronava de maneira adequada, com moderação, como convinha a um gato que queria nos mostrar que ele dava valor a nós a ao lugar que tinha em nossa casa, apesar de não ser o líder, de não termos deixado que ocupasse o primeiro lugar. Durante muito tempo Rufus temera que fôssemos ser volúveis

e expulsá-lo ou trancá-lo para fora de casa, mas agora estava mais seguro. De qualquer maneira, naquele estágio, nunca voltava de uma visita sem imediatamente se aproximar de um de nós e, ronronando, sentar ao lado de nossas pernas ou nos dar cabeçadas, o que significava que queria carinho nas orelhas, principalmente naquela que doía e não ficava boa de jeito nenhum.

Aquela primavera e aquele verão foram bons para Rufus. Ele estava bem, ou tão bem quanto possível. Sentia-se seguro em relação a nós, embora certa vez eu, num descuido, tenha pegado um velho cabo de vassoura que ficava na varanda dos fundos, fazendo com que ele pulasse no telhado, tropeçando lá de cima, descesse correndo pela árvore e fosse até a outra ponta do jardim, impelido pelo pânico. Alguém no passado havia atirado pedaços de pau nele, batido nele. Corri para o jardim e o encontrei escondido num arbusto, apavorado. Apanhei-o, levei-o de volta para casa, mostrei-lhe o cabo de vassoura inofensivo, pedi desculpas, fiz carinho. Ele viu que tinha sido um mal-entendido.

Rufus me fez pensar nos tipos diferentes de inteligência felina. Antes dele, eu já reconhecera que gatos tinham temperamentos diferentes. A inteligência de Rufus é a de um sobrevivente. A de Charles é a científica, curiosa em relação a tudo, questões humanas, pessoas que vêm nos visitar e, em particular, nossos aparelhos eletrônicos. Gravadores, um toca-discos que gira, a televisão, o rádio o fascinam. Dá para ver que ele está se perguntando por que uma voz humana sem corpo surge de uma caixa. Quando Charles era filhote, antes de desistir de fazer isso, costumava parar um disco que girava com a pata... soltar... parar de novo... olhar para nós, dar um miado interrogativo. Ia para trás do rádio para ver se conseguia ver o que estava ouvindo, ia para trás da televisão, derrubava um gravador com a pata, farejava-o, miava, mas que *diabos* é isso? É o gato falante. Conversa com você enquanto desce as escadas e vai lá para fora e continua a conversar quando entra e sobe de volta, fazendo comentários sobre tudo que acontece. Quando volta para casa do jardim, é possível

ouvi-lo do último andar: “Aqui estou eu, afinal”, exclama, “Charles, o adorável. Como vocês devem ter sentido a minha falta! Imaginem o que aconteceu comigo, não vão acreditar...”. Ele entra no cômodo onde você está sentado e fica parado na porta, com a cabeça um pouco pendida para um lado, esperando ser admirado. “Eu não sou o gato mais lindo da casa?”, insiste, com o corpo todo vibrando. Cativante, essa é a palavra que melhor descreve Charles.

O General tem uma inteligência intuitiva, sabe o que você está pensando e o que vai fazer depois. Não se interessa pela ciência, em saber como as coisas funcionam; não se dá ao trabalho de impressionar você com aparências. Fala quando tem algo a dizer e apenas quando está sozinho com você. “Ah”, diz ele, ao ver que os outros gatos não estão por ali, “enfim sós.” E permite um dueto de admiração mútua. Quando volto de algum lugar, ele vem correndo do outro lado do jardim, exclamando, “Você está aí! Senti saudades! Como pode ter sumido e me abandonado durante tanto tempo?”. Pula nos meus braços, lambe meu rosto e, sem conseguir conter sua alegria, corre pela casa toda como se fosse um filhote. Depois, retoma a gravidade e a dignidade de sempre.

Quando o outono começou, Rufus já estava se comportando como um gato forte e saudável havia alguns meses, indo visitar amigos e às vezes ficando fora de casa durante um ou dois dias. Mas então parou de sair, virou um gato doente deitado num lugar quentinho, um gato triste com feridas nas patas, balançando a cabeça por causa da úlcera na orelha, bebendo água e mais água... De volta para o veterinário. Veredicto: ruim, muito ruim, na verdade; feridas como essas são um mau sinal. Mais antibióticos, mais vitaminas, e Rufus não devia sair quando estivesse frio e chovendo. Durante meses, Rufus não tentou sair. Ficava deitado ao lado do radiador e seu pelo caía aos punhados, em enormes tufos cor de ferrugem. Onde quer que deitasse, mesmo que apenas durante alguns minutos, deixava um ninho de pelos laranja e era possível ver sua pele através da pelagem rala. Aos poucos, ele foi melhorando.

Por azar aconteceu de outro gato, que não era nosso, precisar tomar remédios na mesma época. Ele tinha sido atropelado, teve de fazer uma cirurgia séria e foi convalescer em nossa casa antes de ir para outra. Havia dois gatos na nossa casa ocupando nossa atenção; os outros dois não gostaram disso e se retiraram para o jardim, para longe daquele cenário perturbador. Então Butchkin também pareceu estar doente. Quando eu ia para o jardim ou a sala de estar, encontrava-o espichando o pescoço e tossindo de maneira delicada, porém melancólica, suportando com nobreza o sofrimento. Levei-o ao veterinário, mas não havia nada de errado. Um mistério. Butchkin continuou a tossir. No jardim, eu não conseguia pegar uma pá ou arrancar uma erva-daninha sem ouvir aquela tosse rouca e seca. Muito estranho mesmo. Um dia, depois de ter feito carinho no pobre Butchkin, perguntado como andava sua saúde, desistido de descobrir e ido lá para dentro, tive uma desconfiança desagradável. Fui até o último andar da casa e observei-o com o binóculo. Nem sinal da tosse; ele estava esticado, usufruindo do sol de início de primavera. Lá fui eu para o jardim e, quando Butchkin me viu, se agachou com o pescoço espichado, tossindo e sofrendo. Voltei para a varanda com o binóculo e lá estava ele deitado, com o lindo pelo preto e branco luzindo ao sol, bocejando. Por sorte, o segundo gato doente se recuperou, foi para sua nova casa, e nós voltamos a ser uma família com três gatos. A tosse de Butchkin desapareceu misteriosamente e ele adquiriu outro nome: durante algum tempo, ficou conhecido como Sir Laurence Olivier Butchkin.

Agora todos os três gatos usufruíam do jardim de maneiras distintas, e em três existências paralelas: se seus caminhos se cruzavam, eles se ignoravam polidamente.

Numa manhã de sol, vi dois gatos laranja na grama fresca do jardim ao lado. Um deles era Rufus. Seu pelo tinha voltado a crescer, mas estava menos espesso do que antes. Ele estava sentado numa posição empertigada, confrontando um gato macho bastante jovem que o desafiava. O gato era um de um laranja vivo, como um damasco ao sol, um gato macio e fofo, que dava

soquinhos delicados, primeiro com uma pata, depois com a outra, sem chegar a tocar em Rufus, mas, ao que parecia, tentando atingir um gato imaginário ou invisível bem diante dele. Esse lindo gato jovem parecia estar dançando no lugar, ele oscilava, balançava, dava tapinhas e soquinhos no ar, e o brilho cor de fogo e raposa de seu pelo fazia Rufus parecer encardido. Eles eram parecidos: aquele era o filho de Rufus, eu tive certeza, e, nele, eu via o que aquele pobre gato maltratado tinha sido antes que a crueldade dos humanos acabasse com ele. A cena durou minutos inteiros, meia hora. Como os gatos machos fazem, eles pareciam estar encenando um duelo ou torneio por mera formalidade, sem intenção de realmente se machucar. O gato jovem, chegou a emitir um ou dois uivos, mas Rufus permaneceu em silêncio, solidamente plantado sobre o próprio traseiro. O gato jovem continuou a duelar com as patas vermelhas listradas, mas então parou e lambeu depressa a lateral do corpo, como se houvesse perdido o interesse naquele processo; depois, diante da presença impassível de Rufus, lembrou que tinha a obrigação de brigar com ele, se empertigou de novo, todo cheio de estilo e pose, como um gato heráldico, um felino de brasão, voltando à dança da esgrima. Rufus continuou sentado, sem brigar nem se recusar a brigar. O gato jovem ficou entediado e foi passear pelo jardim, pulando sobre sombras, rolando e se esfregando na grama, perseguindo insetos. Rufus esperou que ele se afastasse e então seguiu, com a serenidade de sempre, na direção que pretendia tomar, que, naquela primavera, não era para a direita, para a casa da senhora, mas para a esquerda, onde passava horas e às vezes até uma noite toda. Pois estava bom de novo e era primavera, hora de se acasalar. Quando voltava para casa, tinha fome e sede, o que significava que não estava fazendo amigos humanos. Mas conforme a primavera avançou, ele passou a ficar mais tempo, talvez dois, três dias. Eu tinha certeza de que tinha um amigo felino.

A Gata Cinza, rabugenta e petulante, não era amistosa com outros gatos. Antes de ser castrada não era amorosa com os

parceiros e era hostil até com gatos que estavam morando na mesma casa havia muito tempo. Não tinha amigos felinos, só amigos humanos. Quando foi amistosa com um gato pela primeira vez, já era velha, tinha mais ou menos treze anos. Naquela época, eu morava num pequeno apartamento no último andar de uma casa sem portinhas para gatos, que tinha apenas uma escada que levava à porta da frente. Era isso que ela usava para ir até o quintal dos fundos. Conseguia empurrar a porta para entrar, mas precisava que alguém a abrisse para poder sair. Começou a tolerar a presença de um velho gato cinza que subia a escada atrás dela, esperava na porta do nosso apartamento até ser convidado a entrar e depois esperava no último andar até ser convidado para dentro do meu quarto; a espera era pelo convite da gata, não pelo meu. Ela gostava dele. Era a primeira vez que gostava de um gato que não tinha sido seu filhote. O gato entrava devagar no meu quarto – ou no quarto dela, na visão dele – e ia na direção da gata. No início, ela ficava olhando para ele, de costas para uma poltrona grande e velha, de modo a se proteger; não daria confiança para ninguém, ela não! Ele parava a uma distância curta e dava um miado suave. Quando ela dava um miado breve e relutante em resposta – pois se tornara parecida com uma velha briguenta e rabugenta e que não sabe que é assim – ele se agachava a cerca de dois palmos de distância e olhava-a fixamente. Então, a gata se agachava também. Eles podiam passar uma, duas horas assim. Depois, ela foi ficando mais relaxada e eles passaram a permanecer agachados lado a lado, perto um do outro, mas sem se tocar. Não conversavam, exceto pelos barulhinhos suaves que trocavam para se cumprimentar. Gostavam um do outro, queriam sentar juntos. Quem era ele? Onde morava? Nunca descobri. Era um gato velho que não tivera uma vida fácil, pois era leve como uma pluma e seu pelo era opaco. Mas não tinha sido castrado; era um senhor distinto, cinza de bigodes brancos, educado, cortês, que não esperava tratamento especial – na verdade, não esperava muita coisa. Comia um pouco da comida dela, bebia um pouco de leite se alguém oferecia, mas

não parecia faminto. Muitas vezes, quando eu voltava de algum lugar, ele estava esperando na porta da frente. Miava um pouco, miados muito baixos, me olhando, e depois entrava comigo, ia escada acima atrás de mim até a porta do nosso apartamento, miava de novo e subia a última escada até o andar de cima, onde ia diretamente até a Gata Cinza, que dava seu miadinho irritado quando o via, mas então lhe concedia um trinado de boas-vindas. O gato passava longas noites com a Gata Cinza. Ela tinha se tornado uma gata diferente, menos irritadiça e fácil de ofender. Eu costumava observar os dois sentados juntos, como dois velhos que não precisam conversar. Nunca na vida quis tanto compartilhar da mesma linguagem que um animal. “Por que esse gato?”, queria perguntar para ela. “Por que esse gato e nenhum outro? O que esse gato velho e educado tem que fez você gostar dele? Pois imagino que vá admitir que gosta dele, não? Tantos gatos lindos na casa, a sua vida toda, e você jamais gostou de nenhum. Mas agora...”

Certa noite, ele não veio. Na seguinte, também não. A Gata Cinza esperou. Ficou a noite toda sentada, vigiando a porta. Depois foi esperar lá embaixo, na porta da frente da casa. Procurou no jardim, mas ele não veio, nunca mais. E ela nunca mais ficou amiga de um gato. Outro gato, um macho que visitava o gato do andar de baixo, veio se refugiar conosco quando ficou doente, poucas semanas antes de morrer, e passou o restante da vida o meu quarto – o quarto dela; mas a Gata Cinza simplesmente ignorou sua existência. Comportava-se como se só nós duas estivéssemos ali.

Acredito que Rufus tivesse um amigo assim, e que era esse amigo que ele ia visitar.

Certa noite, no fim do verão, ele se deitou do meu lado no sofá e, na manhã seguinte, ainda estava lá, exatamente na mesma posição. Quando afinal desceu, andou mancando, com uma pata traseira arrastando. O veterinário disse que ele tinha sido atropelado: dava para ver pelas garras, pois os gatos instintivamente colocam as garras para fora para se agarrar quando a roda os arrasta. As garras

de Rufus estavam quebradas. Ele tinha uma fratura séria numa pata traseira.

O gesso ia do tornozelo até o topo da coxa e Rufus foi colocado num cômodo tranquilo com comida, bebida e uma caixa de areia. Ele não se incomodou de passar a noite lá dentro, mas, de dia, quis sair. Abrimos a porta e o observamos descer desajeitadamente a escada, lance por lance, até o térreo, onde xingou e praguejou, manobrando a perna rígida de gesso primeiro para passar pela portinhola e depois para atravessar, cambaleando, a aleia do jardim, xingando bem mais quando enfiou ambos, ele e a perna, debaixo de uma cerca. Lá se foi Rufus para a esquerda, para ver seu amigo. Ficou fora de casa cerca de meia hora: tinha ido contar a alguém, felino ou humano, sobre seu infortúnio. Quando voltou, não se incomodou de ser colocado de volta em seu refúgio. Estava abalado, chocado, e os olhos mostravam que sentia dor. O pelo, que tinha ficado saudável graças ao verão e à boa alimentação, parecia duro, e ele voltou a ser o pobre e velho gato que não conseguia se limpar com facilidade. Pobre velho maltrapilho! Pobre Gato Calamidade! Rufus acumulou muitos nomes, como Butchkin, mas eram nomes tristes. Ele, no entanto, era invencível. Pôs-se a remover seu gesso, conseguiu e foi levado de volta ao veterinário para colocar outro, que não conseguiu tirar. Mas tentou. E, todos os dias, descia a escada, ia até a portinhola – onde hesitava, com o gesso rígido para trás, e então passava praguejando, porque sempre batia a perna ali – e depois atravessava cambaleando o jardim, sobre as poças e folhas do outono. Tinha de ficar quase que completamente achatado para passar pela cerca. Todos os dias ia fazer seu relatório, voltava exausto e ia dormir. Quando acordado, lutava para arrancar o gesso. O lugar onde se deitava sempre ficava todo branco de pedaços de gesso.

Depois de um mês, o gesso foi retirado. A perna ficou enrijecida, mas utilizável, e Rufus voltou ao normal, voltou a ser um gato aventureiro e galante que usava nossa casa como base. Mas então ficou doente de novo. Durante alguns anos, esse ciclo se repetiu.

Ele melhorava e saía por aí, adoecia e voltava para casa. Mas suas doenças estavam piorando. A úlcera da orelha não ficava boa. Ele voltava de algum lugar para pedir ajuda. Colocava a pata delicadamente na orelha purulenta, tinha engulhos delicados ao sentir o cheiro na pata e olhava sem saber o que fazer para aqueles que ajudavam a cuidar dele. Dava pequenos grunhidos de protesto quando lavávamos a úlcera, mas queria que fizéssemos isso; além disso, tomava os remédios, descansava e se permitia aquele período de cura. Sentíamos nas mãos aquele corpo rijo e musculoso, de um gato forte, apesar dos problemas de saúde. Foi só no fim da vida, de sua vida curta demais, que Rufus ficou em casa, sem tentar sair nem uma vez. Ficava deitado no sofá e parecia pensar ou sonhar quando não estava dormindo. Certa vez, quando ele dormia, fiz carinho para acordá-lo e lhe dar um remédio, e ele despertou com aquele trinado confiante e amoroso de boas-vindas que os gatos usam com as pessoas e os gatos que amam. Mas quando viu que era eu, voltou a ser o mesmo gato educado e grato de sempre, e me dei conta de que aquela fora a primeira vez em que o ouvira fazer aquele som especial – numa casa em que ele era escutado o dia todo. É assim que gatas-mãe cumprimentam os filhotes, que os filhotes cumprimentam as mães. Será que Rufus estava sonhando com o tempo em que era filhote? Ou talvez estivesse sonhando até com o humano que fora seu dono quando era filhote, ou bem novo, mas que depois sumira e o abandonara. Aquele som derradeiro me chocou e magoou, pois Rufus não o fizera nem quando estava ronronando como uma máquina para mostrar gratidão. Durante todo o tempo em que nos conhecera, quase quatro anos, e as diversas vezes em que recebera cuidados até ficar saudável, ou quase saudável, ele nunca realmente acreditara que não havia chances de perder aquele lar e ter de se cuidar sozinho, se tornar um gato enlouquecido de sede ou doente de frio. Sua confiança em alguém, seu amor, tinha sido traído de maneira tão terrível que ele não podia se permitir amar de novo, nunca mais.

Conhecendo os gatos, uma vida inteira de gatos, o que resta é um sedimento de tristeza bastante diferente daquele despertado pelos humanos: piorado pela dor desses seres indefesos, pela culpa em nome de todos nós.

A velhice de El Magnifico

Capítulo treze

Uma semana antes de ter de amputar a perna da frente, ou melhor, todo um quarto dianteiro, ele correu sete lances escada abaixo, atravessou a portinhola para gatos com um estrondo e saiu a toda pela aleia do jardim que vai até a cerca na outra ponta, para expulsar o gigantesco macho cinza que mora do outro lado do reservatório e vem nos visitar. Seu uivo agudo e desafiador foi tamanho que, quando ele voltou, tranquilo, vitorioso, para a minha cama no último andar da casa e ficou sentado, observando seu território, livre de quaisquer gatos com exceção de si mesmo, e, do outro lado da cerca, o amplo campo verde que é o reservatório – pois os vitorianos colocavam sua água debaixo do solo – eu, como sempre abalada por aquele seu tom de voz, lhe disse, “Meu Deus, Butchkin! Que uivo intolerável”.

Butchkin? Não pode ser, era mesmo Sua Magnificência? Foi assim. Há dezessete primaveras, uma gata chamada Susie teve uma ninhada no telhado ao lado do meu. Era uma gata amistosa e civilizada, suponho que tivesse um bom lar mas o perdera, e levava uma vida dura; às vezes sendo alimentada pelas mulheres de certa lanchonete, às vezes não, dera à luz ao menos duas ninhadas em qualquer canto disponível – uma vez, debaixo de um caminhão – e os filhotes não sobreviveram. Não era uma gata velha, mas estava cansada e com medo. Gatas-mãe que já tiveram muitas ninhadas, por não terem sido salvas por donos de bom coração com uma cirurgia de castração, podem mostrar que têm consciência da enorme barriga que se remexe com a carga irrequieta que há lá dentro através de claros sinais de exaustão. “Ah, *não*, vou ter de

passar por tudo aquilo de novo?” Essa gata recebeu comida, segurança, um lugar no telhado onde nenhum outro gato podia sequer se aproximar, mas foi uma mãe relutante, embora zelosa.

Quando filhotes de gato abrem seus olhinhos embaçados e azulados pela primeira vez e veem humanos altos como torres diante de si, podem sibilar e brigar antes de se tornarem gatos afáveis, mas, entre os gatinhos de Susie havia um preto e branco que abriu os olhos, me viu, saiu cambaleando do cobertor no chão... subiu pela minha perna... subiu mais... subiu pelo meu braço... pelo meu ombro... e, se agarrando com suas garrinhas de agulha, se enfiou debaixo do meu queixo, se aninhou e começou a ronronar. Aquilo era amor, e para a vida toda. Era o maior filhote, o líder, e desde o início tomou conta de todos eles, chegando até a lamber e dar bronca nos irmãos, enquanto a mãe mantinha seu corpanzil esticado, observando. Ele foi como um pai para aqueles gatinhos, ou até uma mãe. Susie não parecia gostar mais dele do que dos outros nem se incomodar com seu jeito mandão.

Existe um mistério no nascimento desses filhotes. Havia sete deles. Um deles, um gatinho branco – e foi doloroso pensar em como teria ficado lindo quando adulto – foi expulso do ninho por ela e o encontramos morto alguns dias depois. A não ser que tenha nascido morto, o que era improvável, já que todos os outros eram tão vivazes. E Susie expulsou outro também, um malhadinho. Não fiz nada durante metade de um dia, deixando o filhote sentir frio e fome, pensando que tinha de controlar meu sentimentalismo e lamentando as escolhas da natureza: se ela havia expulsado o filhote, quem era eu, etc. Mas não consegui suportar ouvir seus miadinhos; coloquei-o de volta junto dos outros e, no fim, a ninhada ficou sendo de seis belos gatos. Susie, portanto, tinha uma atitude ambígua em relação àqueles filhotes. Claramente achava que sete, talvez até mesmo seis, eram demais. Não estava preparada para ser mãe de mais de cinco filhotes e, quando me deparei com os seis destruindo meu quarto, compreendi por quê.

Estou dizendo que essa gata sabia contar e, mesmo que não estivesse pensando um, dois, três, quatro, cinco, pelo menos entendia a diferença entre cinco e sete. Tenho quase certeza de que a maioria dos cientistas discordaria. Quer dizer, discordariam como cientistas, mas, como donos de gato, provavelmente não. É interessante observar um amigo cientista falar de capacidades felinas que nega oficialmente. Ele afirma que seu gato sempre fica na janela esperando-o voltar para casa, mas, quando veste o jaleco, diz que os animais não têm noção do tempo, que vivem num eterno agora. Poderia seguir adiante e dizer que, se não é esperado em casa, então o gato não está lá por causa dele, mas isso o leva a territórios que considera intoleráveis. O fato é que qualquer dono de gato cuidadoso e observador sabe mais sobre felinos do que as autoridades que os estudam. Informações sérias sobre os hábitos dos gatos e de outros animais sempre saem em revistas com nomes como *Tudo sobre os gatos* ou *Nossos bichanos*, e nenhum cientista sonharia em lê-las. Nelas, você encontra histórias como: uma gata de fazenda, que sempre ficava apenas com um de seus filhotes enquanto os outros eram levados embora, depois de ter muitas ninhadas, surpreendeu os donos dando à luz apenas um gato. Quanto tato da parte dela, pensaram os donos, mas então descobriram que a gata levara quatro filhotes para o sótão, um por um, e ia lá alimentá-los secretamente, enquanto fingia se ocupar apenas do único permitido. O fazendeiro e a mulher ouviram os passinhos lá em cima, descobriram o ardil da gata... e prefiro pensar que encontraram bons lares para os filhotes e mandaram castrar a pobre mãe.

Susie parecia satisfeita em encontrar no filhote mandão tanta disposição para ajudar, mas também havia alguma ambivalência nisso. O ponto fraco desse gatinho era que ele com frequência tossia ou tinha algo que lhe irritava a garganta. Sua mãe se aproximava dele, se sentava e envolvia o pescoço e a parte baixa da cabeça do gatinho em sua enorme mandíbula. Se apertasse aquela mandíbula, ia matá-lo; mas não, segurava-a durante meio

minuto, um minuto, e eu me pergunto se havia um nervo ou ponto de pressão no lugar e ela sabia como parar a tosse. Ele parava mesmo de tossir, mas não imediatamente. Mais tarde, quando já era crescido e começava a tossir, eu fazia o que Susie costumava fazer, pressionando os dedos como ela pressionava a mandíbula. E ele parava mesmo, depois de algum tempo.

Esse gatinho era maior que os outros e nós o chamávamos de Butch, ou durão, de brincadeira, porque era ridículo imaginar aquela coisa minúscula, aquela miniatura de gato, como o tirano do playground. Tínhamos a intenção de trocar o nome, esse nome bobo e comum, que metade dos gatos machos do país recebe, e os cachorros também, Butch, Big Butch, mas o nome pegou, embora de forma suavizada, primeiro por causa de seu status de filhote, virando Butchkin, depois Pushkin ou Pusskin, Pusscat, Pushka – todas as variações dos sons psk e psh, sons felinos que por algum motivo parecem combinar com a realidade do Gato. Você jamais chamaria um gato de Rover, ou andarilho, embora ele possa percorrer distâncias mais longas que um cachorro. Os títulos de honra que esse gato obteve, pois El Magnifico é apenas um deles, são para ocasiões especiais, como, por exemplo, quando ele é apresentado a alguém. “Qual o nome dele?” “General Pinknose, o Terceiro” (pois ele não é o primeiro gato cujo narizinho rosa, em algumas luzes e alguns ângulos, parece zombar gentilmente das pretensões daquele animal imponente). “Que gato bonito”, diz o visitante, desconcertado, imaginando que gritamos o nome completo no jardim, ou que talvez digamos “General! Onde você está?”. Alguns nomes se referem não a esse gato em particular, mas ao histórico de seus donos com outros gatos. Mas El Magnifico é o mais apropriado deles, porque ele de fato é um gato magnífico.

Ele foi um jovem gato preto e branco esguio e bonito e, junto com o irmão, um gato listrado, um tigre, formava um belo par; mas El Magnifico atingiu na maturidade o ápice da sua glória, de um preto e branco dramático; e você pensava, estarrecido, essa criatura, essa magnificência, evoluiu a partir de vira-latas comuns, da matéria

felina ordinária de Londres, produto de centenas de anos de acasalamentos acidentais – ou, ao menos, sem nenhuma preocupação quanto ao pedigree – entre bichanos medíocres e os melhores parceiros que eles conseguiam, entre gatos pretos e gatos pretos e brancos, e tigrados e alaranjados e cor de casco de tartaruga, e o resultado foi apenas um gato preto e branco ordinário – e o que poderia ser mais comum do que isso? E, no entanto, quando ele estava em seu apogeu, as visitas entravam num cômodo e o viam esticado, aquele enorme animal majestoso, uma farsa em preto e branco, paravam e exclamavam, “Que gato maravilhoso!”, e então, sem conseguir acreditar que esse animal era um vira-lata, perguntavam “Mas qual a raça dele?”. “Ah, ele é só um gato comum.”

Catorze anos, com a saúde perfeita, mas com uma bolota no ombro. Lá se foi ele para o veterinário. Câncer ósseo no ombro. A pata da frente toda tinha de ser amputada, quer dizer, o quarto dianteiro todo, com ombro e tudo.

Os humanos entraram em choque. *Esse* gato ia ser um gato de três patas? Decerto, não suportaria tamanha ignomínia. Mas o dia foi marcado e El Magnifico, reclamando a plenos pulmões, pois nunca foi de sofrer em silêncio, foi levado ao famoso cirurgião de gatos e deixado aos cuidados de uma enfermeira. Eles nos asseguraram de que ele ia se virar perfeitamente bem com três patas. Tinha de ficar diversos dias na clínica para se recuperar. Era provável que só isso já fosse ser difícil para ele, pois passara a vida inteira nesta casa, onde nasceu. Quando estava fora dela, se lamuriava, arrasado. É preciso confessar que nosso gato é um pouco mimado. Compare-o com sua mãe Susie, cuja vida árdua a transformara num animal corajoso e estoico. Ou com o gato do qual cuidamos durante alguns anos, Rufus, que, para sobreviver, tivera de ser esperto e ardiloso. Não, naquele gato, como em muita gente, há uma contradição: Butchkin era, e ainda é, orgulhoso, inteligente, o gato mais intuitivo que já conheci, mas, como em muitas pessoas que nunca tiveram de brigar por comida ou por um lugar no mundo,

tem algo qualquer de suave. Além disso, dentro desse gato enorme e lindo há outra personalidade surpreendente à espreita: ele às vezes é dramático, um ator das antigas, exagerado, que faz cenas absurdamente sentimentais. Quando sente que está sendo ignorado ou que não está sendo tratado como merece, deixa isso claro para nós, e às vezes os seus humanos, sem conseguir evitar o riso, têm de correr para outro cômodo, de tão engraçado que ele é, mas é claro que não deixamos que nos veja rir, pois jamais perdoaria tamanho insulto.

Quando o deixamos no cirurgião de gato, ele certamente não estava miando só para chamar atenção. Tivera de ficar de jejum, depois precisou tomar injeções e, então, teve boa parte de seu pelo raspada. Disseram-nos que a operação tinha sido um sucesso e que ele agora era um gato de três pernas. Naquela manhã, estava esticado na minha cama, ao sol, com uma longa e elegante pata jogada de forma casual sobre a outra, e eu fizera carinho na perna que logo ia ser removida e na pata que se curvou para segurar meu dedo quando eu o enfiei lá, como fazia quando ele era filhote, com a patinha minúscula se enlaçando na ponta do meu mindinho. Era insuportável pensar que aquele membro peludo ia ser atirado num incinerador.

Telefonamos várias vezes, sim, ele estava comendo, sim, estava bem, mas tinha de ficar lá por alguns dias. E então eles ligaram para dizer que achavam melhor nós o levarmos para casa, pois ele não estava se acostumando a ficar preso, estava tentando escalar as paredes da gaiola e – sim, nós podíamos imaginar o que seus uivos estrondosos estavam fazendo com os nervos das enfermeiras.

Eles nos disseram que tínhamos de colocá-lo num cômodo com a porta bem fechada e não deixar que saísse durante uma semana por causa dos pontos naquela ferida terrível e por causa da possibilidade de infecção. Levamos Butchkin para casa e ele chorou durante a viagem toda. Estava em choque. Seus amigos, sua família, e particularmente a amiga em cuja cama ele dormia, e que o adorara desde que nascera, o haviam colocado numa caixa de

transporte – algo que detestava e sobre o qual já se expressara de maneira enérgica –, levado para um lugar que ele não sabia onde era – mas fora uma viagem mais longa do que jamais tivera de suportar antes – e, lá, ele se vira cercado por vozes e cheiros estranhos, fora carregado para um lugar embaixo da terra que tinha um forte odor de gatos hostis, fora trancafiado, notando que sua família subitamente desaparecera, levara injeções, tivera seu pelo raspado e então acordara, muito dolorido, muito fraco, e uma de suas pernas tinha sumido, e ele caía de cara no chão quando tentava andar. E agora, esses supostos amigos estavam em sua própria casa carregando-o escada acima, a escada na qual correra para cima e para baixo a vida toda, e agindo como se não o tivessem traído, fazendo carinho nele e no seu ombro bom. No andar de cima, antes que conseguíssemos fechar a porta, Butchkin pulou dos braços que o seguravam e desceu a toda velocidade os sete lances de escada, rolando, caindo, pulando, seguindo em frente de qualquer jeito. Nós o alcançamos diante da portinhola para gato que dava no jardim, o levamos para fora e o colocamos num cobertor embaixo de um arbusto. Ele estava com medo de ser trancado de novo, de ficar preso. E, embora aquela enorme ferida tivesse só alguns dias, rastejou pelo jardim e chegou até a passar por debaixo da cerca para ir à casa ao lado e, depois, por debaixo da cerca que dava para os fundos. Parecia estar se certificando de que conseguiria escapar se precisasse, indo para longe das pessoas que o haviam insultado e ferido de maneira tão terrível. Nós o trazíamos para dentro de casa de noite, o trancávamos, o alimentávamos, lhe dávamos remédio, mas Butchkin queria ir lá para fora e, durante os dias que se seguiram, todas as manhãs eu o carregava até o arbusto, levando uma tigela de água, e ficava ao seu lado, me comiserando dele, fazendo carinho nele e assegurando-lhe de que tudo estava bem. Ele se comportou de maneira educada. Um dia, ao ouvir um uivo dele que jamais ouvira antes, olhei lá para fora e o vi se equilibrando sobre as três patas e erguendo a cabeça para ulular. Não era um de seus gestos

dramáticos, mas algo que vinha do coração, um grito de angústia e, depois de ter dissipado a tensão, a dor, a perplexidade, a desgraça da pata ausente, ele se deitou durante algum tempo, mas depois levantou e gritou mais. Aquilo me gelou o sangue, me deixou desesperadamente frustrada, pois Butchkin estava passando por um pesadelo que não conseguia entender, e eu não conseguia explicá-lo para ele.

“Gato, se nós não tivéssemos feito isso com você, ia morrer em poucos meses – você entende?” Não, claro que não. “Gato, por causa da assombrosa inteligência da raça humana você está vivo, não morto, como estaria em seu estado natural.”

Levei-o lá para cima para dormir na minha cama e, em pouco tempo, ele já estava rastejando sozinho pela escada. Certa noite, quando lia acordada e Butchkin dormia, ele acordou sobressaltado, como pode acontecer conosco, despertando de um sonho, e soltou um grito assustado, olhando ao redor, sem saber onde estava – talvez estivesse de volta naquela prisão –, mas então o pesadelo se apagou e ele se deitou, calmo, e olhou para a noite lá fora pelas janelas grandes. Fiz carinho em Butchkin, que não ronronou, fiz mais carinho, mais carinho, e afinal ele ronronou. Diversas vezes, acordou de repente de um pesadelo, até que... o tempo passou e ele parou de ter sonhos ruins, eu acho (a ciência já confirmou que os gatos de fato sonham).

Mas estava me lembrando de uma injúria antiga. Quando ele e o irmão tinham a idade certa, eram gatos jovens, mas ainda não totalmente adultos, foram levados para ser castrados, trazidos de volta para casa e colocados cada um numa almofada baixa e macia, onde ficaram esticados, com os rabos fluindo atrás dos corpos, e esse gato, meu Butchkin, meu magnífico, ergueu a cabeça e me olhou, e nada nunca foi mais claro do que esse olhar límpido e profundo: Você é minha amiga, mas fez isso comigo. Pois debaixo do rabo dele havia uma ferida vermelha de sangue e seus saquinhos peludos de gato tinham sido esvaziados e perdido a forma esférica. Sim, claro que foi preciso fazer isso: mas não

adianta nada dizer que um gato castrado vive mais que os chamados “gatos inteiros”, que não vagueia pela vizinhança brigando e ficando cada vez mais machucado, porque no momento em que você concorda com a ideia de que um gato inteiro tem de ter parte de si cortada, tem de ser diminuído e viver sem seus testículos... bem, isso é difícil, e reconhecer o bom senso da coisa não diminui a culpa básica: Esse gato é menos gato do que era antes, e eu sou a responsável. O olhar longo, longo, de ressentimento, de interrogação, *Por que*, se você é minha amiga?

Logo, como o veterinário tinha dito, Butchkin estava subindo e descendo aquelas escadas, pulando com leveza sobre uma das patas, caminhando pela cama e pelos sofás, estava conseguindo fazer tudo facilmente, mas não era mais o mesmo gato. Tinha sido humilhado, e seu orgulho, o órgão mais sensível de um gato, fora ferido. Sua dignidade fora ferida, porque ele mancava e, assim como nós, decerto se lembrava de seu andar despreocupado e majestoso sempre que calculava mal e caía de focinho no chão. O que antes fora sua vantagem, o tamanho, agora estava contra ele, pois a perna dianteira que restava, aquele membro delicado, tinha de suportar todo seu peso, e a junta do ombro ficara inchada e nodosa. O veterinário disse que havia água ali, sob a pele, e que, se houvesse algo de maligno oculto dentro do osso, levaria tempo para se mostrar. Só havia dez por cento de chance de o câncer voltar.

Quase três anos se passaram. O gato teve esse tempo a mais de vida. Está bem, seu pelo reluz, ele é um belo gato idoso, com alguns pelinhos brancos numa das orelhas. Seus olhos brilham. Ele leva sua vida restrita com aquela curiosa avaliação de riscos e possibilidades que vemos em pessoas que não têm um membro ou que têm alguma deficiência física: a primeira vez que vi isso foi no meu pai, que perdeu uma perna na guerra.

Mas El Magnifico se sente sozinho. Estava acostumado com uma casa cheia de gatos. Os quatro filhotes de sua mãe tinham enchido a casa toda com suas brincadeiras antes de irem para seus lares. Um deles, Charlie, continuou aqui durante algum tempo. Era um

gato bonito e safado, o tigre, com todas as características de um filho mais novo, e observá-lo ao lado de Butchkin, grande, tranquilo, dominador, era melhor que ler um livro sobre o relacionamento entre irmãos. Também houve Rufus, que ficou tão doente, que precisava de tanta atenção, mas ele tentou ser o gato líder e, quando Butchkin não permitiu, os dois machos passaram a ter vidas paralelas, ignorando um ao outro. Mas quando Rufus ficou doente demais e não resistiu, Butchkin sentiu sua falta, chamou-o, procurou por ele em todos os cantos da casa e do jardim. Gatos costumavam vir nos visitar. Um deles, que alimentamos durante cerca de um ano, porque claramente morava num lugar ruim e preferia a nossa casa, foi atropelado e teve de passar por uma cirurgia séria envolvendo dois veterinários e duas enfermeiras, porque o carro empurrara seus órgãos abdominais para dentro da cavidade torácica. Encontramos um bom lar para ele, que viveu mais cinco anos. Um deles, nós chamávamos de O Pirata, porque sempre entrava em casa para pilhar algo, obviamente fora mal alimentado, pois nunca conseguia passar por um prato de comida sem comer tudo, cada pedacinho, estava sempre com fome. Butchkin costumava ficar sentado observando-o comer sem parar. Butchkin nunca passou fome, não sabe como é pensar que talvez não haja outra refeição depois daquela, e, por isso, come com moderação, pode decidir deixar um prato inteiro de comida ou comer só metade. Esse gato enorme, esse imenso animal pesado, nunca comeu muito: são seus genes, sua mãe era uma gata grandona também.

Mas agora nenhum gato vem mais, nenhum sobe o pé de lilás nos fundos da casa para fazer uma visita, encontrar um pedaço de comida ou beber um pouco de água. Como hoje em dia o tempo é mais quente e mais seco, os gatos muitas vezes estão em busca de água, e a tigela que coloco nos degraus da frente recebe a visita de bichanos que ficam trancados para fora de casa durante o dia ou que saem de casa para explorar. Mas não há mais gatos que tratam nossa casa como se fosse deles, há apenas um gato aleijado aqui e isso decerto é estranho, não? Por que eles não entram e saem

mais, como costumavam fazer? O veterinário disse que o principal problema do nosso gato seriam os outros gatos, pois ele não conseguiria se defender com apenas uma pata. Mas ele sente falta dos outros.

Butchkin vai para o jardim, se senta e chama, chama... é um tom diferente daquele que usa conosco. É sedutor, bajulador, íntimo. Na casa ao lado há uma jovem gata que deixa a dona aflita, pois caça tordos e melros. Ela está longe de ser linda, ou mesmo bonita. Seu pelo é áspero, de um tom amarronzado, e ela é musculosa e encorpada. Não tem graça, nem charme, mas é uma caçadora mortal, e seus movimentos rápidos na direção das presas são como os movimentos de uma cobra, velozes e fluidos. É claro que achamos que não é boa o suficiente para o nosso lindo gato, mas ele quer que ela seja sua amiga, e fica chamando, virado para a casa dela, e chama mais, mas ela não vem e, por isso, ele entra desajeitadamente pela portinhola e se arrasta lá para cima. Ela deve estar pensando, E por que eu deveria me incomodar com aquele velho gato aleijado?

Certa tarde fiquei na varanda observando essa cena. Nosso gato está no jardim, chamando, e a gata da casa ao lado atravessa a cerca, mas sem olhar para ele. Passa por ele, indiferente. Butchkin faz barulhinhos amistosos, os mesmos que usa para nos cumprimentar. Ela continua andando e atravessa a cerca do outro lado. Ele vai atrás, passando com dificuldade por um pequeno buraco na cerca. A gata se posta sob a bétula que fica do outro lado daquele jardim, virada para ele, mas com o foco no infinito. Butchkin se senta a alguns passos de distância, cuidadosamente. Os dois gatos continuam sentados, numa comunhão qualquer. Então nosso gato tenta a sorte, se movendo com cuidado alguns passos de gato à frente. A gata se distancia um pouco, depressa. Ele senta, se equilibrando sobre o traseiro e a pata da frente. Ela se lambe um pouco. Essa jovem gata honesta não é nada coquete, despreza os ardis femininos, muito diferente da Gata Cinza, cuja vida está num passado tão distante; ela flertava, atraía e seduzia humanos e gatos

machos. Butchkin continua a observá-la. Então faz outro movimento, não diretamente na direção dela, mas num ângulo, e se senta de novo, mais próximo da gata do que antes, na verdade. Ela não reage. Eles continuam sentados, ela se lambendo, olhando em volta ou esticando uma pata para tocar um besouro ou alguma outra coisa se movendo na terra ali perto. Ele mia suavemente, uma, duas vezes. Nenhuma resposta. Então, após cerca de quinze minutos, ela passa por ele, bem perto, e se senta ao seu lado, mas virada de costas, olhando para a parte do jardim onde a vegetação é mais selvagem. Butchkin muda de posição para ficar sentado olhando para ela. Mia de novo, convidando, atraindo. Ela vai de maneira calma e deliberada para o jardim selvagem, onde fica invisível, embora a grama se mova no local por onde está passando. A gata pula sobre a cerca, onde Butchkin costumava ficar sentado observando os esquilos e os pássaros, mas que não consegue alcançar mais. E vai para a enorme planície verde que é o gramado do reservatório, que acabou de ser cortado. Butchkin chama por ela e depois entra em casa, subindo devagar a escada... estão ficando difíceis para ele nossos muitos lances de escada.

Ele tinha de subir e descer a escada já que usava o jardim para fazer xixi e defecar, e cheguei a me perguntar se gostaria de uma caixa de areia, porém achei que aquele gato independente talvez considerasse isso um insulto. Mas ficou claro que estava ficando penoso demais para ele, de modo que, agora, temos uma caixa de areia. Às vezes ele tenta sair, mas isso machuca seu ombro, cheio de nódulos e inchado.

Logo depois de ele amputar a pata, quando defecava, seus músculos tensionavam e operavam sob o sutil côncavo de sua pele onde antes estava seu ombro, enquanto tentava arrastar areia para cima do xixi ou do cocô. Ele continuava, olhava para ver o que estava acontecendo e tentava de novo, com os músculos que um dia tinham trabalhado duro movendo sua perna. E depois... parecia se sentir ridículo e constrangido. Olhava-me como quem dizia que esperava que eu não tivesse notado aquele vão esforço. Ele parou

de tentar cobrir seus excrementos. Agora, passa bastante tempo se posicionando sobre as três pernas, para ter certeza de que está bem equilibrado.

Seu lugar preferido é um sofá baixo na sala de estar. Era fácil subir nele e pular de lá. Há também uma caminha baixa perto do radiador, e ele se posiciona ali de maneira a receber o calor diretamente sobre o ombro dolorido. Butchkin costumava dormir na minha cama, mas há dois lances de escada estreitos e íngremes que ele não sobe mais. Sinto falta dele. Não acordo mais e o encontro esticado, olhando a noite, com os olhos amarelos luzindo, ou ouço os barulhinhos amistosos que acompanham meus dias conforme entro e saio dos cômodos. Que repertório ele tem, os rom-rons e meio rom-rons de boas-vindas, os uivos de boas-vindas, o pequeno grunhido que usa para mostrar que está ciente de uma situação, ou para agradecer, ou para alertar, estou aqui, cuidado, olhe meu ombro. Às vezes, o que ele diz não é tão agradável. Fica sentado na minha frente, me olhando de cara feia, e então solta uma série de miados raivosos, de uma nota só. Seria uma acusação? Não sei.

Quando Butchkin era um jovem gato, eu acordava, via que ele estava acordado e então, quando ele percebia que eu também estava, andava pela cama, se deitava no meu ombro, colocava as patas em torno do meu pescoço, encostava seu rosto peludo no meu e dava aquele suspiro profundo de satisfação que uma criança pequena dá quando finalmente é pego no colo por braços amorosos. E eu me ouvia suspirando em resposta. Ele ronronava e ronronava, até dormir nos meus braços.

Que luxo é um gato, os momentos chocantes e espantosos de prazer ao longo de um dia, o toque do animal, a aconchegante maciez sob sua mão, o calor quando você acorda numa noite fria, a elegância e o charme até mesmo nos felinos mais comuns. Um gato atravessa seu quarto e naquela ronda solitária você enxerga leopardo e até pantera, ou ele vira a cabeça para mostrar que está ciente de sua presença e a chama amarela daqueles olhos lhe

mostra que visitante exótico você tem ali, naquele amigo doméstico, o gato que ronrona quando você o acaricia, ou esfrega seu queixo, ou coça sua cabeça.

O cômodo abaixo do meu quarto tem uma cama, mas é uma cama alta, onde uma montanha de almofadas e cobertores empilhados o ajuda a subir e descer facilmente. Agora, ele ocupa apenas a sala de estar, fazendo viagens até a cozinha e seu telhadinho chato, e até o segundo andar, onde a caixa de areia lhe espera no patamar entre um lance de escada e outro.

Butchkin gosta de ser escovado com calma e cuidado, pois o pelo da região onde a pata da frente foi amputada fica áspero e emaranhado. Gosta de ser acariciado e massageado e que eu lhe esfregue a espinha do pescoço até a cauda, com a mão firme. Eu lavo as orelhas e os olhos dele, pois uma pata não é tão eficiente quanto duas. E ele lambe minha mão que, por alguns momentos, se transforma numa pata, de modo que eu possa esfregá-la no olho e na lateral que não alcança, diversas vezes, pois sua saliva, assim como a nossa, é curativa e mantém os olhos saudáveis.

Às vezes, se está deitado há muito tempo no sofá, só consegue descer com dificuldade, porque, assim como acontece comigo, ficou com as juntas duras depois de passar muito tempo na mesma posição, e então nem mesmo manca, mas rasteja penosamente, emitindo um miado frustrado, até seu outro lugar preferido, onde o calor do radiador vai soltar seus velhos ossos.

Não está indo mal, esse velho gato, com suas três patas, e as pessoas que entram no cômodo param a exclamam, “Que gato magnífico!”. Mas quando ele levanta e sai mancando, ficam em silêncio, principalmente se o viram, quando jovem, sair de uma sala com um ar altivo, ou ficar deitado no topo do cesto – para onde não consegue mais pular – com as duas patas cruzadas de maneira casual, o rabo balançando, os olhos calmos e profundos.

Quando você senta perto de um gato que conhece bem e coloca a mão sobre ele, tentando se ajustar aos ritmos daquela vida, tão diferente da sua, o gato às vezes ergue a cabeça e lhe cumprimenta

com um ruído suave diferente de todos os outros que faz, mostrando que sabe que você está tentando vivenciar sua existência. Ele fita você com aqueles olhos que estão sempre se ajustando às mudanças de luminosidade, você o olha de volta, com a mão pousada em seu corpo... Se um gato tem pesadelos, ele também tem que ter sonhos tão agradáveis e interessantes quanto os nossos. Talvez os sonhos dele possam levá-lo a lugares que eu conheço nos meus sonhos, mas jamais o encontrei neles. Sonho com gatos com frequência, adultos e filhotes também, e sou responsável por eles, pois sonhos com gatos são sempre lembretes dos nossos deveres. Os gatos precisam de comida ou de abrigo. Se os mundos oníricos de gatos e humanos não são os mesmos, ou parecem não ser, então, quando ele dorme, para onde viaja?

Ele gosta quando relaxamos juntos. Mas não é uma coisa fácil de fazer. Não adianta me sentar perto dele quando estou com pressa, ou pensando no que deveria estar fazendo na casa ou no jardim, ou no que deveria estar escrevendo. Há muito tempo, quando ele era filhote, aprendi que esse gato exigia a total atenção de alguém, pois sabia quando minha mente estava dispersa, e não adiantava fazer carinho nele mecanicamente, pensando em outra coisa, e muito menos lendo um livro. No segundo em que eu não estava mais presente, com foco absoluto nele, Butchkin se afastava. Quando me sento para estar com ele, isso significa que preciso desacelerar, me livrar da angústia e da urgência. Quando faço isso – e ele tem de estar no humor certo também, sem sentir dor, sem estar inquieto –, Butchkin sutilmente me mostra que compreende que estou tentando me aproximar dele, do gato, da essência do gato, encontrando o que há de melhor nele. Humana e gato, tentamos transcender aquilo que nos separa.



CORRUPÇÃO E PODER NO BRASIL

Uma história, séculos XVI a XVIII

Adriana Romeiro

COLEÇÃO HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

autêntica

Corrupção e poder no Brasil

Romeiro, Adriana
9788551302637
400 páginas

Compre agora e leia

Tão antiga quanto o Brasil, a corrupção está longe de ser um fenômeno exclusivo da atualidade. Desde o período colonial, teólogos e moralistas dedicaram-se a refletir sobre suas terríveis consequências para o governo dos povos. Como então se praticavam atos de corrupção? A que artifícios recorriam as autoridades coloniais para roubar os cofres régios e se enriquecer ilicitamente? Diante da roubalheira – tretas e manhas, como se dizia na época –, como reagiam os vassalos que aqui viviam? E, afinal, o que se entendia por corrupção? São essas questões que o livro de Adriana Romeiro busca responder. A partir de uma extensa pesquisa em arquivos históricos, a autora nos proporciona um mergulho em nosso passado para revelar as raízes desse mal que ainda persiste.

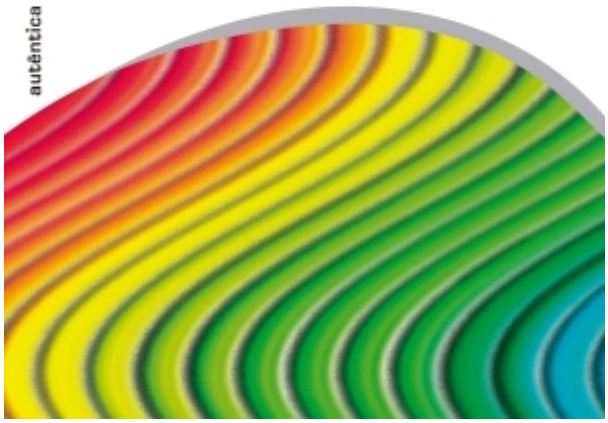
Compre agora e leia

Cadernos da Diversidade

Jogos para pensar:
Educação em Direitos Humanos e Formação para a Cidadania

Maria Lúcia Miranda Afonso
Flávia Lemos Abade

autêntica



Jogos para pensar

Abade, Flávia Lemos
9788582171479
96 páginas

Compre agora e leia

Uma Educação em Direitos Humanos tem se colocado como tarefa das mais relevantes para as instituições de ensino de todo o País, a partir do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que se desdobra nas Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, aprovadas em 2012. Como enfrentar esse desafio sem encerrar em escaninhos algo que transcende as fronteiras disciplinares? As autoras deste livro propõem que a Educação em Direitos Humanos (EDH) não seja um mero repasse de informações, e buscam equilibrar a discussão sobre os direitos já conquistados com as questões que emergem nas novas reivindicações sociais.

Além de uma consistente revisão de literatura sobre a EDH, a obra destaca a importância da dimensão lúdica para a vida em sociedade, defendendo a capacidade de brincar como integrante das ações que o homem opera sobre si e seu mundo. É a partir dessa perspectiva que Maria Lúcia Miranda Afonso e Flávia Lemos Abade tomam a responsabilidade de propor e discutir o uso de jogos pedagógicos na EDH e na formação para a cidadania.

Compre agora e leia


DEBORAH
LEVY
Coisas que não quero saber
Uma resposta ao ensaio "Por que escrevo", de George Orwell
autêntica

Coisas que não quero saber

Levy, Deborah
9788582178539
128 páginas

Compre agora e leia

Deborah Levy, sul-africana radicada em Londres, é uma das vozes mais originais e transgressoras da literatura de língua inglesa. Em Coisas que não quero saber ela tece uma resposta, feminina, ao conhecido ensaio de George Orwell "Por que escrevo”, de 1946. Aqui ela reflete, literariamente, sobre as razões que a levaram a escrever, tendo como pano de fundo a África do Sul, onde cresceu e onde seu pai foi preso por lutar contra o apartheid; o subúrbio londrino em que, exilada, passou a adolescência; e Maiorca, a ilha espanhola que é como um refúgio na maturidade. Neste relato vívido e perspicaz sobre como despretensiosos detalhes da vida pessoal de uma autora podem ganhar força na ficção, Levy sugere muito mais do que de fato diz. De certa forma, uma versão atualizada de "Um teto todo seu”, de Virginia Woolf, esta elegante autobiografia literária desvela a necessidade da mulher de dizer o que pensa, de projetar sua voz e ocupar seu lugar no mundo.

Compre agora e leia



ABRIR A HISTÓRIA

NOVOS OLHARES SOBRE O SÉCULO XX FRANCÊS

Jean-François Sirinelli

COLEÇÃO HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

autêntica

Abrir a história

Sirinelli, Jean-François
9788582174340
128 páginas

Compre agora e leia

Jean-François Sirinelli é um dos nomes mais destacados da historiografia francesa atual, sendo autor de livros importantes no campo da História do Tempo Presente. Várias de suas publicações tornaram-se obras de referência, por abordarem temas fundamentais para a história do século XX, como os intelectuais, as direitas, a cultura de massa e a ebulição político-cultural dos anos 1960. Suas pesquisas situam-se no (ou propõem um) encontro entre o político e o cultural, resultando em reflexões férteis e originais. Além de contribuir para o conhecimento histórico propriamente dito, os trabalhos do autor são inspiradores na busca de instrumentos teórico-conceituais adequados ao estudo dos fenômenos próximos do nosso tempo.

Neste belo livro, escrito com elegância e clareza, ele revisita alguns de seus temas prediletos, que implicam questões importantes para os historiadores e demais interessados nesse campo: as relações complexas entre história e memória, o impacto das guerras, a influência das culturas políticas, a história cultural do político, as mídias e a democracia, os dilemas da história política ante a ampliação de escalas espaciais (transcendendo as fronteiras

nacionais) e temporais. Um dos pontos altos do livro é sua contribuição para o debate sobre os limites cronológicos da história do tempo presente, em que Sirinelli usa a bem inspirada metáfora do pôlder.

Muitas são as razões para ler este livro. Quem o fizer não se arrependerá.

Rodrigo Patto Sá Motta

Compre agora e leia


O PAPEL SOCIAL
DO HISTORIADOR
Da cátedra ao tribunal
Olivier Dumoulin
COLEÇÃO HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA
autêntica

O papel social do historiador

Dumoulin, Olivier
9788551301876
328 páginas

Compre agora e leia

Qual é a razão de ser do historiador hoje? Estamos em presença de uma arte, de um ofício ou de uma técnica? Afinal, o que justifica uma atividade na aparência inútil? Existe um preço pago pela sociedade que obriga o historiador a definir a natureza de sua tarefa e o sentido de sua intervenção? Aliás, qual o engate do historiador com o mundo público, onde são tecidas as opiniões compartilhadas por nós? O conhecimento de determinado período torna o historiador uma testemunha na justiça, em casos de reparação de direitos? Cabe a ele tanto estar a serviço de um público quanto vender consultoria e expertise a um cliente determinado? Neste livro, Olivier Dumolin apresenta as formas de atuação que o historiador encontrou, na França e no mundo anglo-saxão, para garantir sua utilidade social – e os efeitos potenciais de suas escolhas.
Heloisa Murgel Starling

Compre agora e leia